



FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA

Margarida de Ochôa Nunes

# O PAPEL DA IGUALDADE DE GÉNERO NO ENSINO DA FILOSOFIA

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, orientado pela Professora Doutora Elsa Margarida da Silva Rodrigues e pelo Professor Doutor Alexandre Franco De Sá apresentado ao Conselho de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Julho de 2023

# FACULDADE DE LETRAS

## O PAPEL DA IGUALDADE DE GÉNERO NO ENSINO DA FILOSOFIA

### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de Estágio</b>
<b>Título</b>	<b>O Papel Da Igualdade De Género No Ensino Da Filosofia</b>
<b>Autora</b>	<b>Margarida de Ochôa Nunes</b>
<b>Orientadores</b>	<b>Elsa Margarida da Silva Rodrigues Alexandre Guilherme Barroso Matos Franco Sá</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro Vogais: Doutor João Paulo Cabral de Almeida Avelãs Nunes Doutor Alexandre Guilherme Barroso Matos Franco Sá</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário</b>
<b>Área científica</b>	<b>Formação de Professores</b>
<b>Especialidade</b>	<b>Ensino de Filosofia no Ensino Secundário</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>25 de Julho de 2023</b>
<b>Classificação do Relatório</b>	<b>17 valores</b>
<b>Classificação do Estágio e Relatório</b>	<b>16 valores</b>



## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Professora Doutora Elsa Margarida da Silva Rodrigues por ter sido uma excelente orientadora, assim como uma fonte de inspiração, não só para o desenvolvimento e melhoramento da tese, mas para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Agradeço também ao Professor Doutor Alexandre Franco Sá pela sua atenção e disponibilidade ao longo de todo o estágio curricular.

De seguida, agradeço à minha mãe, Maria João Ochôa, por ser desde sempre um exemplo de coragem e de superação, por lutar pela realização dos meus sonhos e por acompanhar cada passo que dou. Sem o seu auxílio nunca teria sido capaz. À minha prima e madrinha, Marta Ochôa, agradeço por mais uma vez auxiliar-me e por toda a dedicação e esforço que depositou neste relatório de estágio. Sou-lhe grata por toda a sua ajuda.

Por fim, desejo agradecer aos meus colegas de mestrado, pois todos, de uma maneira ou de outra, ajudaram a concretização deste relatório. Realço a colega Eugénia Patrício, por acompanhar cada momento e embarcar nesta aventura comigo, e a colega Helena Pinela, uma amizade que guardo e valorizo com ternura.

## RESUMO

### O Papel Da Igualdade De Género No Ensino Da Filosofia

O texto que se apresenta neste documento reporta ao período de estágio pedagógico, realizado na Escola Secundária de Camões, em Lisboa, entre setembro de 2022 e maio de 2023, referente ao curso de 2º ciclo de Formação de Professores de Filosofia no Ensino Secundário.

A primeira parte do relatório poderá ser encarada como um primeiro momento, sendo este apenas teórico, e percorre cronológica e tematicamente a evolução das distintas atividades letivas e extra letivas.

A segunda parte corresponde ao momento empírico e prático da experiência de estágio, em que o principal objetivo consiste em demonstrar a insuficiência da representação de mulheres, Filósofas e não só, no Programa de Filosofia e nos manuais escolares. Apesar de menosprezadas e ocultas, existiram (e existem) inúmeras Filósofas extremamente importantes para a Filosofia.

O presente trabalho surge então com o principal propósito de restituir o papel devido e merecido às mulheres, permitindo ao mesmo tempo elucidar o possível impacto que a ausência de mulheres na Filosofia causa no ensino. Pretende-se ainda demonstrar de que forma esta ausência poderá refletir-se no modo como os alunos encaram a diferença de género e a importância das mulheres na Filosofia, na Ciência e na Arte.

Tendo em conta o tópico selecionado, a bibliografia utilizada para a investigação teórica realizada neste relatório é bastante abrangente. As principais obras utilizadas para esta pesquisa foram *As mulheres na Filosofia e Também há Mulheres Filósofas*, de Maria Luísa Ribeiro Ferreira e *Uma Vindicação dos Direitos da Mulher*, de Mary Wollstonecraft. As restantes obras secundárias *Emílio ou da Educação*, de Jean-Jacques Rousseau e *Geração dos Animais*, de Aristóteles, permitiram adquirir uma visão oposta das obras já mencionadas.

**Palavras-chave:** Ensino, Filósofas, Género, Igualdade, Mulheres.

## ABSTRACT

### **The Role of Gender Equality in Philosophy Teaching**

The text presented in this document reports to the period of pedagogical internship, held at Escola Secundária de Camões, in Lisbon, between September 2022 and May 2023, referring to the 2<sup>nd</sup> cycle of Philosophy Teacher Training in Secondary Education.

The first part of this report can be regarded as a first section, which is only theoretical, and covers both chronologically and thematically the evolution of the different activities held, both teaching and extra-curricular.

The second part corresponds to the empirical and practical moment of the internship experience, in which the main objective was to demonstrate the insufficient representation of women, philosophers and others, in the Philosophy Program and in school manuals. Despite being overlooked and hidden, there were (and still are) countless female philosophers who are extremely important to Philosophy.

The present report has the main purpose of restoring the role that women deserve, and, consequently, to elucidate for the possible impact that the absence of women in Philosophy causes in teaching. It is also intended to demonstrate how this can be reflected in the way students face gender differences and the importance (or lack thereof) of women in Philosophy, Science and Art.

Due to the selected topic, the bibliography used for the theoretical investigation carried out in this report is quite comprehensive. The main works used for this research consisted of the following: *As mulheres na Filosofia e Também há Mulheres Filósofas*, by Maria Luísa Ribeiro Ferreira and *A Vindication of Women's Rights*, by Mary Wollstonecraft. The remaining secondary works *Emilio or on Education*, by Jean-Jacques Rousseau and *Generation of Animals*, by Aristotle, enabled an opposite view of the works already mentioned.

**Keywords:** Education, Equality, Gender, Philosophers, Women.

## Índice

Introdução.....	6
Enquadramento legal da Prática Pedagógica Supervisionada.....	7
Contexto concreto do estágio.....	11
A escola.....	11
A turma.....	14
Descrição das ações desenvolvidas.....	15
A colisão com a realidade.....	20
Competências a desenvolver nos alunos.....	23
O Papel Complexo Do Professor Estagiário.....	24
Domínio de investigação privilegiado durante o estágio.....	28
Reflexão face ao tema escolhido.....	28
A Importância da Representatividade feminina na Filosofia, Ciência e Arte.....	32
Atividade (referente ao tema do relatório) realizada em aula.....	36
Análise aos manuais escolares.....	38
10.º ano.....	39
Manual: <i>Como Pensar Tudo Isto?</i> .....	39
Manual: <i>Do Outro Lado Do Espelho</i> .....	39
Manual: <i>Ponto de Fuga 10</i> .....	41
Manual: <i>Ágora 10</i> .....	43
Manual: <i>Em Questão 10</i> .....	45
11.º ano.....	48
Manual: <i>Desassossegadamente 11</i> .....	48
Manual: <i>Espanto 11</i> .....	51
Manual: <i>Ágora 11</i> .....	52
Manual: <i>Em questão 11</i> .....	54
Manual: <i>Ponto de fuga 11</i> .....	54
Conclusões gerais após a análise dos manuais escolares.....	56
Entrevistas.....	58
Entrevistas: Professora Doutora Fernanda Henriques.....	61
Entrevistas: Professor Doutor Domingos Faria.....	66
Entrevistas: Professor Doutor António Manzarra.....	70
Conclusões gerais após a análise das entrevistas.....	73

Notas finais .....	76
Bibliografia .....	78
Bibliografia Secundária: .....	80
Anexos .....	81

## **Introdução**

O presente Relatório de Estágio surge no âmbito do Curso de 2º ciclo – Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Encontra-se separado em duas partes, sendo a primeira parte sobre a descrição da Prática Pedagógica Supervisionada, apresentando o enquadramento legal em que se efetuou o estágio.

Ademais, pretende-se, nesta parte inicial, apresentar a experiência vivenciada quer no contexto escolar, quer na sala de aula, sendo o seguimento desta reflexão, a segunda parte deste relatório. O estágio referido neste documento realizou-se na Escola Secundária de Camões, em Lisboa, durante o ano letivo 2022/2023.

Na segunda parte deste documento pretende-se analisar a problemática da representatividade feminina no Programa de Filosofia e nos manuais escolares, pois tal como Simone de Beauvoir (2009) demonstrou, as mulheres foram e são vistas como o outro, pertencem a outra esfera social com direitos, deveres e modos de agir diferenciadas dos homens. Um exemplo paradigmático deste infortúnio, é a ausência da presença feminina no processo educativo do Programa de Filosofia.



## Enquadramento legal da Prática Pedagógica Supervisionada

A Prática Pedagógica Supervisionada, comumente definida como estágio, encontra os seus fundamentos em diferentes documentos legais. Destacam-se as Leis de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto), documento basilar para o quadro geral do sistema educativo português e aplicado a todas as disciplinas que integram a Escolaridade Obrigatória. Este documento apresenta a primeira referência institucional / burocrática para o enquadramento do ensino da disciplina de Filosofia, e, não obstante o seu cariz geral, apresenta diversos pontos que referem questões relativas ao papel desta disciplina no Ensino. Entre os diferentes pontos, é relevante salientar os seguintes:

“Subsecção II

Ensino Secundário

Artigo 9.º

(Objetivos)

O Ensino Secundário tem por objetivos:

- a) Assegurar o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica e o aprofundamento dos elementos fundamentais de uma cultura humanística, artística, científica e técnica que constituam suporte cognitivo e metodológico apropriado para o eventual prosseguimento de estudos e para a inserção na vida ativa;
- b) Facultar aos jovens conhecimentos necessários à compreensão das manifestações estéticas e culturais e possibilitar o aperfeiçoamento da sua expressão artística;
- c) Fomentar a aquisição e aplicação de um saber cada vez mais aprofundado assente no estudo, na reflexão crítica, na observação e na experimentação;”<sup>1</sup>

A Filosofia, enquanto disciplina, permite o desenvolvimento de todos estes objetivos mencionados, visto que “(...) ela trata de questões conceituais e fundamentais acerca de nós próprios e do mundo, isto é, faz perguntas que nos levam a reavaliar os conceitos e convicções

---

<sup>1</sup> Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, *Leis de Bases do Sistema Educativo*, Diário da República n.º 237/1986, Série I de 1986-10-14 – 14 de outubro de 1986, disponível em <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/lei/1986-34444975>.

mais básicos em que nos apoiamos para pensar sobre tudo o resto, como as noções de bem, mal, conhecimento, verdade, justiça, beleza, liberdade.”<sup>2</sup>

Destaca-se também o Decreto-lei n.º 107/2008, de 25 de junho, documento que estabelece a nomeação de uma uniformidade relativamente aos cursos superiores, sendo o grau de Mestre unicamente suscetível de atribuição no final do segundo ciclo de estudos. O segundo ciclo, ou Mestrado, visa aprofundar os conteúdos aprendidos no primeiro ciclo. Para isso, os estudantes devem concluir com sucesso todas as unidades curriculares do plano de estudos, e elaborar uma tese, ou, no caso de um estágio profissional, um relatório de estágio. Como se pode ler no referido documento:

### “Capítulo III

#### Mestrado

#### Artigo 23.º

#### Concessão do grau de mestre

O grau de mestre é conferido aos que, através da aprovação em todas as unidades curriculares que integram o plano de estudos do curso de mestrado e da aprovação no ato público de defesa da dissertação, do trabalho de projeto ou do relatório de estágio, tenham obtido o número de créditos fixado.”<sup>3</sup>

Por fim, importa referir o Regulamento de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, documento que define as competências do Conselho de Formação de Professores da FLUC e respetivas Comissões de Área Científico-Pedagógica, apresentando também as normas a seguir na formação de Professores e na sua organização administrativa.

Acrescenta-se aos exemplos supracitados, o Plano Anual Geral de Formação<sup>4</sup>, um documento orientador do planeamento anual das atividades comuns à prática Pedagógica Supervisionada dos cursos de segundo ciclo em Ensino, em funcionamento na Faculdade de

---

<sup>2</sup> Almeida, A. (2020) *O que é a Filosofia e quais as suas questões?*, disponível na plataforma digital RTP Ensina: <https://ensina.rtp.pt/explicador/o-que-e-a-filosofia-e-quais-as-suas-questoes/>, visto pela última vez no dia 10 de junho de 2023 às 13:30 horas.

<sup>3</sup> Decreto-Lei n.º 107/2008 de 25 de Junho, Diário da República, Série I, N.º 121 — 25 de Junho de 2008, disponível em <https://www.fenprof.pt/media/download/F5C9B49E3DDF600D803A300A9FE2EAB6/dl-107-2008.pdf>.

<sup>4</sup> Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2018) *Plano Anual Geral de Formação*. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/docspdf/planoanual/>.

Letras da Universidade de Coimbra. Tendo por base este documento foi elaborado o Plano Individual de Formação, com o propósito de organizar o conjunto de atividades que deverão constituir a experiência da Prática Pedagógica Supervisionada, sendo que algumas destas detêm um carácter obrigatório, nomeadamente:

— Elaboração e/ou debate de planificações – de longo, médio e curto prazos, de recursos didáticos e de instrumentos de avaliação no âmbito do Núcleo de Estágio.

— Observação de todas as aulas lecionadas pelos outros Estagiários do Núcleo de Estágio. Não obstante, podem e devem ser realizadas outras atividades de carácter facultativo, tais como:

— Participação, com o estatuto de observador, em reuniões e atividades de gestão escolar.

— Participação em atividades extralectivas e de intervenção socioeducativa realizadas na Escola e/ou junto da comunidade envolvente.

Outros elementos fundamentais para a realização do presente relatório, incluem o *Programa de Filosofia*<sup>5</sup>, as *Aprendizagens Essenciais* (com maior enfoque nas *Aprendizagens Essenciais do 11º ano*<sup>6</sup>), o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*<sup>7</sup>, o *Projeto Educativo da Escola Secundária de Camões (2019-2022)*<sup>8</sup> e o *respetivo Regulamento Interno*<sup>9</sup> da instituição mencionada e o *Decreto-Lei N.º 120/2006 de 23 de junho*.<sup>10</sup>

A análise do *Programa de Filosofia*, e das *Aprendizagens Essenciais 10<sup>o</sup><sup>11</sup> e 11<sup>o</sup><sup>12</sup> anos*, permitiram recordar o papel fulcral da Filosofia durante o Ensino Secundário. Esta disciplina, através do seu perfil crítico e organizado, representa uma firme contribuição para o desenvolvimento das diferentes áreas de competências referidas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Entre as quais poderemos expor, como exemplos da ligação entre as áreas de competências e as temáticas lecionadas ao longo dos programas de Filosofia, as

---

<sup>5</sup>Disponível em:

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos\\_Disciplinas\\_novo/filosofia\\_10\\_11.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/filosofia_10_11.pdf), revogado pelo [despacho 6605-A/2021, de 6 de julho](#)).

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/11\\_filosofia.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/11_filosofia.pdf), em vigor de acordo com o previsto no artigo 38.º do [Decreto-Lei n.º 55/2018](#), de 6 de julho.

<sup>7</sup> Disponível em:

[https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto\\_Autonomia\\_e\\_Flexibilidade/perfil\\_dos\\_alunos.pdf](https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf)

<sup>8</sup> Disponível em: <https://liceucamoes.wixsite.com/camoes/projeto-educativo>.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://liceucamoes.wixsite.com/camoes/documentos-da-escola>.

<sup>10</sup> Decreto-Lei N.º 120/2006 de 23 de junho, disponível em:

<http://www.proder.pt/ResourcesUser/Legisla%C3%A7%C3%A3o/Nacional/Lein%C2%BA21-2006.pdf>

<sup>11</sup> Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/10\\_filosofia.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/10_filosofia.pdf)

<sup>12</sup> Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/11\\_filosofia.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/11_filosofia.pdf)

áreas de competência C e D, respetivamente “Raciocínio e resolução de problemas” e “Pensamento crítico e pensamento criativo”. A título de exemplo podemos referir o tema “Ética, direito e política — liberdade e justiça social”, lecionado do 10ºano. Ao formular o problema da organização de uma sociedade justa deveremos apresentar aos alunos casos reais concretos, eticamente problemáticas (como o problema mencionado) e pedir que os mesmos tomem uma decisão face ao caso que lhes é apresentado. Através deste exercício é possível desenvolver nos estudantes um espírito criativo, crítico e autónomo, como acontece, de resto, com todos os outros temas lecionados ao longo dos dois anos, sejam relativos à Ética, à Epistemologia, à Filosofia da Arte ou à Filosofia da Religião

Outra temática que representa de modo claro a presença de uma área de competência, concretamente a competência H “Sensibilidade Estética e Artística”, é “A Dimensão Estética - Análise e Compreensão da Experiência Estética (Filosofia da arte)”, lecionada no 11.º ano. Aqui, como em todas as outras unidades, pretende-se que o estudante seja conhecedor, organizador e comunicador perante os conteúdos lecionados, reforçando desse modo as competências A – “Linguagens e textos”, B- “Informação e Comunicação”, C – “Pensamento crítico e pensamento criativo”. No entanto, com a Filosofia da Arte, procura-se ainda suscitar nos alunos a criatividade, não só na forma como resolvem os diversos problemas filosóficos que lhes são apresentados, mas também no modo como pensam acerca das inúmeras formas de manifestação cultural, ou na sua capacidade em desenvolver um pensamento estético sobre a arte.



Figura 3 – Esquema das áreas de competências, Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

13

<sup>13</sup> Figura pertencente ao documento - *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, página 20.

O Programa de Filosofia permite ainda guiar os atuais e futuros profissionais no sentido de três princípios: o princípio da progressividade das aprendizagens, o princípio da diferenciação das estratégias e o princípio da diversidade dos recursos. Estes três princípios permitem desenvolver nos Professores métodos que auxiliem e evitem dificuldades durante a instrução das *Aprendizagens Essenciais*.

A interligação destes documentos com o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, torna-se clara no próprio documento das *Aprendizagens Essenciais do 11.º Ano*, através da seguinte citação: “No conjunto do currículo, e tendo em conta o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, a disciplina de Filosofia, ao colocar o aluno como aprendiz ativo e responsável, contribui para ser questionador, investigador, crítico, organizador, informado e autoavaliativo.”<sup>14</sup>

A análise realizada ao *Projeto Educativo* e ao *Regulamento Interno da Escola Secundária de Camões*, tornou possível a compreensão das suas principais características e o modo como a instituição se enquadra na realidade do Ensino Português atualmente. O regulamento interno da escola supramencionada, permitiu compreender os direitos e deveres dos vários elementos da comunidade educativa. Igualmente, a leitura do *Projeto Educativo* da mesma instituição possibilitou a aquisição de uma visão mais clara e precisa acerca dos objetivos educativos da escola, que vão de encontro quer aos objetivos do PASEO, quer das referidas *Aprendizagens Essenciais de Filosofia* ao promover a formação de alunos autónomos, críticos e respeitadores.

## Contexto concreto do estágio

### A escola

A atual Escola Secundária de Camões, inicialmente conhecida como Liceu Nacional de Lisboa, foi o segundo liceu de Lisboa, concebido em 1902. Com o aumento da população escolar, aliado à inexistência de Laboratórios de Física, Química e Zoologia, e de um espaço apropriado à prática de Educação Física, foi essencial a criação de um novo edifício que detivesse condições de espaço e higiene, e incluísse um conjunto de infraestruturas relacionadas à prática de desporto. Durante a procura de um novo edifício vários lugares foram considerados,

---

<sup>14</sup> *Aprendizagens Essenciais Do 11.º Ano* (2018), página 2. Disponível em [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/11\\_filosofia.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/11_filosofia.pdf).

tais como o Real Ginásio Clube ou o Teatro Nacional D. Maria II. No entanto, devido ao elevado número de alunos que estudava no liceu, que nessa época abrangia quinze freguesias, seria inadiável a construção de um edifício.

Em 1907, o projeto, criado pelo arquiteto Ventura Terra, foi concretizado e o liceu transformou-se numa referência da arquitetura, tendo sido o primeiro liceu moderno de Lisboa. Foi ainda promovido pelo Estado, no âmbito de uma política de incentivo ao Ensino Secundário. Ao longo da sua construção (durante o mês de janeiro do ano 1908 e outubro de 1909), recorreu-se aos materiais existentes da época: ferro e tijolo. Durante toda a obra foram consideradas não só as dimensões e quantidade de salas, mas houve também uma procura pelo máximo de luz natural, criação de espaços de convívio (como a papelaria, a livraria e a cantina) e outros locais adequados a prática de atividade física. A composição arquitetónica classicista, modelada pelo átrio principal e pelas colunas, permanece, até à data, inalterada.

Após a revolução de 25 de Abril de 1974, acompanhando as mudanças no país, ocorreram diversas alterações nos liceus, nomeadamente, a sua designação, que foi alterada para Escola Secundária. Contudo, devido à sua historicidade, esta instituição continua a ser apelidada de Liceu Camões. Várias figuras célebres da história e da cultura portuguesa, estudaram ou lecionaram no Liceu Camões, tais como Mário de Sá-Carneiro, Vergílio Ferreira, António Lobo Antunes, António Manuel de Oliveira Guterres, entre outros.

A escola encontra-se em obras desde agosto de 2019, apresentando diversos espaços exteriores cobertos de entulho e várias estruturas de andaimes espalhadas pelo recinto escolar. Estas obras não têm uma data final prevista e, tanto alunos como alguns docentes, demonstram incómodo devido ao barulho causado e à falta de infraestruturas, visto que uma grande parte das aulas ocorre em contentores.

Como referido no capítulo anterior, através da análise do *Projeto Educativo* e do *Regulamento Interno da Escola Secundária de Camões*, é possível compreender o modo como esta instituição valoriza uma prática educativa que procura nas artes uma fonte de liberdade e criatividade, tornando a escola mais apelativa para os encarregados de educação e estudantes.

Esta instituição detém uma forte diversidade a nível formativo, disponibilizando cursos profissionais, cursos de prosseguimento de estudos, ensino recorrente em horário pós-laboral, cursos de Educação e Formação de Adultos, o centro Qualifica, cursos de Português Para Todos

e Ensino Secundário Recorrente à Distância – uma oferta formativa apenas presente nesta escola, e numa escola pertencente ao agrupamento de escolas de Mangualde.<sup>15</sup>

A escola privilegia, através dos seus diversos projetos<sup>16</sup>, o seu património histórico, (sendo claro o reconhecimento atribuído à história do Liceu através do seu museu, arquivo e biblioteca) sem menosprezar a importância que o futuro representa para a educação. Além disso, está presente uma forte cultura de tolerância e uma constante procura pelo bem-estar e segurança dos alunos. Deste modo, através dos inúmeros projetos que se desenvolvem diariamente no seio escolar, torna-se claro o carácter humanista e cultural desta instituição. Por este motivo, pelos resultados escolares, pelo seu nível de gestão e funcionamento e a sua qualidade de formação e educação, a Escola Secundária de Camões é uma referência a nível nacional.

Desde o seu início, a história desta escola foi definida pelo impacto cultural e científico, e pelo espírito revolucionário transmitido por todos os estudantes que a frequentaram. Este associativismo continua marcado nos alunos do presente, como é exemplo a iniciativa “Ocupa Camões pelo fim ao Fóssil”, um movimento criado pelos estudantes, com o intuito de apoiar a “Greve Climática Estudantil”. Das instituições de ensino que apoiaram a causa, apenas duas eram escolas secundárias: a Escola Secundária Camões e a Escola António Arroio.<sup>17</sup> Também a crescente adesão à Associação de Estudantes, gerida e organizada pelos alunos, demonstra a gradual participação dos mesmos no associativismo.

A população escolar do liceu Camões, nos últimos anos, tem variado entre os 1800 a 1900 alunos, a maioria jovens entre os 15 e os 20 anos, provenientes de todos os estratos sociais e de diversas origens. Ademais, a escola tem vindo a integrar um número crescente de alunos imigrantes de inúmeras nacionalidades, provenientes de países como o Nepal, Índia, França, entre outros. É importante notar a baixa taxa de alunos que beneficia de ação social escolar

---

<sup>15</sup> <https://www.escolasdemangualde.pt/alunos/esrad/>, página onde se encontra toda a informação referente ao projeto “Ensino Secundário Recorrente a Distância.”

<sup>16</sup> Enumerando apenas alguns dos projetos existentes na escola: *APRENDER + (espaço de reforço de aprendizagens)*; *Boletim escolar Confluências*; *Camões Creative Writing Contest*; *Ler para Viver*; *Camões English Theatre Company*; *Camusicando*; *CineClubeCamões*; *Clube Desportivo Escolar Camões*; *Concertos abertos da Antena 2*; *Concurso Literário Camões*; *Coro Camões*; *Erasmus +*; *Grupo de Teatro da Escola Secundária de Camões*; *Grupo de teatro de alemão-Alemão em Cena*; *HEUREKA-Cenas etimológicas gregas*; *Laboratório de História e Ciência Política, Máquina do Mundo – Oficina Experimental de Design*; *Oficina de Cinema Camões e Os filhos de Lumière*.

<sup>17</sup> <https://sicnoticias.pt/especiais/crise-climatica/2022-11-10-Alunos-em-protesto-pelo-clima-exigem-fim-dos-combustiveis-fosseis-e-demissao-do-ministro-da-economia-948f2f0e> e <https://sicnoticias.pt/especiais/crise-climatica/2022-11-10-Mais-de-50-estudantes-bloqueiam-escola-Antonio-Arroio-em-Lisboa-fb321123>, duas notícias referentes ao impacto causado pelos estudantes apoiantes do grupo “Ocupa Arroio” e “Ocupa Camões”.

(escalão A – 70 alunos, escalão B – 61 alunos, escalão C- 10 alunos). Porém, o refeitório escolar oferece refeições e alimentos a preços adequados, o que permite toda a comunidade escolar usufruir do espaço.

### **A turma**

Ao longo das duas primeiras semanas de estágio, foram acompanhadas as turmas 11º A e 11º B, ambas pertencentes ao curso Ciências e Tecnologias. Contudo, após o pedido do Professor Orientador, António Cadima Mendonça, foi atribuída a cada uma das Professoras-Estagiárias uma turma, tendo sido atribuída à autora a 11º B. Apesar de possíveis dificuldades que os alunos poderiam apresentar face à disciplina lecionada, todos os membros da turma se revelaram calmos, sossegados, preocupados e acolhedores. A maioria dos alunos tinha entre 15 e 16 anos, provenientes de classes médias-alta, existindo apenas 4 alunos com SASE (Serviço de Ação Social Escolar), sendo a maioria caucasianos e do sexo feminino (14 alunas do sexo feminino e 6 alunos do sexo masculino). Deste grupo de alunos nenhum era repetente, contudo durante a transição entre o 10.º ano e o 11.º ano, um aluno reprovou e outra aluna entrou na turma. No final do ano letivo anterior, cinco alunos concluíram os estudos do 10.º ano com uma média superior ou igual a 17,00 valores.

Relativamente à disciplina de Filosofia, a média da turma foi 13,86 valores, nenhum aluno concluiu o ano letivo 2021/2022 com menos de 10,00 valores e houve cinco alunos a terminar a disciplina no ano anterior com uma classificação igual ou superior a 16,00 valores.

O início do ano escolar ocorreu no dia 16 de setembro de 2022, tendo a Prática Pedagógica Supervisionada iniciado no dia 23 de setembro, tendo sido possível iniciar esta experiência no início do primeiro tópico de Filosofia de 11.º ano, a Filosofia do Conhecimento.

É importante referir que a reação dos estudantes face à presença das Professoras-Estagiárias foi extremamente positiva, tendo os alunos demonstrado curiosidade e atenção a toda a informação partilhada pelo Professor Orientador acerca das mesmas, e este espírito foi mantido ao longo da Prática Pedagógica Supervisionada. Este contacto inicial positivo permitiu estabelecer uma relação agradável, apropriada e profissional com os alunos. Os estudantes entre si relacionavam-se todos bem, dado que na sua maioria já tinham sido colegas anteriormente, assim como já tinha sido alunos do Professor Orientador.



Tendo em conta os períodos de aula e as respetivas interrupções, o Professor Orientador António Cadima definiu as datas dos momentos de avaliação do seguinte modo: os estudantes realizaram quatro testes (04/11, 02/12, 10/03 e 19/5). Além disso, os alunos realizaram um trabalho escrito e a sua respetiva apresentação oral, tendo sido escolhido o dia 11 de janeiro como data-limite de entrega e dia 13 de janeiro para o início das apresentações dos trabalhos.

### **Descrição das ações desenvolvidas**

A Prática Pedagógica Supervisionada, foi realizada na turma 11º B, da área Científico-Tecnológica, da Escola Secundária de Camões para o presente ano letivo (2022/2023). Esta era uma das turmas atribuídas ao Orientador de Estágio, e foi acompanhada durante todo o ano.

Todas as atividades referidas no Plano Anual Geral de Formação como obrigatórias foram concretizadas, sendo que as planificações realizadas foram sujeitas a aprovação e apreciação por parte do Professor Orientador, após a data de entrega estabelecida pelo mesmo.

Relativamente às aulas lecionadas pela colega Professora-Estagiária, todas foram comparecidas, tendo sido prestado auxílio sempre que necessário. Foi também marcada presença nas aulas lecionadas pelo Professor Orientador à turma 11º B, que o Orientador de Estágio pretendia que as Professoras-Estagiárias assistissem.

No que se refere às aulas lecionadas, no primeiro período letivo foram realizadas três aulas (entre o dia 14 e 21 de outubro). A primeira aula decorreu no dia 14 de outubro de 2022, tendo sido decidido pelo Professor Orientador realizar uma correção e revisão dos conteúdos lecionados nas aulas anteriores. As páginas visadas do manual *O Espanto* foram a 31, 39 e 51. No decorrer da aula, todos os alunos corresponderam muito bem ao ritmo de aprendizagem, e responderam sempre que foram colocadas questões. Para avaliar a participação dos alunos foi criado um documento de registo de aula, em anexo neste relatório<sup>18</sup>. As dificuldades iniciais sentidas, motivadas pelo nervosismo, foram suprimidas ao longo das aulas posteriores.

Na segunda aula, tomando como base as características dos alunos e o seu nível de participação, a metodologia selecionada foi a conceptualização, para lecionar o tema “O

---

<sup>18</sup> Documento de registo de aula no anexo 1.

Fundacionalismo Empirista de David Hume”. Ao longo da aula, os alunos foram acompanhados enquanto aprendiam a matéria e transcreviam os recentes conhecimentos na ficha de trabalho, entregue no início da aula. Esta ficha permitiu que os estudantes acompanhassem a matéria num ritmo adequado às suas características e à sua taxa de comunicação entre si e a Professora. Este método permite, idealmente, que todos os alunos, incluindo os que poderão revelar mais dificuldades, consigam acompanhar a matéria.

Além disso, foram utilizadas diversas técnicas com o objetivo principal de aumentar a participação autónoma, espontânea e dinâmica dos alunos. Utilizou-se o visionamento de um vídeo no começo da aula, de modo a recordar o problema filosófico abordado nas preleções anteriores, acompanhado por um documento, e seguido de um exercício prático que os alunos deveriam realizar, individualmente, nos seus cadernos e apresentar no quadro a solução.

Outra técnica empregue, com o intuito de elucidar e esclarecer o conceito “Princípio da Cópia”, consistiu numa experiência sensorial. Antes de apresentar o termo, foram entregues aos alunos gomas e chocolates. Após saborearem estes doces, foi-lhes pedido que explicassem em que é que consistiam os doces — os seus sabores, cheiros, gostos e texturas. Com isto, pretendia-se que os alunos alcançassem e apresentassem as impressões externas que retirassem acerca dos doces. Esta experiência cativou bastante os estudantes, que demonstraram uma alta taxa de participação e interesse.

A ficha de trabalho, partilhada no começo da aula, tornou-se um material suplementar ao estudo, visto que possibilitou os estudantes analisarem e recordarem a matéria através de um novo método. O manual escolar, *O Espanto*, acompanhou a aula, no entanto, a ficha de trabalho, tornou-se o principal mecanismo de orientação de aula. Uma possível crítica à elaboração desta aula poderá ser o pouco uso do manual escolar, que poderia ter sido mais analisado e utilizado.

A terceira aula, realizada no dia 21 de outubro de 2022, dependeu mais da utilização do manual escolar. Esta aula tinha como objetivo a continuação da matéria lecionada na aula anterior, tratando-se neste caso “O Princípio da Bifurcação - Relações de Ideias e Questões de Facto”. Assim como na aula anterior, foi apresentado aos alunos um PowerPoint e uma ficha de trabalho com um esquema, e, no verso da folha, foram apresentados 14 conceitos essenciais para o decorrer da aula, e que foram sendo definidos ao longo da mesma.

Como atividade de recapitulação final realizou-se um breve jogo na plataforma *Kahoot* (plataforma de aprendizagem baseada em jogos interativos) onde os alunos, em equipas de dois

ou três membros, disputam entre si os primeiros três lugares na tabela, respondendo a questões acerca da matéria lecionada. Os alunos demonstraram-se bastante interessados e animados com esta atividade. Porém, foi possível verificar que este tipo de atividade apenas poderia ser aplicada num momento final de aula, visto que os alunos permaneceram bastante empolgados e com um maior nível de energia – algo que, num momento inicial, poderia dificultar a reorganização do ritmo da aula em questão.

Ao longo do segundo e terceiro períodos letivos, foram lecionadas 10 aulas de 90 minutos, acerca do tópico Filosofia da Ciência e Filosofia da Religião, tendo as últimas três sido dedicadas ao Argumento Ontológico, ao Fideísmo de Blaise Pascal e o Problema do Mal, tal como previsto nas planificações elaboradas pelo estabelecimento de ensino em questão.

No decorrer destes dois períodos letivos foram identicamente utilizadas estratégias pedagógicas, tais como a análise de exemplos de leis científicas, cruzando o saber filosófico com outras áreas do saber, e uma experiência sensorial baseada na lei da impulsão dentro da temática da Filosofia da Ciência, em concreto nas aulas referentes ao Problema da Demarcação e o Método Indutivista.

Igualmente no tópico Filosofia da Religião, foram usadas outras estratégias, tais como a problematização e análise de um artigo retirado do jornal “Observador”<sup>19</sup>, no contexto da aula relativo ao Argumento Cosmológico. Além disso, durante as aulas alusivas aos Argumentos Filosóficos a Favor da Existência de Deus, os alunos deveriam preencher um esquema referente a cada argumento. Este esquema foi criado com o objetivo de auxiliar os estudantes a acompanhar e a adaptarem-se ao ritmo dos conteúdos lecionados, pois ao preencherem os espaços existentes nos esquemas, os alunos tomavam notas das informações que lhes eram transmitidas.<sup>20</sup>

Relativamente aos momentos de avaliação, foi marcada presença em todos os elementos avaliativos, tendo quatro destes elementos consistido em fichas de avaliação elaboradas pelo Professor Orientador e realizadas pela turma inteira. Nos últimos dois testes de avaliação, o Professor Orientador permitiu às Professoras-Estagiárias fazer parte do processo de criação dos

---

<sup>19</sup> Artigo do Jornal “Observador” escrito por João Francisco Gomes publicado em 2017, “Um cientista e um padre entram num bar.”, <https://observador.pt/especiais/ciencia-vs-deus-um-cientista-e-um-padre-entram-num-bar/#title-0>.

<sup>20</sup> Disponível no anexo 2.

enunciados e da correção dos testes.<sup>21</sup> Além disso, de modo a auxiliar o desenvolvimento do ensaio filosófico dos alunos, juntamente com a colega estagiária, desenvolvemos um guia de ensaio filosófico<sup>22</sup> e três guias de estudos focados nos tópicos “O Problema da Demarcação: O Critério da Verificabilidade e o Critério da Falsificabilidade”.<sup>23</sup>

Em relação à participação em atividades extra letivas, extracurriculares e de intervenção socioeducativa, realizadas na Escola e junto da comunidade envolvente, o primeiro momento de participação ocorreu, enquanto observadora, no dia 11 de novembro de 2022 durante uma reunião intercalar.

Ademais, no decorrer do ano escolar 2022/2023, foi marcada presença noutras atividades, tais como um simulacro, no dia 25 de janeiro, tendo sido este previamente preparado através de uma formação em que todos os docentes participaram, no dia 11 do mesmo mês.

No dia 10 de março, juntamente com a turma 11º B, foi assistida uma palestra acerca da pluralidade de nacionalidades presentes tanto na escola como na freguesia de Arroios. Esta palestra foi particularmente interessante, pois permitiu aos estudantes compreenderem conceitos como globalização, subjetivismo cultural (face aos costumes das múltiplas nacionalidades, mais de 90 ao longo dos últimos 20 anos), respeito e empatia pelo próximo, conceitos relevantes e desenvolvidos na disciplina de Filosofia.

Merece ainda destaque a participação na conferência organizada pelo Professor Orientador e pelo Professor de Biologia e Geologia, e proferida pelo Diretor responsável pela área de Mobilidade, Automóvel e Cidades no *Ceii* (Centro de Engenharia e Desenvolvimento), Paulo Humanes. A conferência com o tema “Futuro da Mobilidade nas Cidades Europeias”, realizou-se no dia 19 de abril de 2023, e ambas as turmas, 11º A e 11º B, demonstraram curiosidade e entusiasmo acerca do tema. Ao longo da sessão os alunos aguçaram o seu possível interesse pelo desenvolvimento sustentável, energias renováveis e mobilidade. O orador apresentou diversos factos curiosos, como Portugal ser o maior produtor de bicicletas da Europa, algo que suscitou imensa atenção e interesse nos estudantes.

O dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, foi bastante significativo para a experiência adquirida ao longo do estágio, visto que possibilitou a oportunidade de celebrar e trabalhar em

---

<sup>21</sup> Disponível no anexo 3.

<sup>22</sup> Disponível no anexo 4.

<sup>23</sup> Disponível no anexo 5.

diversos projetos referentes ao dia em questão, junto da comunidade académica, em concreto com o clube feminista da escola. Neste dia, o núcleo desenvolveu diferentes atividades, tais como uma conversa aberta com Mariana Mortágua sobre o tema “A mulher e a Política”, uma palestra com Teresa Mendes acerca do Ativismo Estudantil e uma palestra introdutória ao Feminismo.<sup>24</sup> Ao longo de todo o dia, foi acompanhado o trabalho das estudantes pertencentes ao clube, tendo sido prestado auxílio a diversos pedidos, tal como previamente estabelecido.

No decorrer do ano letivo, foi ainda possível colaborar com as estudantes fundadoras do núcleo, através da criação e elaboração de diversos projetos, entre os quais se destacam os debates abertos à comunidade estudantil, sobre os tópicos “Homens e o Feminismo” e “Feminismo e Religião”<sup>25</sup>. Aqui, diversos estudantes participaram ao longo de sessões de uma hora, de modo ordenado, crítico e interessado.

---

<sup>24</sup> Cartaz e fotografias referente aos eventos desenvolvidos no dia 8 de março disponível em anexo 6.

<sup>25</sup> Cartazes referentes aos debates disponíveis em anexo 7.

## A colisão com a realidade

Ao longo de todo o período letivo, enquanto Professora-Estagiária, foram sentidas algumas dificuldades, e, nesse sentido, será certamente benéfico realizar uma comparação entre os momentos pré-estágio e o pós-estágio, equiparando a primeira etapa do presente documento e a segunda parte do mesmo.

A primeira poderá ser encarada enquanto um cenário teórico, intocável e surrealístico, tudo características posteriormente descartadas, como é possível verificar na segunda parte deste relatório. Aqui, são analisadas as dificuldades inerentes à carreira e às práticas docentes, tendo sido esta última uma versão realística, empírica, prática e autêntica do que é esperado dos futuros Professores, em especial de Filosofia.

Além disso, ao passo que na primeira fase se concretizou uma análise detalhada aos documentos essenciais, para a formação de um jovem Professor, tais como o *Programa de Filosofia, as Aprendizagens Essenciais de 10º e 11º ano, Leis de Base do Sistema Educativo*, entre tantos outros, a parte seguinte corresponde à tentativa de aplicação destes mesmos documentos. Reforça-se a palavra tentativa, uma vez que é esta a primeira grande dificuldade dos jovens estagiários – a complexa junção entre os documentos e a realidade, que pode causar, um choque de realidade, com tendência a agravar-se, como será explicado.

Este choque intensifica-se quando os estagiários compreendem que as bases teóricas e práticas, aprendidas ao longo da licenciatura em Filosofia e no Mestrado em Ensino, não são suficientes para colmatar as lacunas que irão eventualmente surgir, como a incapacidade em lidar com a gestão do tempo da aula. Neste ponto o papel do Professor Orientador é fundamental, quer seja através da partilha de materiais didáticos e de planificações, quer seja pela partilha da sua experiência. Esta foi uma das maiores dificuldades sentidas, pois, devido ao ritmo de trabalho da turma, algumas aulas tiveram uma duração inferior a 90 minutos, como sucedeu ao lecionar o argumento Cosmológico de Tomás de Aquino. Porém, a aula seguinte, referente ao Argumento Teleológico, teve a duração total, mesmo tendo sido programada do mesmo modo e recorrendo a materiais idênticos – vídeos, textos do autor e de outros Filósofos, PowerPoint, exercícios de recapitulação, entre outros.

Outra provável dificuldade advém da vasta informação disponível, dado que existe, em cada manual escolar e nos diversos sites de apoio ao Professor (como a escola virtual), um extenso

leque de opções e conteúdos. Esta questão é profundamente ambígua, pois, se por um lado a existência de diversos materiais é claramente benéfica, permitindo ao Professor criar e desenvolver o seu próprio caminho, por outro, as aprendizagens essenciais poderão ser simplificadoras e definir limites muitos curtos face ao desenvolvimento dos tópicos. Um exemplo desta situação ocorreu durante a planificação do tema “Argumento Ontológico de Santo Anselmo” – ao realizar a planificação deste tema, foram sentidas dificuldades em enquadrar a crítica de Immanuel Kant ao Argumento Ontológico (quer a versão de Santo Anselmo quer a de René Descartes).

Apesar das diversas ações estratégicas de ensino orientadas para o perfil dos alunos apresentadas nas *Aprendizagens Essenciais do 11º Ano*, a orientação oferecida ao docente finda aqui, visto que face aos conhecimentos, capacidades e atitudes que o estudante deve adquirir, este documento apenas afirma o seguinte: “Enunciar os argumentos cosmológico e teleológico (Tomás de Aquino) e ontológico (Anselmo) sobre a existência de Deus. Discutir criticamente estes argumentos sobre a existência de Deus.”<sup>26</sup>

Ou seja, apenas a enunciação e discussão crítica dos argumentos é insuficiente, pois é necessário realizar uma contextualização acerca dos Filósofos analisados e da história dos próprios argumentos, demonstrar que existem versões posteriores e contemporâneas dos mesmos, apresentar a relevância do tema na época dos autores e na atualidade, e mostrar a distinção entre os três argumentos e a sua importância.

Deste modo, ao acrescentar, na planificação de aula, a crítica apresentada por Immanuel Kant ao Argumento Ontológico, houve receio em estar fora do que é estabelecido, segundo o documento acima referido. Todavia, com o auxílio do Professor Orientador, foi possível adicionar esta informação e tornar a aula muito mais articulada, desenvolvida e desafiadora.

Tomemos ainda como exemplo a crítica Kantiana ao argumento ontológico. Em diferentes manuais escolares, tais como *DesassossegadaMente 11*<sup>27</sup> e *Ágora 11*<sup>28</sup> esta crítica encontra-se presente, porém no manual *Espanto*<sup>29</sup> não. Além desta crítica, existem muitos outros aspetos que dividem os livros pedagógicos, levantando questões sobre o motivo que leva os editores a

---

<sup>26</sup> Ibidem, p.11.

<sup>27</sup> Manzarra, A., Gala, E., Rodrigues E., (2022) *DesassossegadaMente 11*, Raiz Editora, pp. 238-239.

<sup>28</sup> Sousa, S. T., Pinto, I.R., Areal, R., (2022) *Ágora – 11*, Porto Editora, pp. 259-260.

<sup>29</sup> Aires A., Murcho, D. (2022) *O Espanto 11*, Didática Editora.

destacar certos conteúdos em detrimento de outros, e se existem normas ideais relativamente à criação dos manuais,

Estas questões são profundamente relevantes para o tema deste relatório de estágio, e, por esse motivo, foi efetuada a análise de vários manuais escolares, com o objetivo não só de lhes responder, mas também de compreender o porquê de alguns incluírem mulheres Filósofas e outros não.



## Competências a desenvolver nos alunos

Retomando a análise realizada às *Aprendizagens Essenciais do 11º ano*, importa antes de mais referir que apenas serão abordadas as do ano em questão, uma vez que não foram lecionados conteúdos de 10.º ano.

Na página 5 deste documento são referidas as Áreas de Competências do Perfil dos Alunos (ACPA), nomeadamente: Linguagens e textos; Informação e comunicação; Raciocínio e resolução de problemas; Pensamento crítico e pensamento criativo; Relacionamento interpessoal: Autonomia e desenvolvimento pessoal; Bem-estar e saúde; Sensibilidade estética e artística; Saber técnico e tecnologias; Consciência e domínio do corpo.

O anterior documento orientador da disciplina de Filosofia, o *Programa de Filosofia 10.º e 11.º anos*, já continha uma grande parte das competências, princípios e valores referidos nas *Aprendizagens Essenciais 10.º e 11.º anos*. Ademais, a disciplina em si, representa as finalidades que estes documentos visam. A título de exemplo, no antigo programa era possível ler o seguinte: “A disciplina de Filosofia, (...) assume, como suas, a partir da sua especificidade, as seguintes finalidades: Proporcionar instrumentos necessários para o exercício pessoal da razão. Proporcionar oportunidades favoráveis ao desenvolvimento de um pensamento ético-político crítico, responsável e socialmente comprometido (...). Proporcionar meios adequados ao desenvolvimento de uma sensibilidade cultural e estética (...).”<sup>30</sup>

Contudo, é possível constatar a insuficiência de conteúdo e ideias orientadoras dentro deste documento. Não existem bases bibliográficas teóricas ou pedagógicas que sustentem as escassas ideias presentes no mesmo. Como explica Helena Damião (2023)<sup>31</sup>, estes documentos uniformizam e reduzem a aprendizagem das diferentes disciplinas, ao essencial, a uma educação mínima.

Esta falta de fundamentos sólidos e claros nesta tipologia documental, permite a proliferação dos neuromitos, isto é, argumentos falaciosos acerca do cérebro, junto dos Professores, tais como a crença de inteligências múltiplas, a utilização de apenas 10% do nosso cérebro ou indivíduos que aprendem melhor quando rececionam informações no seu estilo de

---

<sup>30</sup> Henriques, F., Vicente, J. N., Barros, M.R., (2001) *Programa De Filosofia 10º E 11ºanos*, p.8.

<sup>31</sup> Damião, H. (2021) , *O enigmático “essencial”*: convite à reflexão sobre o novo currículo escolar, Ponto SJ. Disponível em <https://pontosj.pt/opiniao/o-enigmatico-essencial-convite-a-reflexao-sobre-o-novo-curriculo-escolar/>, assistido pela última vez no dia 28 de maio às 17 horas.

aprendizagem. Poderíamos não considerar estes neuromitos preocupantes, mas, no entanto, rapidamente compreendemos a dimensão dos mesmos dentro da educação portuguesa, uma vez que muito destes mitos “ (...) resultam de um reducionismo ou simplificação excessiva, enquanto outros de uma supergeneralização de descobertas com base em pequenas amostras ou pesquisas feitas em animais, ou em adultos, mas não em crianças em idade escolar, por exemplo.”<sup>32</sup>

Como refere J. Rato, alguns dos neuromitos, mais divulgados em Portugal são os seguintes: “o mito das múltiplas inteligências; o mito do ensino dirigido aos estilos de aprendizagem; e o mito da dominância do lado esquerdo do cérebro versus o lado direito do cérebro, ou vice-versa.”<sup>33</sup>

Uma análise às *Aprendizagens essenciais 10.º e 11.º anos*, permite verificar que a panóplia de atividades sugeridas surge sem fontes seguras, o que levanta questões como a fidedignidade destas estratégias, impostas sobre os docentes através destes documentos orientadores, e se as mesmas não estarão assentes nos inúmeros neuromitos que circulam nas escolas portuguesas.

### **O Papel Complexo Do Professor Estagiário**

Neste ponto é oportuno realizar uma reflexão sobre a complexidade do papel do Professor-Estagiário. Desde 2005, de acordo com as alterações ao estatuto da carreira docente, os estudantes de ensino não têm estágios pedagógicos profissionalizantes remunerados nem turmas atribuídas, condicionantes que dificultam o percurso do estágio. Não tendo nenhum tipo de remuneração, os estagiários necessitam de procurar um outro meio de subsistência, por vezes dando aulas noutras escolas (com base em habilitações próprias), em centros de explicações, e até fora da área de ensino. Tal como refere Hugo Correia (2005): “Com o fim do financiamento, realizar um estágio poderá tornar-se financeiramente insustentável, defende o dirigente académico. Até aqui, os encargos com deslocações, alimentação, habitação e materiais de apoio

---

<sup>32</sup> Rato, J. (2023) *Mente, Cérebro e Educação*. Fundação Francismo Manuel dos Santos, p.11.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p.12.

pedagógico eram suportados com a ajuda do índice remuneratório atribuído pelo exercício do trabalho durante o estágio.”<sup>34</sup>

Este problema apenas intensifica os restantes. Já possuindo um percurso tão complicado, repleto de burocracias, adversidades teóricas e práticas, nada abona a favor do futuro Professor. Apesar do forte desagrado sentido pela maioria da classe docente e dos estagiários abrangidos por esta norma, nenhuma alteração surgiu. O tema tem sido amplamente discutido e analisado, principalmente no ano passado, 2022, motivado pela falta de Professores, que se faz sentir nas escolas públicas de Norte a Sul de Portugal, sendo as áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto, bem como a região do Algarve as mais afetadas.

Num artigo do jornal Público intitulado “A falta de Professores como ameaça de colapso do sistema educativo,” Carlos Ceia referia:

“Há um ano, o Governo indicou, e bem, um grupo de trabalho para rever a legislação sobre formação inicial de Professores, sobretudo para incluir a sua promessa eleitoral de voltarmos a ter um modelo com “estágios remunerados” (a rigor, os estudantes dos mestrados em ensino, durante o seu 2.º ano, teriam já um vínculo contratual com a escola onde estivessem a realizar o seu “estágio”, com uma remuneração e com turmas próprias).”<sup>35</sup>

Este problema não é, de todo, recente, como explica Carlos Ceia. Entre 1985 e 1999, inúmeros docentes obtiveram a sua formação, quer nos politécnicos quer nas universidades, contudo, a maioria dos mesmos encontra-se, provavelmente, no seu final de carreira. “Entretanto, vivemos um início de século com redução demográfica, acumulação de Professores profissionalizados em excesso e sem lugares de quadro disponíveis nas nossas escolas públicas.”<sup>36</sup>

O atual Ministro da Educação, João Costa, parece querer alterar a situação e já demonstrou a sua posição face ao problema, publicamente: “É nossa intenção recuperar modelos de estágio em que os futuros Professores assumem turmas, sem o atual modelo de “toca e foge” que, em

---

<sup>34</sup> Correia, Hugo (2005) <https://www.jpn.up.pt/2005/06/09/estudantes-nao-aceitam-fim-dos-estagios-remunerados/>, assistido pela última vez no dia 28 de maio de 2023 às 14:05 minutos.

<sup>35</sup> Ceia, Carlos (2023) “A falta de Professores como ameaça de colapso do sistema educativo”, disponível em <https://www.publico.pt/2023/03/09/opiniao/opiniao/falta-Professores-ameaca-colapso-sistema-educativo-2041558>, lido pela última vez no dia 28 de maio de 2023, às 14: 20 horas.

<sup>36</sup> Ibidem.

nosso entender, é insuficiente para uma boa indução na profissão”, afirmou João Costa no mesmo artigo.<sup>37</sup>

Porém, com a intensificação da contestação social dos Professores, a estratégia implementada pelo Ministro parece ter sido alterada, sendo o futuro desta medida e respetiva data de implementação, incertos.

Também a presença de Professoras-Estagiárias na escola é um traço complexo na experiência adquirida pelo estágio curricular, isto porque este papel é profundamente ambíguo. Por um lado, é assumido o papel de Professor, através da preleção e marcação de aulas, do acompanhamento dado aos alunos, e presença em diversos momentos (reuniões, atividades, entre outros); por outro lado, é também assumido o papel de aluno, que também tira notas, que não pode atribuir classificações, e que não pode conceber, lecionar ou criar uma atividade sem o Professor Orientador autorizar.

Apesar de os alunos da turma 11º B terem sido profundamente compreensivos, não deixaram de relevar a confusão sentida face à presença das Professoras-Estagiárias na escola, por exemplo, através de atitudes como não serem capazes de decidir a quem deveriam colocar dúvidas referentes às matérias lecionadas. Contudo, e reiterando a ideia, os alunos foram gentis e acolhedores, assim como os docentes e não docentes da Escola. Aliás, sempre que possível, prestaram auxílio nos aspetos mais burocráticos do estágio.

É quase certo que, quaisquer futuros Professores, concordam com a seguinte ideia: a burocracia associada à profissão é aterradora. A Professora de Matemática, Elisa Manero (2023), expõe este problema de forma clara, através da seguinte afirmação: “Quando leio ou ouço que os Professores têm muitas férias, tenho de recordar todas as horas que passo a ler e a consultar as leis e os despachos. A atualização é constante de ano para ano.”<sup>38</sup>

Aos docentes é exigida uma constante atualização. Nas últimas décadas, o ensino em Portugal tem sofrido inúmeras renovações, sendo a principal o uso das novas tecnologias no espaço da sala de aula (e não só). Este uso, cada vez mais intensivo, de aparelhos eletrónicos,

---

<sup>37</sup> Santos, A. P. (2022), “OE2023: Ministro estima que 1.500 estudantes de ensino tenham estágios remunerados em 2023. Uma medida que custará €22 milhões”. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2022-11-02-OE2023-Ministro-estima-que-1.500-estudantes-de-ensino-tenham-estagios-remunerados-em-2023.-Uma-medida-que-custara-22-milhoes-0710f699> visto pela última vez no dia 21 de maio de 2023.

<sup>38</sup>Manero, E. (2023) *O que é a burocracia docente? disponível em: <https://observador.pt/opinia/o-que-e-a-burocracia-docente/>*. Consultado pela última vez no dia 29 de maio de 2023 às 15:25 horas.

não parece estar ainda devidamente estabelecido em várias escolas públicas portuguesas – escolas com materiais antiquados e Professores incapazes de aderir aos aparelhos, tal como aconteceu ao longo do ano letivo no local onde foi realizado o estágio curricular, são alguns exemplos do Ensino Secundário Português.

Numa época em que jovens são cada vez mais nativos no mundo das redes sociais e utilizam regularmente todos os aparelhos eletrónicos, é fundamental que as escolas incentivem o trabalho de questionamento e a construção de um olhar crítico em relação ao mundo digital. Para tal acontecer, é fulcral que os docentes adquiram, verdadeiramente, competências digitais, através de formações, workshops ou palestras, onde se incluam os alunos, pois também é fundamental que eles melhorem e beneficiem do uso das tecnologias. Além disso, apesar deste cenário digital parecer universal, existe desigualdade digital dentro e fora das escolas<sup>39</sup>, dado que nem todos os alunos possuem um computador onde sejam capazes de realizar os seus trabalhos de casa, tendo esta situação surgido no decorrer do período referente ao estágio, por exemplo.

É relevante referir o importante papel da *Escola Digital*<sup>40</sup>, em especial o *Kit Digital* (iniciativa criada pelo Secretário de Estado da Digitalização e da Modernização Administrativa no ano letivo 2019/2020) dentro do ensino em Portugal, que garante aos alunos, provisoriamente, um computador portátil, auscultadores com microfone, uma mochila, um *hotspot* e um cartão SIM para ligação à rede móvel. O *Kit Digital* incentivou a inclusão digital de milhares de estudantes portugueses, ajudando-os a prepararem-se para um futuro cada vez mais tecnológico.

---

<sup>39</sup> Neto, V.(2023) *O presente e o futuro da Educação*, disponível em <https://observador.pt/opiniao/o-presente-e-o-futuro-da-educacao/>. Consultado pela última vez no dia 29 de maio de 2023 às 15:25 horas.

<sup>40</sup> Secretário De Estado Da Digitalização E Da Modernização Administrativa (2020) *Plano de Ação para a Transição Digital de Portugal*, disponível em <https://portugaldigital.gov.pt/>. Consultado pela última vez no dia 29 de maio de 2023 às 16:30 horas.

## Domínio de investigação privilegiado durante o estágio

### Reflexão face ao tema escolhido

O forte espírito ativista da escola, aliado ao *Projeto Educativo da Escola Secundária de Camões*, permitiram desenvolver o tema principal do presente relatório. Como se pode ler no documento:

“Esta é uma escola que defende o seu património e preserva a sua memória, mas que também olha para o futuro, a escola que desempenha uma função de inclusão social, que cria uma cultura de tolerância, diálogo e de uma vivência intercultural.”<sup>41</sup>

É de notar que a instituição em questão detém a reputação de apoiar causas e manifestações dos mais diversos géneros que afetam não só a zona de Lisboa, como o país inteiro.<sup>42</sup> O tema se que pretende explorar neste relatório relaciona-se de modo claro com o movimento estudantil de busca pela igualdade de género. Ademais, a existência de um núcleo feminista, fundado pelos próprios estudantes no dia 3 de março de 2022, auxiliou a escolha da temática que será abordada ao longo deste relatório – o papel da Igualdade de Género no Ensino da Filosofia.

A colaboração com o núcleo feminista permitiu compreender a perspetiva dos alunos face ao papel da mulher na Filosofia, tendo sido um tema recorrente nos debates. Além disso, o interesse dos alunos face ao tópico, suscitou o levantamento de questões e pedidos de recomendação de obras redigidas por Filósofas.

---

<sup>41</sup> Projeto Educativo da Escola Secundária de Camões, (2019-2022) p.6

<sup>42</sup>Algumas notícias referentes as manifestações e movimentos estudantis presentes na Escola Secundária de Camões:<https://www.publico.pt/2018/02/07/local/noticia/falta-de-obras-motiva-protesto-de-alunos-do-liceu-camoes-1802302> (2018) “Alunos do Liceu Camões estão fartos de levar mantas para as aulas e exigem obras”.  
<https://www.jn.pt/local/videos/alunos-do-antigo-liceu-camoes-exigem-obras-de-requalificacao-da-escola-10420528.html> (2019) “Alunos do antigo Liceu Camões exigem obras de requalificação da escola.”  
<https://www.publico.pt/2021/02/22/sociedade/noticia/ataques-racistas-neonazis-interrompem-sessao-organizada-alunos-liceu-camoes-pj-investiga-1951669> (2021) “Ataques racistas e neonazis interrompem sessão organizada por alunos do Liceu Camões.”  
[https://observador.pt/2021/04/29/estudantes-manifestam-se-por-melhores-condicoes-nas-escolas-publicas/\(2021\)](https://observador.pt/2021/04/29/estudantes-manifestam-se-por-melhores-condicoes-nas-escolas-publicas/(2021)) “Estudantes manifestam-se por melhores condições nas escolas públicas.” <https://www.wort.lu/pt/portugal/os-protestos-juvenis-est-o-de-volta-6380a350de135b923617e98b> (2022) “Os protestos juvenis estão de volta.”

Aliada à forte influência que a experiência do estágio teve na escolha do presente tema, a ausência das mulheres não só na Filosofia, como na Ciência e na Política, foi outro fator essencial para o desenvolvimento deste texto.

Durante séculos, as mulheres não possuíam sequer um estatuto social, dado que as culturas arcaicas consideravam que a condição feminina se circunscrevia ao mero espaço privado, e, por isso, não lhes era permitido o acesso à Filosofia. Esta ausência da mulher prolongou-se durante bastante tempo, por vezes intercalada com algumas exceções. Contudo, a “voz da Filosofia” é ainda claramente masculina, como se pode constatar no programa atualmente em vigor (que inclui a abordagem obrigatória do pensamento de 11 autores) e nos próprios manuais escolares de filosofia, conforme iremos demonstrar.

É igualmente importante lembrar a base sexista e privilegiada, sobre a qual a Filosofia foi erguida e desenvolvida. Os fundamentos desta disciplina são alicerçados sobre Filósofos misóginos, como Aristóteles, Jean-Jacques Rousseau e Immanuel Kant. Embora todos sejam claros membros fundamentais e fundadores da Filosofia (e das suas inúmeras ramificações), é necessário conhecer e partilhar uma versão autêntica destes ilustres homens.

Analisemos a perspetiva do primeiro Filósofo mencionado, Aristóteles. Este pensador é um dos principais difusores da secundarização da mulher e da propagação desta tese pela Filosofia Ocidental. Como refere Maria Luísa Ferreira, “Entre o racional e o masculino tem uma longa história, sendo Aristóteles, como já referimos, um dos maiores responsáveis pelo afastamento da mulher relativamente ao modelo dominante, devido às fragilidades físicas e mentais que este Filósofo considera próprias do sexo feminino.”<sup>43</sup>

A sua visão hierárquica, em que há sempre um ser inferior e um ser superior, distingue a sociedade ocidental. Aqui, a diferenciação não acaba na dicotomia homem/mulher, mas abarca outras dissemelhanças interiores e exteriores aos corpos, quer seja as diversidades de classes, de etnias ou de comportamentos sexuais. Isto causa a divulgação de estereótipos e preconceitos, que ainda hoje regem a nossa sociedade.

Os posicionamentos, sexistas e preconceituosos, de Aristóteles refletem-se em teorias e conceções desenvolvidas pelo mesmo. Por exemplo, para Aristóteles, o corpo era a principal diferença na dicotomia entre os géneros. Segundo o Filósofo, o corpo das mulheres era mais

---

<sup>43</sup> Ferreira, M. L. R. (2009) *As mulheres na filosofia*, p. 19.

delicado e conseqüentemente a sua alma também o seria. Assim, a mulher era uma falha, um homem incompleto, e sendo um “macho mutilado”<sup>44</sup>, apenas representaria um papel passivo e inferior perante o homem. Esta ideia era aceite e estimada na sociedade grega da época, sendo um exemplo paradigmático de tal, a impossibilidade das jovens gregas possuírem qualquer tipo de instrução pedagógica (ao contrário dos jovens rapazes).

De igual modo, Filósofos como Jean-Jacques Rousseau, continuaram a defender o patriarcado.<sup>45</sup> A Filosofia Ocidental, concebeu o homem como elemento decisivo para a realização plena do mundo, algo que admite a criação de um núcleo de pensamento perpetuamente privilegiado e, portanto, hierarquicamente superior.

A obra *Émile* de Rousseau, dedicada à educação, apresenta a personagem feminina Sophie como um ser inferior, dócil e submisso. Este livro contribuiu para a exclusão social das mulheres na sociedade e para a sua ausência na educação. No entanto, o tipo de pensamento presente na obra era comum na época, transmitido por pensadores como Aristóteles durante a Antiguidade Clássica, onde o papel da mulher era compreendido apenas pela sua função ou capacidade reprodutora.

Quando se estuda e investiga Jean-Jacques Rousseau, é necessário compreender que, apesar de o mesmo desejar uma sociedade mais culta e letrada, as mulheres não eram colocadas nessa mesma sociedade, como é possível observar na obra supramencionada. Esse tipo de conceção é o pilar do pensamento pedagógico moderno – a base do pensamento Rousseauiano assenta na rejeição da consistência ontológica do ser feminino. A mulher é unicamente o resultado das representações que dela faz o mundo: “Deste modo, toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens: agradar-lhes, seres-lhes útil, fazer-se amar e honrar por eles, educá-los quando são jovens, cuidar deles quando são grandes, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e doce – eis os deveres das mulheres de todos os tempos e aquilo que se lhes deve ensinar desde a sua infância”.<sup>46</sup>

Assim sendo, compreendemos o modo como um dos principais Filósofos da história, foi também um dos principais responsáveis pela representação subalternizada da condição

---

<sup>44</sup>Aristóteles (2021) *Geração dos animais*, 737<sup>a</sup> 27-28.

<sup>45</sup>Por patriarcado compreende-se o tipo de organização social em que a autoridade é exercida por homens, definição retirado do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.

<sup>46</sup>Rousseau, J. J. (1995) *Emílio ou da Educação*. 3.ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. Trad. de Sérgio Milliet, p.703.



feminina. Para colmatar os malefícios causados pela representação submissa da natureza feminina por Rousseau (e de instaurar um pouco de justiça), é necessário investigar e estudar a Filósofa Mary Wollstonecraft.

Wollstonecraft censura Rousseau, pelo seu desinteresse face aos direitos das mulheres e por ter tornado as mesmas um objeto de desprezo e piedade. A Filósofa ambicionava uma reestruturação do sistema educacional como se verifica na sua obra *Uma Vindicação dos Direitos da Mulher*<sup>47</sup>, onde apresenta a sua censura e resposta à obra *Émile. Uma Vindicação dos Direitos da Mulher* é um clássico essencial e revolucionário do feminismo, sendo visto como uma brisa de ar fresco na Filosofia da Educação, até aqui definida por pensadores que visavam apenas uma educação masculina.

Apesar da Filosofia ser basilarmente sexista, existiram vozes masculinas discordantes, como por exemplo o Filósofo francês François Poullain De La Barre (1648 – 1723), autor das obras *De L'égalité Des Deux Sexes (Sobre A Igualdade Dos Dois Sexos, 1673)* e *De L'éducation Des Dames (Sobre A Educação Das Damas, 1674)*.

A obra *The Periodic Table Of Feminism* de Marisa Bate, demonstra isto mesmo, apresentando como aliados da causa feminista alguns Filósofos, nomeadamente John Stuart-Mill (1806-1873), descrito como “An ally and inspiration to the British Suffragettes, Mill called for women to be given the vote. In 1869, he published the essay *The Subjection of Women*, written with his wife, Harriet Taylor Mill, in which he argued the advance of all people was best for mankind”.<sup>48</sup>

Também nesta obra se destaca Jeremy Bentham (1748- 1832) “The famous 18th-century English philosopher was a fierce advocate of gender equality and said it was at the root of his lifelong work as a reformist.”<sup>49</sup>

Estes dois Filósofos, embora presentes nas *Aprendizagens Essenciais de Filosofia do 10º ano* no âmbito do tema “A Necessidade de Fundamentação da Moral: Análise Comparativa de Duas Perspectivas Filosóficas”, não são destacados pelo seu papel na defesa dos direitos e da

---

<sup>47</sup> Woolstonecraft, Mary (2017) *Uma Vindicação Dos Direitos Da Mulher*. 1º ed., Lisboa - Antígona. Trad. de Elisabete M. de Sousa.

<sup>48</sup> Bate, M. (2018) *The Periodic Table of Feminism*. London - Pop Press, p.192.

<sup>49</sup> Ibidem, p.192.

igualdade das mulheres, cabendo ao Professor, se assim o entender, a referência a este aspecto do seu pensamento.

### **A Importância da Representatividade feminina na Filosofia, Ciência e Arte**

O movimento feminista permanece, atualmente, como uma das lutas mais importantes e poderosas pela justiça social (Hooks, 2022). Apesar da ausência da mulher ao longo da história da Filosofia, o final do século XX representou uma importante viragem face à problemática da Igualdade de Género. Devido à força do movimento feminista dos anos 60, que procurava obter direitos e igualdade entre os sexos, as mulheres começaram a ganhar alguma visibilidade nas mais diversas áreas, tais como a Educação e a Política, levando as mulheres a unirem-se e a mostrar ao mundo novas perspetivas. Como Hooks destaca “Na verdade, quando a revolução feminista começou, no final da década de 1960, manifestou-se em diferentes contextos, entre mulheres que muitas vezes não tinham qualquer conhecimento da existência umas das outras.”<sup>50</sup>

Hoje, em virtude desta abertura, é possível analisar e estudar diversas obras filosóficas redigidas por mulheres. Podemos encontrar alguns focos de filosofemas sobre os quais as Filósofas se têm debruçado, alguns deles incluídos no atual Programa de Filosofia.

Neste ponto, podemos apresentar como exemplo, a Epistemologia, uma área profícua na construção dos debates feministas filosóficos, particularmente no que concerne ao papel do género e ao peso da masculinidade na construção de um pensamento científico. Face a este tópico, destaca-se o trabalho da Filósofa Susan Haack, em concreto o artigo *Epistemological Reflections of an Old Feminist*<sup>51</sup>, onde é abordada a possibilidade de existir, ou não, um pensamento tipicamente feminino. Esta questão surge, pois, em virtude dos fatores históricos e sociológicos, as mulheres têm vindo a ser direcionadas para uma única forma de pensamento, que estabelece o que a mulher pode (ou não) pensar. Isto significa que as mulheres, desde sempre, foram subordinadas a abordar temas tipicamente “femininos”, tais como a ética do cuidado ou a relação da mulher com a natureza.

---

<sup>50</sup> Hooks, B. (2022) *Teoria Feminista*. Lisboa – Orfeu Negro.

<sup>51</sup> Haack S. (1993). *Epistemological Reflections of an Old Feminist*, 18 *Reason Papers* 31.

Igualmente, no domínio da Lógica, verificamos como são importantes os temas da argumentação, racionalidade e razão para o pensamento feminino. Alusivo a este tema, destaca-se a obra *Logic, Truth and Meaning*<sup>52</sup> elaborada por Elizabeth Anscombe, juntamente com o seu marido Peter Geach, também Filósofo. Este texto possui como principal objetivo esclarecer alguns dos mais importantes conceitos da Filosofia, entre os quais, verdade, existência e razão.

Ainda alusiva à Filosofia da Ciência, importa referir a Filósofa italiana, Lisa Bortolotti, amplamente aplicada nos manuais de 11.º ano analisados. A sua obra *Introdução à Filosofia da Ciência*<sup>53</sup> é um exemplo da importância que os escritos concretizados por mulheres possuem na Filosofia. Bortolotti aborda questões pertinentes acerca deste ramo filosófico, tais como a metodologia, o progresso, a racionalidade e a realidade da ciência, através de uma escrita ativa, dinâmica e esclarecedora.

Também na Ética e na Filosofia Moral, as mulheres conseguiram fazer-se ouvir, concretamente em filosofemas como a possível existência de uma moral feminina, com os seus parâmetros próprios. Talvez por isso tenha existido, e ainda exista, uma grande diversidade de Filósofas a trabalhar nestas áreas, tais como Hannah Arendt<sup>54</sup>, Phillipa Foot<sup>55</sup>, Miranda Fricker<sup>56</sup> e Simone Weil<sup>57</sup> (que são apenas algumas das inúmeras mulheres que se debruçaram sobre estes temas).

Além disso, ainda no âmbito da Ética, encontram-se temas habitualmente definidos como femininos: ética do cuidado, a maternidade, a natureza e a sua relação com a mulher, ou o debate de uma razão especificamente feminina. Todos estes filosofemas promovem a inserção das mulheres nos meios académicos, especialmente na Filosofia. Todavia, deveremos ambicionar a universalização destes temas, tais como a ética do cuidado, pois exprime um passo essencial em direção a um mundo menos dicotómico e sexista.

---

<sup>52</sup> Anscombe, E (2015) *Logic, Truth and Meaning: Writings by G. E. M. Anscombe, M. Geach and L. Gormally* (eds.), Exeter: Imprint Academic.

<sup>53</sup> Bartolotti, L. (2013). *Introdução à Filosofia da Ciência*. Lisboa - Gradiva.

<sup>54</sup> Arendt, Hannah (2001) *A Condição Humana*. Lisboa - Relógio D'Água.

<sup>55</sup> Foot, P. (1978) *The Problem of Abortion and the Doctrine of the Double Effect in Virtues and Vices*. Oxford - Basil Blackwell.

<sup>56</sup> Fricker, M. (2007) *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing*. Oxford University Press.

<sup>57</sup> Weil, S. (2022) *Experiência da Vida de Fábrica - Condição Primordial de um Trabalho Não Servil*. Lisboa - Paulinas Editora.

Mas a afirmação das mulheres na Filosofia não é isenta de dificuldade. A obra de Maria Luísa Ribeiro Ferreira, descreve algumas das dificuldades apresentadas às mulheres, no meio académico filosófico:

“1. Os mais sonantes Filósofos pouco se interessaram pelas mulheres enquanto filosofema;

(...)

3. O vocabulário filosófico comum utiliza o termo “homem” para designar o “ser humano”, algo que não é inocente;

(...)

5. Os nomes mais relevantes da filosofia, assim como os mais publicados e os que são estudados pelos alunos de filosofia, são do sexo masculino.”<sup>58</sup>

Relativamente ao primeiro ponto abordado na citação, esta ideia foi corroborada nos parágrafos anteriores referentes aos Filósofos Aristóteles e Jean-Jacques Rousseau. Não só não se interessaram pela mulher como, quando o fizeram, o fizeram para a desvalorizar. No entanto, caso fosse realizada uma análise aos Filósofos presentes no Programa de Filosofia, provavelmente seriam obtidos resultados idênticos (à exceção dos já referidos Stuart Mill e Jeremy Bentham) já que pensadores como Sigmund Freud e Friedrich Nietzsche,<sup>59</sup> considerados progressistas para o seu tempo, defendiam nas suas obras esta inferioridade feminina.

Referentemente ao ponto três, o uso do termo “Homem” como maneira de identificar o ser humano pode não parecer problemática, contudo indica nitidamente o modo como a linguagem consolida uma visão masculina, e que, conseqüentemente, ignora a importância da mulher na representação da espécie.

Por fim, a última ideia exposta na citação supramencionada é igualmente corroborada ao longo deste relatório. Os nomes de Filósofos mais estudados pelos alunos de Filosofia são exclusivamente do sexo masculino, sendo um exemplo paradigmático a formulação das *Aprendizagens Essenciais de 10.º e 11.º Anos*. Nestes documentos não surge uma única mulher,

---

<sup>58</sup> Ferreira, M. L. R. (2009) *As mulheres na filosofia*. p. 69.

<sup>59</sup> Maia, A. M. (2023) *Existe ódio contra as mulheres nas obras dos “grandes homens da Filosofia ocidental”?* Disponível na plataforma digital do jornal Público: <https://www.publico.pt/2023/03/27/p3/noticia/existe-odio-mulheres-obras-homens-filosofia-ocidental-2043464>.

porém os treze nomes referidos são de homens: Santo Anselmo, Blaise Pascal, David Hume, Gottfried Leibniz, Immanuel Kant, John Rawls, John Stuart-Mill, Karl Popper, Michael Sandel, René Descartes, Robert Nozick, Thomas Kuhn e São Tomás de Aquino.

### Atividade (referente ao tema do relatório) realizada em aula

Atualmente em Portugal existem inúmeras pessoas, incluindo diversos alunos de Filosofia, que desconhecem Filósofas como Princesa Elisabeth da Boémia e as múltiplas questões que levantou sobre os escritos de René Descartes, Mary Wollstonecraft, pioneira nas temáticas da Filosofia da Educação, ou Judith Butler, Filósofa contemporânea e um marco determinante para as diversas Filosofias de género.

De modo a solucionar esta situação será necessário incrementar a investigação e dinamizar a difusão dos estudos acerca das mulheres e sobre as Filosofias de género nos cursos de Filosofia. Este processo de dinamização deverá ser realizado tanto nas Universidades portuguesas, como nas escolas de Ensino Secundário, onde, atualmente, os planos de estudo de Filosofia pouca, ou nenhuma, representatividade feminina demonstram. Como consequência desta falta de representação, o desinteresse de inúmeras alunas por esta disciplina aumenta, por não se reverem nos autores e temas marcadamente masculinos.

Esta última afirmação confirmou-se através de uma atividade realizada junto da turma 11º B. No dia 8 de março, entre as 11:30 horas e as 13:15 horas, realizou-se a atividade “Conhecer Filósofas”. Possuía como principal objetivo a apresentação por parte de cada aluno de cartões semelhantes a um bilhete de identidade de diferentes Filósofas. A ideia consistia em dar a conhecer e permitir que os alunos explorassem o tema, dentro do espaço de aula. Nos cartões era necessário constar: o nome, a data, o país/ cidade de origem, uma imagem, a assinatura e uma breve descrição no verso, explicitando as principais informações acerca da Filósofa em questão, tais como os temas abordados pela mesma.

Antes da atividade<sup>60</sup>, a aula começou com uma breve contextualização, suportada por uma apresentação em PowerPoint<sup>61</sup>. De seguida, foi iniciada uma tentativa de problematizar a principal questão da aula: “quem conhece alguma Filósofa?”. Para surpresa de todos os presentes na sala, nenhum aluno foi capaz de responder. Assim que todos perceberam a dimensão do seu desconhecimento, ficaram calados durante alguns segundos, com uma expressão profundamente confusa. Porém, foi-lhes explicado, que se pretendia que todos saíssem da aula a saber um pouco mais acerca das mulheres que iriam investigar.

---

<sup>60</sup> Em anexo 9 encontra-se disponível a planificação desta atividade.

<sup>61</sup> Diapositivos disponíveis em anexo 10 e 11.

Todos os alunos ficaram encarregados, individualmente, de desenvolver um Cartão de Cidadão de uma Filósofa. Os nomes foram sorteados<sup>62</sup> e, para realizar a atividade, os alunos utilizaram os seus telemóveis ou computadores para pesquisarem informações acerca das Filósofas atribuídas, como tinha sido previamente definido.

A turma inteira aderiu com gosto à atividade, demonstrando curiosidade. Colocaram diversas questões e confirmaram o seu entusiasmo, através das suas afirmações e ações. Aliás, diversos alunos pediram recomendações de obras / leituras das Filósofas que foram mencionadas. Por exemplo uma aluna ficou entusiasmada pela Filósofa que lhe tinha sido atribuída, Judith Butler, e na aula seguinte trouxe o livro *Os Problemas de Género*, demonstrando o seu apreço.

Desta forma, objetivo principal foi alcançado: apresentar a existência de mulheres Filósofas e suscitar o interesse pelas mesmas. Além disso, foi possível corroborar a hipótese inicial, ou seja, o desconhecimento dos estudantes face à existência de centenas de mulheres Filósofas. Foi ainda possível constatar o embaraço e desconforto que os alunos sentiram quando se aperceberam da sua “ignorância”, em especial as raparigas. Todavia, ao longo de toda a e após a realização da atividade, todos os estudantes demonstraram o seu entusiasmo e foram capazes de realizar a tarefa de maneira completa, tendo cumprido o objetivo de dar visibilidade às mulheres, mostrando a quantidade e diversidade de Filósofas e de temas da filosofia por elas abordados .<sup>63</sup>

Para avaliar a atividade, apenas foram atribuídos três graus, Excelente, Muito Bom ou Bom, tendo os parâmetros avaliativos consistido na participação, entusiasmo e envolvimento na tarefa proposta. Isto porque foi uma atividade curta (durou apenas 90 minutos, incluindo a apresentação de todos os cartões à turma) e porque toda a turma aderiu muito bem à atividade - todos os alunos, sem exceção se demonstraram participativos, interessados e criativos face à experiência. Aliás, um aluno chegou atrasado, 30 minutos após o começo, e mesmo assim foi capaz de concretizar a atividade por completo e de modo animado e colaborativo.

---

<sup>62</sup> Em anexo 12 encontram-se os nomes sorteados pelos alunos.

<sup>63</sup> Em anexo 13 encontram-se os cartões criados pelos alunos.

A Filosofia, enquanto disciplina é um importante contributo para a igualdade de género, dado que auxilia os alunos a refletir acerca das desigualdades, e posteriormente, permite-lhes desconstruí-las. Daí que seja importante que as mulheres estejam presentes não só como atividade ou tema de reflexão, mas também nos materiais usados pelos alunos. Neste relatório, pretende-se fazer uma análise dos recursos das principais editoras portuguesas, de modo a verificar se de facto estamos, enquanto cidadãos e Professores, a caminhar em direção a esta desconstrução.

Deste modo, a investigação selecionada para este documento incidiu na exploração e análise de vários manuais escolares de 10.º e 11.º anos de Filosofia de diferentes editoras portuguesas, tais como Areal Editores, SA, Asa Editores II, SA, Didática Editora, Lda. e Lisboa Editora, S.A / Raiz Editora. Além disso, foram realizadas entrevistas a três Professores portugueses, todos colaboradores na elaboração de diferentes manuais escolares de Filosofia, para avaliar a sua opinião em relação, não apenas à ausência do feminino (quer enquanto tema de pensamento quer enquanto pensadoras) nos programas e, eventualmente, nos manuais dos quais são autores, quer sobre as próprias *Aprendizagens Essenciais* de Filosofia.

### **Análise aos manuais escolares**

Todos os manuais contemplados e analisados neste relatório, encontram-se na página da Direção Geral da Educação <sup>64</sup>, no separador com o nome “Lista de manuais escolares disponíveis” referente ao ano 2022/2023. A análise realizada aos diversos manuais escolares concentrou-se em três pontos: Se ao longo do manual surgia/m o/s nome/s de alguma/s Filósofa/s. Se sim, qual/ quais? E em que contexto?

Antes da apresentação dos resultados obtidos após a investigação, é pertinente referir que a análise presente neste relatório de estágio incide apenas sobre o corpo dos manuais e não sobre toda a diversidade de materiais que os acompanham, como textos complementares, fichas, questões aula, entre outros.

---

<sup>64</sup> <https://www.dge.mec.pt/lista-de-manuais-escolares-disponiveis>



## 10.º ano

### **Manual: *Como Pensar Tudo Isto?***

Ao longo deste manual surge apenas um texto de uma Filósofa, Elizabeth Anscombe (Filósofa britânica, reconhecida pelo seu trabalho na área da Filosofia analítica, nascida em 1919 e falecida em 2000), retirado da sua obra *Intention*. Esta obra procura demonstrar, em detalhe, que a imagem natural e amplamente aceite do que compreendemos por intenção cria problemas insolúveis e deve ser posta de parte.

Nas referências bibliográficas dos vinte e oito Filósofos referidos, apenas duas são mulheres, nomeadamente à obra anteriormente referida de Elizabeth Anscombe e Judith Jarvis Thomson (1929-2020), Filósofa americana que desenvolveu diversos trabalhos nas seguintes áreas da Filosofia: Ética e Metafísica, é especialmente reconhecida pelo seu trabalho referente ao problema do *trolley* e pelos seus artigos e textos acerca do aborto. As referências bibliográficas, destas duas mulheres, surgem do seguinte modo:

“Anscombe, Elizabeth (2000) *Intention*, Harvard University Press.

Thomson, Judith Jarvis (1971) *A Defense of Abortion*. *Philosophy & Public Affairs*.”<sup>65</sup>

### **Manual: *Do Outro Lado Do Espelho***

Neste manual encontram-se, nas páginas 13 e 50, excertos do texto *Convite à Filosofia*, retirado das páginas 9 e 72-73, respetivamente, do livro de Marilena de Souza Chauí (1941 - ) escritora e Filósofa brasileira, especialista nas obras de Bento Espinoza e Professora emérita de Filosofia Política e Estética da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Já na página 38 do mesmo manual, dentro do subtópico “Tese, argumento, verdade, validade e solidez. O quadrado lógico da oposição.”, surge o quadro *O Jogo de Xadrez* de Sofonisba Anguissola (1555-1625) pintora renascentista italiana, discípula de Bernardino Campi. É apresentada a seguinte descrição: “O jogo de xadrez é um instrumento lúdico que mobiliza e desenvolve competências lógicas. Os jogadores – no caso, as jogadoras – têm de articular as

---

<sup>65</sup> Gama, A., Domingos, F., Veríssimo, L. (2022) *Como pensar tudo isto? – 10ºano*. Lisboa –Asa Editora.

estratégias e precisam de desenvolver uma visão sistémica do jogo, dos lances possíveis e suas necessárias implicações; para tal, o raciocínio hipotético dedutivo é imprescindível”.<sup>66</sup>

Inserido no tema “A Ação Humana e os Valores – Análise e Compreensão do Agir”, na página 138, apresenta-se uma parte do artigo *The Big Questions: Do we have free will?*<sup>67</sup> de Patricia Churchland, Filósofa analítica canadense-americana distinguida pelas suas contribuições nos campos científicos da neuro-filosofia e da filosofia da mente. A Filósofa sugere a possibilidade da redefinição do conceito de livre-arbítrio. Novamente, na página 154, surge um excerto deste artigo, sendo esta parte referida como “O caso de um tumor no cérebro e o problema do livre-arbítrio”, servindo este excerto de ponto de partida para uma atividade de recapitulação dos conteúdos, através da sua leitura e análise.

Ainda no mesmo manual, surge outro artigo que serve como atividade de recapitulação, *Direitos universais? Quando o relativismo é uma forma de absolutismo*, de Catarina Santos Botelho (1981-) Professora de Direito Constitucional na Universidade Católica Portuguesa. Membro do Conselho de Coordenação da ANES, (publicado no Observador, em março de 2017). Este é utilizado para realizar questões como: “Deverão os direitos humanos ser objetivos ou relativos? Que possíveis perigos apresenta o relativismo moral em termos de direitos humanos?”. Estas perguntas constituem o núcleo da abordagem à questão da natureza dos juízos morais, inserido no tópico “A Dimensão Ético-Política: Análise e Compreensão da Experiência Convivencial”.

No último tópico do programa, “Temas/ Problemas do Mundo Contemporâneo”, encontra-se um texto de Michelle Alexander (1967 -), escritora americana e ativista dos direitos civis, com o título *Igualdade e Discriminação – O Problema do Racismo*, este artigo aborda a ideia de a igualdade perante a lei não garantir, segundo esta ativista, as liberdades básicas. A referência encontra-se, na página 288, do seguinte modo: “Michelle Alexander, *The New Jim Crow, Mass Incarceration in the Age of Colorblindness*, s/p.”.

Apesar destes textos, em sessenta referências bibliográficas que encontramos no manual em questão, apenas duas são femininas, Marilena Chaui e Patricia Churland.

“Chaui, Marilena (1995) *Convite à Filosofia*. Ed. Ática, São Paulo.

<sup>66</sup> Gaspar, A., D., Manzarra, A. (2022) *Do Outro Lado do Espelho*. Lisboa – Raiz Editora, p.38.

<sup>67</sup> Churchland, P. (2006) *The Big Questions: Do we have free will?*, in *New Scientist magazine*, pp. 42-45.

Churchland, Patricia (2006) *The Big Questions: Do we have free will?*, in New Scientist magazine.”<sup>68</sup>

### **Manual: *Ponto de Fuga 10***<sup>69</sup>

No contexto do primeiro tema “Introdução à Filosofia e ao Filosofar”, na ficha de trabalho, página 33, existe uma parte do texto *Para que serve a Filosofia? Um manifesto*, de Mary Midgley<sup>70</sup> (1919 – 2018, Filósofa Britânica e Professora Sénior de Filosofia na Universidade de Newcastle), sendo esta obra acerca da necessidade de se estudar Filosofia e o porquê desta disciplina auxiliar o progresso científico.

Na página 108, surge a atividade introdutória “Por Outra Palavras”, referente à temática “Determinismo e Liberdade na Ação Humana: O Problema do Livre-Arbítrio” redigido pela Neurogeneticista e Professora Associada na Faculdade de Medicina da Universidade do Minho, Patrícia Maciel. Na página 180, encontra-se igualmente disponível a atividade “Por Outras Palavras” acerca do tópico “Ética ou Filosofia Moral – A Necessidade de Fundamentação da Moral”, escrito por Ana Cristina Pereira (Kitty Furtado), investigadora em Ciências Sociais e ativista antirracismo.

Nas folhas iniciais do tema “A ética utilitarista de John Stuart Mill”, verifica-se uma breve descrição acerca do mesmo e da sua companheira, Harriet Taylor (1807-1858, Filósofa e defensora dos direitos das mulheres), com quem desenvolveu a obra *A Sujeição das Mulheres*.

Ainda no mesmo manual, surge um excerto da notícia *NASA abateu 27 primatas num só dia* de Marta Sousa Coutinho, disponibilizada no Jornal Público, em dezembro de 2020, tendo esta o propósito de ser analisada segundo o princípio da utilidade da teoria utilitarista.

Na ficha de trabalho referente à “Ética ou Filosofia Moral – A Necessidade de Fundamentação da Moral”, encontra-se a análise de duas notícias publicadas por duas mulheres, uma de Mariana Correia Pinto, *Voluntariado: por solidariedade, mas também por currículo*, Público, 21-09-2011, e outra de Mafalda Ganhão, *A história muito triste de Ángel e Maria José*, Expresso, 04-04-2019 (nas páginas 220 e 221, respetivamente).

---

<sup>68</sup> Gaspar, A., D., Manzarra, A. (2022) *Do Outro Lado do Espelho*. Lisboa – Raiz Editora, p.230.

<sup>69</sup> Pires, C. (2023) *Ponto de Fuga 10*, Lisboa – Areal Editores.

<sup>70</sup> Midgley M., (2019). *Para que serve a filosofia? Um manifesto*. Temas e Debates, pp. 29-30.

Também dentro deste tema surge uma atividade denominada “Ensaio Geral”, onde os estudantes devem analisar a reportagem da jovem repórter, Bethany Dawson, acerca do modo como o Governo irlandês, através do Ministro dos Negócios Estrangeiros, se dirigiu às crianças do seu país, em plena crise pandémica de SARS-Cov-2 e se esta atitude terá sido moralmente correta, tendo como base as duas teorias éticas estudadas.

No último tópico do programa, “Filosofia Política: Liberdade e Justiça Social - O Problema da Organização de uma Sociedade Justa”, surge um texto redigido por Pilar Del Rio (1950-), jornalista e diretora da Fundação José Saramago, uma exposição referente à importância da Filosofia política na sua vida.

Nos “Temas/Problemas do Mundo Contemporâneo”, como tema de ensaios filosóficos, surge o filosofema “Igualdade e Discriminação: Período (Repugnância e “Pobreza Menstrual)” presentes nas páginas 276 até 281. Aqui, é possível verificar o trabalho organizado, adequado e preciso da autora do manual acerca do tema em questão. Além da bibliografia sugerida partilhada, o manual dispõe de inúmeros dados estatísticos para corroborar as informações transmitidas de diversas fontes fidedignas como a Plan Internacional UK e o Parlamento Europeu.

Podemos concluir que há recurso a textos escritos por mulheres, mas que estes servem mais como dispositivos para atividades, e não como base de uma análise filosófica.

Na bibliografia, entre oitenta e dois Filósofos mencionados, surgem quatro Filósofas:

“Cheng, Eugenia (2020). *A Arte Da Lógica Num Mundo Ilógico. Como Dar Sentido a Um Mundo que Não o Tem*. Lisboa: Temas e Debates.

Haight, Mary (2003). *A Serpente e a Raposa. Uma Introdução à Lógica*. São Paulo: Loyola.

Midgley, Mary (2018). *Para que Serve a Filosofia? Um Manifesto*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Nussbaum, Martha (2019). *Sem Fins Lucrativos: Porque Precisa a Democracia das Humanidades*. Coimbra: Edições 70.”<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> Pires, C. (2023) *Ponto de Fuga 10*, Lisboa – Areal Editores, pp. 285-287.

**Manual: *Ágora 10***<sup>72</sup>

Este manual possui como primeira experiência à provocação do interesse filosófico o guião do filme *Ágora*, obra cinematográfica realizada por Alejandro Amenábar, em 2009, onde é relatada a história da Filósofa e Professora Hipátia de Alexandria, no século IV d. C.

Hipátia é considerada é uma das mais brilhantes mentes da Antiguidade, e um exemplo de coragem, pois nunca se casou, tendo-se dedicado unicamente ao estudo da Filosofia e da Matemática. Por isso, foi acusada de blasfémia e de ser uma bruxa, e, como tal, infelizmente morreu tragicamente. Esta primeira atividade, que vai de encontro ao título do manual, localizada na página 8, imediatamente a seguir aos conteúdos gerais, está brilhantemente inserida na programação dos conteúdos de 10.º ano e permite suscitar nos alunos um interesse na disciplina, pois sentem a dimensão profunda da mesma e compreendem que é uma disciplina para todos os sexos.

No final do tema “Lógica Informal: Avaliar Argumentos Não Dedutivos e Falácias Informais”, página 111, surge uma “Provocação Filosófica”. Esta consiste numa experiência mental imaginada por Judith Jarvis Thomson<sup>73</sup> e é usada para justificar a tese de que as mulheres devem ter o direito a interromper a gravidez. Advém da elaboração de um argumento por analogia, todavia os autores do manual questionam se este é um bom argumento.

No tema seguinte, “Determinismo e Liberdade na Ação Humana: O Problema do Livre-Arbitrio”, para ilustrar a questão, na página 133, encontra-se um texto de Patricia Churchland<sup>74</sup>, acerca da objeção do autocontrolo. Segundo a Filósofa, o livre-arbitrio não é uma ilusão, pois temos controlo sobre as nossas ações, e é esse controlo que define o conceito de livre-arbitrio.

À semelhança do primeiro tema do manual, observa-se novamente, na página 148, um guião de filme, como recurso de fomento à provocação filosófica face aos tópicos “Juízo de Facto e Juízo de Valor e o Problema da Natureza dos Juízos Morais”. Neste caso, o filme recomendado pelos autores é *A Girl from Mogadishu*, de Mary McGukian, realizado em 2019. O filme relata a história verídica de uma das principais ativistas contra a violência de género e a mutilação

---

<sup>72</sup> Sousa, S. T., Ribeiro, I. P., Areal R. (2021) *Ágora 10*. Lisboa – Porto Editora.

<sup>73</sup> Thomson J., J. (2005), *Uma defesa do Aborto*, em Pedro Galvão (Org.), *A Ética do Aborto*, Dinalivro, p. 27.

<sup>74</sup> Churchland, P. (2013) *Touching a Nerve – The Self as Brain*, W. W. Norton & Company, pp.130 -131 (traduzido pelos autores).

genital feminina (FGM), levando os alunos a pensar acerca dos direitos humanos, em especial os direitos das mulheres, e se os mesmos poderão ser relativos, objetivos ou subjetivos.

Igualmente acerca destas questões, todavia focado no relativismo moral, é apresentada uma tarefa de aplicação de conteúdos, tendo como base um texto acerca da Malala Yousafzai, vencedora mais jovem do prémio Nobel da Paz, com meros 17 anos. Malala é conhecida por lutar pelo direito à educação de jovens mulheres no Paquistão, tendo, por isso, sofrido uma tentativa de assassinato.

Referente ao último conteúdo do programa de 10.º ano, neste livro escolar, observa-se uma opção de filosofema sobre o qual alunos poderão trabalhar: “O Problema do Estatuto Moral dos Animais Não-Humanos”. Face a este tema filosófico, os autores inseriram a sugestão do filme *How I Became an Elephant* de Tim Gorski e Synthian Sharp, realizado em 2012. Este documentário, acerca de uma jovem que viaja até à Tailândia com o propósito de salvar os maiores mamíferos terrestres do mundo, os elefantes, permite refletir acerca das práticas realizadas sobre os animais e se as mesmas serão aceitáveis cultural e moralmente.

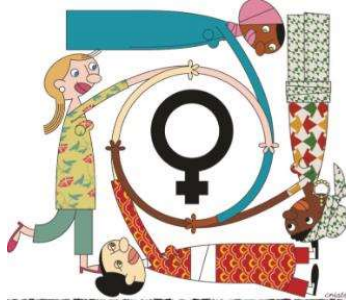
Apesar de não haver muitos textos de Filósofas, os recursos pedagógicos do manual destacam o exemplo e a coragem feminina, permitindo que ela seja abordada como tema de reflexão. Após a análise da bibliografia, é possível concluir a existência de apenas três mulheres, entre cinquenta e seis Filósofos, nomeadamente: Deborah Bennett, Professora na Universidade de New Jersey, cuja obra referenciada na bibliografia deste manual aborda a ambiguidade de diversas expressões inglesas tais como “*some*” e “*all*”, traduzidas em português para “algum” e “tudo”; a Filósofa Patrícia Churchland, presente em diversos manuais de 10.º ano, devido ao trabalho desenvolvido na área da Filosofia do Conhecimento e na Metafísica; e Regina Queiroz, Filósofa portuguesa e Professora de Ética e Filosofia Política na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. As referências das obras destas mulheres surgem do seguinte modo:

“Bennett, Deborah J., *Logic Made Easy: How to Know When Language Deceives You*, Norton & Company, 2004.

Churchland, Patricia, *Touching a nerve – The Self as Brain*, W. W. Norton & Company, 2013.

Queiroz, Regina, *Justiça Social e Estabilidade*, INCM, 2009.”<sup>75</sup>

**Manual: *Em Questão 10*** <sup>76</sup>



Não havendo nenhum tipo de menção a mulheres antes, a imagem supra, surge, na página 132 do manual, perante o tema “Dimensão Pessoal e Social da Ética”. Apesar de interessante e adequada ao tópico, não possui nenhum tipo de identificação, autoria, data, ou informação acerca do motivo pelo qual os autores inseriram este desenho.

Dentro deste filosofema, no subtema “O Problema da Natureza dos Juízos Morais”, encontra-se um excerto do texto de Dina Mendonça<sup>77</sup>, investigadora no Instituto de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH). O excerto encontra-se na página 136, e aborda o Emotivismo e a possibilidade de, segundo esta teoria, existirem crenças morais. Relativamente ao relativismo cultural, os autores mencionam de forma breve Ruth Benedict, antropóloga americana conhecida por defender esta teoria, nascida em 1887, tendo falecido em 1948, a mesma apoiava uma perspetiva relativista da Ética e é acerca desta perspetiva que o seu nome surge no manual em questão.

Tal como acontecera com a investigadora Dina Mendonça, surge um texto da autoria de Susana Cadilha<sup>78</sup>, investigadora de Pós-Doutoramento, Coordenadora do EPLab, e Professora Convidada no Departamento de Filosofia da FCSH, acerca do conceito Meta-Ética. Ambos os textos foram retirados do *Dicionário de Filosofia Moral e Política*, organizado pelo Instituto de Filosofia da FCSH, e presentes nas páginas 146 e 149.

<sup>75</sup> Sousa, S. T., Ribeiro, I. P., Areal R. (2021) *Ágora 10*. Lisboa – Porto Editora, pp.286-288.

<sup>76</sup> Borges, J. F., Paiva, M., Tavares, O. (2021) *Em Questão 10*. Lisboa – Porto Editora.

<sup>77</sup>Mendonça, D. (2012) *Emotivismo*, in *Dicionário de Filosofia Moral e Política*, 1.ª série, coord. António Marques e Diogo Pires de Aurélio, Lisboa, Instituto de Filosofia da Nova, pp.1-2.

<sup>78</sup> Cadilha, S. (2019), *Meta-Ética*, in *Dicionário de Filosofia Moral e Política*, 2.ª série, coord. António Marques e André Santos Campos, Lisboa, Instituto de Filosofia da Nova, pp. 2-3.

Além do excerto do texto de Susana Cadilha, na página 149, observa-se igualmente uma descrição da Filósofa Susan Wolf, idêntica à da Antropóloga Ruth Benedict. Nesta breve biografia destacam-se algumas informações relevantes acerca de Wolf, tal como a experiência mental, proposta pela mesma, de concebermos a vida de uma pessoa rigorosamente imparcial do ponto de vista moral – um “santo moral”. Segundo Susan Wolf, “a vida desta pessoa nunca poderia ser uma vida pessoal plenamente realizada, uma vez que teria de dar a mesma atenção a todas as pessoas, independentemente de serem suas conhecidas, amigos, familiares ou não.”<sup>79</sup> Esta menção surge no tópico da discussão das objeções do objetivismo moral.

Posteriormente, mais precisamente na página 153, os autores apresentam um artigo redigido por Rita Siza, em 2017 e disponível no site Público. Este é usado como mecanismo de debate, possuindo uma questão de partida: “O uso do lenço, *burqa* ou outros adereços de carácter religioso ou étnico é censurável?”. De modo a serem capazes de responder a esta questão, os alunos devem ler e analisar o artigo mencionado.

Idêntico aos outros manuais, nas últimas páginas encontram-se indicações de como os alunos deverão investigar, analisar e guiar-se na realização do seu ensaio filosófico, possuindo como opção de tema, segundo este livro escolar, “Desinformação, *Fake News* e os Riscos para Democracia”. Os Filósofos sugeridos pelos autores são Hannah Arendt (1906-1975) e Michel Foucault (1926-1984) que oferecem contributos importantes para a discussão do tema da desinformação. Ademais, o manual disponibiliza uma breve descrição de Hannah Arendt, referindo as teses e argumentos da Filósofa acerca da relação entre a verdade e a política, bem como sobre as origens do totalitarismo, com citações de duas obras de Arendt.<sup>80</sup>

Entre setenta e um Filósofos referidos na bibliografia, estas são as menções femininas:

“Arendt, Hannah (1998), *Verdade e Política*, Lisboa, Relógio D’Água.

Arendt, Hannah (2001), *A Condição Humana*, Lisboa, Relógio D’Água.

Arendt, Hannah (2001), *Compreensão e Política e Outros Ensaio*s, Lisboa, Relógio D’Água.

Arendt, Hannah (2013), *Origens do Totalitarismo*, São Paulo, Companhia de Bolso.

---

<sup>79</sup> Borges, J. F., Paiva, M., Tavares, O. (2021) *Em Questão 10*. Lisboa – Porto Editora, p. 149.

<sup>80</sup> Arendt, H. (1998), *Verdade e Política*, Lisboa, Relógio D’Água, p. 25 (adaptado).

Arendt, H. (2013), *Origens do Totalitarismo*, São Paulo, Companhia de Bolso, p. 432.



Auroux, Sylvain; WEIL, Yvonne (1997), *Dicionário de Filosofia*, Porto, Edições ASA.

Camps, Victoria (1996), *Paradoxos do Individualismo*, Lisboa, Relógio D'Água.

Cortina, Adela (dir.) (1994), *10 Palabras Clave en Etica*, Estella, Editorial Verbo Divino.

Delmazo, Caroline; Valente, Jonas C. L (2018), *Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques* - *Media & Jornalismo*, 18 (32).

Gonçalves, Maria Eduarda (2003), *Direito da Informação – Novos Direitos e Formas de Regulação na Sociedade da Informação*, Coimbra - Almedina.”<sup>81</sup>

---

<sup>81</sup> Borges, J. F., Paiva, M., Tavares, O. (2021) *Em Questão 10*. Lisboa – Porto Editora, p. 270-271.

## 11.º ano

### Manual: *Desassossegadamente 11*

Em conformidade com o tema “Filosofia De Conhecimento - Descrição e Interpretação da Atividade Cognoscitiva”, numa atividade presente na página 85, surge um texto de Marina Ferreira, disponível no Polígrafo, em 2021, *A ânsia de atingir um corpo que não existe no mundo real*. Além de ser escrito por uma mulher apresenta uma perspetiva crítica face a um problema com o qual todos os alunos se conseguem relacionar, a influência dos criadores de conteúdos, em particular de conteúdos digitais, no conhecimento ou na manipulação da verdade acerca dos seus corpos.

O terceiro tema apresentado, “Filosofia da Arte – A Dimensão Estética — Análise e Compreensão da Experiência Estética”, é iniciado com uma admirável referência aos padrões de beleza impostos sobre o corpo das mulheres no final do século XX, “(...) a mulher que tivesse 86 cm de perímetro no peito, 60 cm na cintura e 86 cm na anca representaria um ideal físico da mulher.”<sup>82</sup>. O referido manual elabora mais sobre o tema, comparando este ideal com a boneca *Barbie*: “No entanto, a boneca *Barbie*, também ela considerada um dos modelos de beleza, quando sujeita à medição em termos proporcionais à sua escala, não continha essas medidas.”<sup>83</sup>. Esta comparação permite suscitar o debate acerca de algumas questões, por exemplo, existirá algum critério universal de beleza? Será possível objetivar a beleza?

Na página seguinte, surge uma imagem da estátua “A Vénus”, de Willendorf<sup>84</sup>, e outra de Marilyn Monroe.<sup>85</sup> Os autores do manual questionam então o motivo da beleza de Marilyn Monroe, ou seja, perguntam, filosoficamente, qual o motivo de se considerar (ou não) a atriz bela, e quais são as bases de pensamento para o fazer.

Na página 179 é apresentada uma questão-problema, acerca da fotógrafa Cindy Sherman, artista reconhecida pelos autorretratos onde utiliza códigos de arte, como maquilhagem e efeitos

---

<sup>82</sup> Manzarra, A., Gala, E., Rodrigues E., (2022) *DesassossegadaMente 11*, Lisboa - Raiz Editora, p.161.

<sup>83</sup> Ibidem, p.161.

<sup>84</sup> Vénus de Willendorf é uma obra que se estima ter sido esculpida há cerca de 24 000 anos, é uma idealização da figura feminina, onde se enaltece as zonas corporais femininas associadas à fertilidade.

<sup>85</sup> Marilyn Monroe (1926-1962) reconhecida como um ícone de beleza, foi uma atriz norte-americana, é no filme *Os Homens Preferem as Loiras* que Monroe alcança o seu estatuto enquanto ícone, através da sua atuação da música "Diamonds Are a Girl's Best Friend", onde surge com o seu vestido cor-de-rosa.

especiais, de modo a criticar diversos aspetos da sociedade. Esta referência surge após a teoria da arte como representação.

No tema 4 “Filosofia da Religião – Análise e Compreensão da Experiência Religiosa”, na abordagem do tópico “O Mal, Leibniz e a Existência de Deus”, que surge na página 253, é referido o problema da ausência de Deus ou da ocultação divina. Face a este problema, os autores apresentam a perspetiva de Madre Teresa de Calcutá, (1910-1997), missionária católica de origem albanesa, fundadora da Congregação das Missionárias da Caridade, cujo objetivo é o serviço aos mais pobres.

Dentro do tema 5, “Temas/ Problemas da Cultura Científico – Tecnológica, de Arte e de Religião”, no tópico dois “Os Desafios Atuais da Religião”, na página 239, surge um texto profundamente esclarecedor acerca da discussão da atual abertura e tolerância religiosa, onde medidas, ações e tradições são rompidas ou alteradas, destacando o papel das mulheres na sociedade e na religião. Ademais, é afirmado que foi, sobretudo, no mundo católico que estas alterações aconteceram, conforme se pode ler num excerto desta página:

“Ao longo de séculos, as regras e instituições religiosas atuaram como guardiãs do patriarcado, isto é, do sistema social em que os homens ocupam o lugar central, enquanto chefes de família, na vida política e na transmissão do património.”<sup>86</sup>

Ainda na página 293, vemos mais uma informação referente ao papel das mulheres na religião: “Na Suécia, há mais mulheres sacerdotes do que homens.”<sup>87</sup>

Igualmente dentro do tema da Filosofia da Religião são apresentadas duas perspetivas femininas acerca dos desafios atuais da religião, nas páginas 293 e 294. A primeira teoria é de Martha Nussbaum, Filósofa norte-americana, nascida em 1947, as principais áreas de investigação são a Filosofia Política, a Ética, o Feminismo e os Direitos dos Animais. Nussbaum sustenta a necessidade de reconhecer a fragilidade da dimensão humana, e, segundo a mesma, devemos confiar na nossa boa vontade e guiar-nos pela mesma.

A segunda perspetiva é defendida por Hannah Arendt, (1906 – 1975), Filósofa alemã de origem judaica, reconhecida como uma das mais influentes Filósofas do século XX. Arendt

---

<sup>86</sup> Manzarra, A., Gala, E., Rodrigues E., (2022) *DesassossegadaMente 11*, Lisboa - Raiz Editora, p.239.

<sup>87</sup> *Ibidem*, p.239.

considera que devemos encarar as ações humanas entre perdões e promessas, ou seja, enquanto humanos frágeis agimos como tal, todavia não agimos de acordo com o que ambicionamos ser.

Na página 295, ainda dentro do tema, surge o texto *A mulher de dois mundos*<sup>88</sup>, onde se coloca o seguinte problema “Os Desafios Atuais da Religião: existe margem para colocar a mulher abaixo do homem, tanto aos olhos de Deus como na Igreja?”

Dentro da mesma temática, encontramos, na página 302, alguns recursos de modo a complementar o estudo deste filosofema, sendo um deles o filme *O Sonho de Wadjda*, de Haifaa Al Mansour. Filmado na Arábia Saudita, em 2012, tem a duração de 97 minutos e relata a história de uma menina que aprecia atividades diferentes do habitual das raparigas praticantes da religião muçulmana.

Relativamente à bibliografia, em sessenta autores referidos, seis são mulheres:

“Arendt, H. (2016). *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitär

Bortolotti, L. (2013). *Introdução à Filosofia da Ciência*. Lisboa: Gradiva

Calcutá, M. T. (2007). *Come Be My Light*. Nova Iorque: Doubly

Margaret P. Battin, J. F. et al. (editores) (1989). *Puzzles About Art: An Aesthetics Casebook*. St. Martin's Press (adaptado).

Nussbaum, M. (1988). Entrevista de Bill Moyers no programa A World of Ideas. Nova Iorque: Retirada de: [https://wwwtc.pbs.org/moyers/journal/archives/docs/woi\\_nussbaum.pdf](https://wwwtc.pbs.org/moyers/journal/archives/docs/woi_nussbaum.pdf)

Thunberg, G. (2019). *No One is Too Small to Make a Difference*. Londres: Penguin Book.”<sup>89</sup>

Concluindo, os autores do manual *Desassossegadamente* tiveram uma atenção redobrada não só em relação à representatividade de mulheres (Filósofas, Escritoras, entre outras), mas também ao modo como a informação acerca das mesmas é partilhada. Por exemplo, ao apresentarem o artigo de Marina Ferreira, anteriormente mencionado, permitem que os alunos se sintam integrados no processo de aprendizagem de forma natural, pois é um tópico ao qual todos são sensíveis.

---

<sup>88</sup>Brisos, L. J. (2019). *A Mulher de Dois Mundos*. In Visão. Retirado de <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2019-08-28-a-mulher-de-dois-mundos>, consultado pela última vez no dia 29 de maio de 2023 às 22: 05 horas.

<sup>89</sup>Manzarra, A., Gala, E., Rodrigues E., (2022) *DesassossegadaMente 11*, Lisboa - Raiz Editora, p.303-304.

### **Manual: *Espanto 11***

Apesar de ser um dos mais distintos manuais de Filosofia de 11.º ano (devido à sua total aposta na leitura e análise de texto), este poderá não ser o manual mais apelativo para os jovens estudantes. Primeiramente, tendo em conta a problemática analisada neste relatório de estágio, este manual fica muito aquém de outros, apresentando pouquíssimas referências femininas (todavia, importa salientar que as Filósofas mencionadas estão perfeitamente enquadradas nos conteúdos programáticos). Em segundo lugar, o manual parece estar focado apenas no Professor, pois a principal metodologia sugerida é a leitura e análise de textos, que, embora também seja fundamental, não é a única estratégia de abordagem dos conteúdos. Seria interessante um maior recurso a estratégias que conduzissem à problematização, através de temas mais atuais e aliciantes para os alunos, como a disseminação das *fakes news* dentro do tema de Filosofia do Conhecimento, por exemplo.

A insuficiência de menções de Filósofas e de conteúdos relacionados com as mulheres neste manual foi experienciada em primeira mão, visto que foi o manual adotado na Escola onde o presente estágio foi efetuado. A única relevante e adequada, inserção de uma Filósofa deste manual foi significativa nos estudantes, dado que todos ficaram impressionados com o facto de o texto que analisavam, ser de Lisa Bortolotti (1974-), Filósofa italiana, Professora na Universidade de Birmingham (Inglaterra), é autora de vários livros de filosofia da ciência, bioética e filosofia da psicologia. Retirado do seu livro *Introdução À Filosofia Da Ciência*, este excerto, escolhido pelos autores, insere-se dentro da temática da “O Estatuto do Conhecimento Científico: Filosofia da Ciência”, especificamente acerca do problema da demarcação e a importância do mesmo.

Além disso, na análise concretizada ao manual, foi possível constatar mais uma menção feminina, concretamente na página 151, no início do tema 3 “A Criação Artística e a Obra de Arte: Filosofia da Arte” surge uma citação de Cynthia Freeland (1951-), Filósofa de arte americana e Professora Emérita de Filosofia na Universidade de Houston) acerca da dificuldade em criar uma boa definição de arte.

Apenas aparecem duas mulheres Filósofas Lisa Bortolotti e Susan Haack (1945-), Professora de direito e filosofia da Universidade de Miami), em trinta Filósofos presentes na bibliografia. As suas referências bibliográficas são as seguintes:

“Bortolotti, Lisa (2008) *Introdução À Filosofia Da Ciência*. Trad. de J. Beleza. Lisboa: Gradiva, 2013.

Haack, Susan (2009) *Seis Sinais De Cientismo*. Trad. de Eli Vieira Araújo, Porto Alegre: Liga Humanista Secular Do Brasil, 2012.”<sup>90</sup>

### **Manual: *Ágora 11***<sup>91</sup>

Logo no primeiro tópico do programa atual de Filosofia de 11.º ano, na página 25, surge um texto acerca do que é o conhecer, ou seja, sobre questões de epistemologia, de Maria Luísa Couto Soares (1947-) Professora de Filosofia na Universidade Nova de Lisboa, onde lecionou Epistemologia e Filosofia da Mente, áreas onde escreveu algumas obras, intitulado *O Que é o Conhecimento?*<sup>92</sup> Ainda inscrito neste tópico este mesmo livro volta a ser citado na página 44, desta vez abordando o que são as crenças básicas.

Na página 113, após terem sido expostas as teorias de René Descartes e David Hume acerca do conhecimento, surge um texto da Filósofa portuguesa Maria Luísa Ribeiro Ferreira,<sup>93</sup> (1944 -), anteriormente Professora associada (com agregação) na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa onde lecionou diversas disciplinas, nomeadamente, Filosofia de Género e Filosofia da Natureza. A maioria das suas obras são focadas na Filosofia de Género, tais como *Também há Mulheres Filósofas* e *As Mulheres na Filosofia*, com o intuito de incentivar uma discussão crítica, através da seguinte questão: “Terá a pandemia alterado a nossa identidade pessoal e coletiva?”

---

<sup>90</sup> Ibidem, pp.247-248.

<sup>91</sup> Sousa, S. T., Pinto, I.R. , Areal, R., (2022) *Ágora – 11*, Porto Editora.

<sup>92</sup> Soares, M., L.,C, (2004) *O Que é o Conhecimento?* Porto, Campo das Letras, pp.7-8 e 25.

<sup>93</sup> Ferreira, M., L., R (2021), *Identidade e Pandemia*, Sete Margens. Disponível em <https://setemargens.com/identidade-e-pandemia/>, consultado no dia 03 de junho de 2023.

É possível observar o esforço dos autores em colocar, ao longo do tema de Filosofia da Ciência, diferentes representações de mulheres cientistas, como por exemplo as imagens infra, que surgem nas páginas 122 e 165, respetivamente.



Na página 166, surge um texto intitulado: *Um Novo Contexto Epistemológico de Objetividade*,<sup>94</sup> de Elisa Seixas (Professora portuguesa de Filosofia, com especial interesse nas questões de Ética, Política, Direitos Humanos, Igualdade e Género. Deputada na ALRAM<sup>95</sup> até 2023, eleita pelo PS-Madeira).

Este excerto aborda a questão da objetividade da ciência na teoria de Karl Popper. No final deste tema, surge uma atividade de aplicação de conhecimentos através de uma entrevista realizada pelos autores à Cientista Adelaide Sousa da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto, presente na página 192.

Como atividade introdutória ao tema da Filosofia da Arte, na página 200, os autores sugerem a visualização do filme *Big Eyes* de Tim Burton, filmado em 2014. Este filme relata a fase inicial da carreira da pintora Margaret Keane, tendo esta sido marcada pela injustiça sofrida pela artista “pelas mãos” do seu marido, quando o mesmo assumia a autoria das suas obras e denegria o seu talento.

Também acerca deste tema, surge por duas vezes a referência à pintora Paula Rego e as suas obras. A primeira menção é feita através da apresentação de um quadro da mesma, na página 218, e na página 227, é exposta uma breve curiosidade acerca da presença da artista no museu The National Gallery em Londres (na imagem é possível observar a pintora ao lado do painel que lhe foi encomendado pelo museu).

<sup>94</sup>Seixa, E. (2000) *Um Novo Contexto Epistemológico De Objetividade* in Revista Da Faculdade De Letras – Filosofia II, Série, Volume VXII, Porto, pp. 157-158.

<sup>95</sup> Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira.

Este manual não possui bibliografia final, todavia, é possível verificar algumas referências femininas ao longo do mesmo. Embora sejam menções adequadas e interessantes, do ponto de vista do tema do presente relatório, são escassas, em especial após a análise concretizada aos manuais anteriores.

### **Manual: *Em questão 11***

Ao longo do manual apenas surge um excerto de uma obra escrita por uma Filósofa, concretamente na página 112, onde encontramos um pequeno excerto do texto *Introdução à Filosofia da Ciência* da Filósofa Lisa Bortolotti, acerca da conceção indutivista do método científico.

Na última página deste manual encontram-se as referências bibliográficas, em que constam setenta Filósofos de entre os quais duas são mulheres, Lisa Bortolotti e Carmo D’Orey (1933-2003, Professora Auxiliar Jubilada do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, exerceu funções entre 1986 e 2003, tendo desenvolvido investigação nas áreas da Estética e da História da Filosofia Analítica). As suas referências surgem do seguinte modo:

“Bortolotti, Lisa (2013), *Introdução à Filosofia da Ciência*, Lisboa, Gradiva

D’Orey, Carmo (org.) (2007), *O Que é a Arte? A Perspetiva Analítica*, Lisboa, Dinalivro.”<sup>96</sup>

### **Manual: *Ponto de fuga 11***<sup>97</sup>

No início do tópico “Filosofia da Ciência – O Estatuto do Conhecimento Científico”, surge uma rubrica chamada “Por Outras Palavras”, onde se encontra um texto desenvolvido por um outro profissional (sem ser o Professor ou o editor) acerca do filosofema que se pretende, posteriormente, compreender e analisar. No caso deste tema o texto foi elaborado por Anna Olson, Investigadora em Etologia, bem-estar animal e ética animal. Nesta passagem a mesma explica a importância da Filosofia, em especial o ramo da Filosofia da ciência, no seu trabalho.

---

<sup>96</sup> Borges, J. F., Paiva, M., ,Fadigas, N., Tavares, O. (2022) *Em Questão – 11ºano*. Lisboa - Porto Editora.

<sup>97</sup> Pires, Catarina (2022) *Ponto de Fuga 11*. Lisboa – Areal Editores.



Na abordagem do tema “Filosofia da Ciência – O Problema da Demarcação”, tal como aconteceu noutros manuais, surge um excerto do texto *Introdução à Filosofia da Ciência*, da Filósofa Lisa Bortolotti, acerca da relevância do filosofema em questão.

Na página 212, surge um texto da Filósofa portuguesa, Teresa Toldy (1954 -) doutorada em Teologia (área da Teologia Feminista), Professora Catedrática da Universidade Fernando Pessoa - Porto, onde ensina Ética. Durante 2009 e 2014 foi lhe atribuído o cargo de Vice-Presidente da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres. Este texto serve como atividade introdutória ao tema “Filosofia da Religião: O Problema da Existência de Deus.”

Ainda dentro da temática Filosofia da Religião, no contexto do debate acerca do problema do mal, encontra-se um texto de Andrea M. Weisberger (1957-) Professora universitária de Filosofia na Universidade do Norte da Flórida, onde se pode ler, por exemplo, a seguinte afirmação, que contextualiza o referido problema: “A existência do mal é a ameaça mais fundamental ao conceito ocidental tradicional de um Deus sumamente bom e todo-poderoso.”<sup>98</sup>

Na bibliografia, em cinquenta Filósofos, quatro são mulheres. Tal como no anterior manual surgem as Filósofas Lisa Bartolotti e Carmo D’Orey. Contudo são referidas mais duas impressionantes mulheres, provenientes de áreas filosóficas distintas: Victoria Camps (1941-) Professora catedrática de Filosofia Moral e Política na Universidade Autónoma de Barcelona, e Susan Neiman (1955 -) Directora do Einstein Forum, em Postdam, estudou Filosofia na Universidade de Harvard e na Freie Universität de Berlim. Foi Professora Associada de Filosofia na Universidade de Yale e na Universidade de Tel Aviv. As referências já mencionadas surgem do seguinte modo:

“Bartolotti, Lisa (2013). *Introdução à Filosofia da Ciência*. Lisboa: Gradiva.

D’Orey, Carmo (org.) (2007). *O Que é a Arte? A Perspetiva Analítica*. Lisboa: Dinalivro.

Camps, Victoria (2021). *O Elogio da Dúvida*. Lisboa: Edições 70.

Neiman, Susan (2005). *O Mal no Pensamento Moderno*. Lisboa: Gradiva.”<sup>99</sup>

---

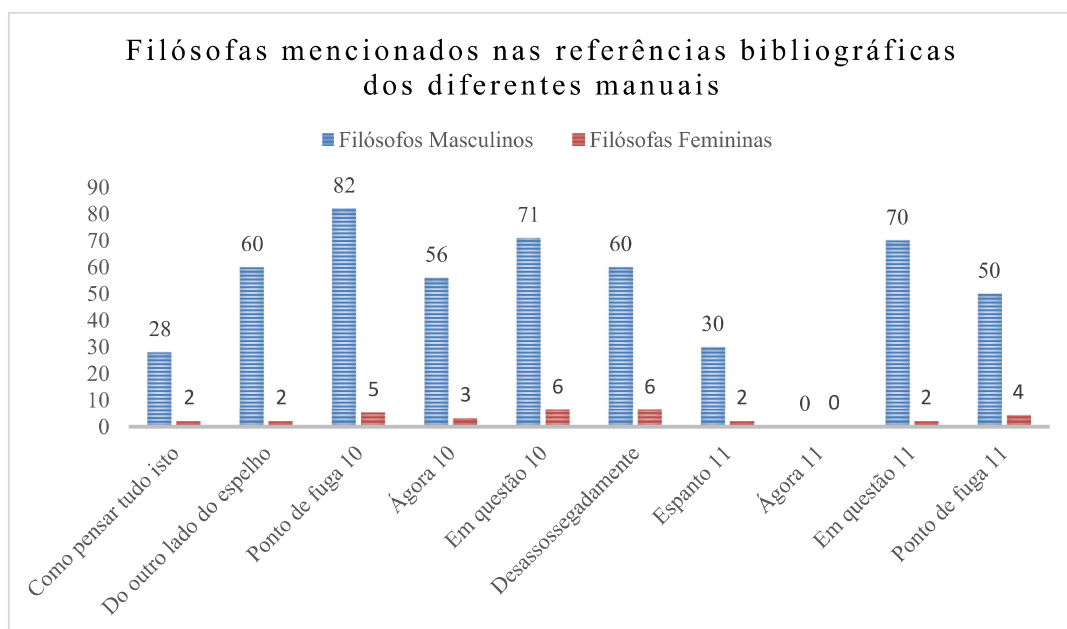
<sup>98</sup>Weisberger, A. M. (2010). *O argumento do mal*, in Michael Martin (dir.), *Um mundo sem Deus. Ensaios sobre o ateísmo*. Edições 70, p. 219.

<sup>99</sup>Borges, J. F., Paiva, M., Fadigas, N., Tavares, O. (2022) *Em Questão – 11º ano*. Lisboa - Porto Editora, pp. 271-272.

### Conclusões gerais após a análise dos manuais escolares

Apesar de todos os manuais se apresentarem adequados a uma aprendizagem que se pretende idilicamente, crítica, ativa e responsável por parte do aluno, ajustada a uma realidade cada vez mais digital e harmonizada com os problemas da sociedade atual, alguns manuais demonstram ir mais ao encontro do que se propõem neste relatório do que outros, tais como os manuais *Em Questão 10* e *Desassossegadamente 11*. Estes revelam uma atenção mais detalhada e sensível, por parte dos autores, a uma maior representatividade das mulheres na diversidade de temas e conteúdos que abordam. Ao passo que nos restantes livros escolares, apesar de existirem referências a mulheres Filósofas, Cientistas ou Artistas, as mesmas são escassas.

Embora a referência a mulheres esteja genericamente presente em todos os livros, é claramente reduzida quando, comparada com a quantidade de Filósofos masculinos mencionados. O gráfico infra demonstra a diferença abismal que se revela em todos os livros escolares. Ademais, através da investigação realizada neste relatório, foi possível constatar que a média de Filósofas referidas nos manuais é de 3, ao passo que a de Filósofos é 50.



Conquanto, um dos objetivos iniciais desta investigação tenha sido a verificação da existência de mulheres Filósofas nos livros escolares, a análise levada a cabo neste relatório demonstra a quantidade reduzida e conseqüente necessidade de expor a presença de diferentes

mulheres, quer na Filosofia quer em áreas distintas, sejam científicas, artísticas ou culturais, tal como as que foram mencionadas e observadas ao longo dos dez manuais analisados. Nestes, apesar da manifesta reduzida quantidade de mulheres Filósofas, são representadas mulheres de outras áreas científicas. A título de exemplo recorro a atividade “Por Outra Palavras” do manual *Ponto de Fuga 11*, redigido por Anna Olson. O texto desenvolvido por esta mulher demonstrava a importância da Filosofia, em especial a Filosofia da ciência, nas suas investigações e trabalhos científicos.

Estas menções são todas importantes, pois permitem cumprir um objetivo essencial: que os alunos vejam outras representações femininas, que ouçam e leiam perspetivas diferentes nos diversos campos do saber. Tudo isso permite criar representações sociais sobre o feminino, dar visibilidade à mulher e colmatar assimetrias na representação de mulheres e de homens (que, como referido, constitui uma discrepância observável em todos os manuais analisados), indo ao encontro aos objetivos enunciados quer no *Perfil do Aluno à Saída do Ensino Obrigatório* quer nas *Aprendizagens Essenciais*.

## Entrevistas

Com o intuito de recolher diferentes perspetivas, acerca da representatividade feminina no Programa de Filosofia atual e nos manuais escolares vigentes, realizaram-se três entrevistas. As entrevistas foram realizadas a uma mulher, a Doutora (Professora Aposentada) Fernanda Henriques, e a dois homens, os Professores António Manzarra e Domingos Faria.

Os três entrevistados lecionaram e/ou lecionam no Ensino Secundário e colaboraram na elaboração de diferentes manuais escolares- o Professor Domingos Faria fez parte da equipa que criou os manuais *Como Pensar Tudo Isto? – 10<sup>o</sup>*<sup>100</sup> e *11<sup>o</sup> ano*<sup>101</sup>, a Doutora Fernanda Henriques colaborou, enquanto revisora científica, na realização do manual *Clube das Ideias 10<sup>o</sup>*<sup>102</sup> e o Professor António Manzarra fez parte da elaboração de diversos manuais, sendo os mais recentes: *Do outro Lado do Espelho 10<sup>o</sup>*<sup>103</sup> e *Desassossegadamente 11.*<sup>104</sup> Todos os manuais referidos foram analisados nas páginas anteriores.

As três entrevistas foram compostas pelas seguintes questões:

1. Se fosse possível criar um Plano Nacional de Leitura de Filosofia, idêntico às leituras recomendadas pelo Plano Nacional de Leitura da Disciplina de Português, que livros constariam nesta lista, de modo a suscitar nos estudantes o interesse pela Filosofia?
2. Na sua opinião, considerada que o despertado interesse dos rapazes e das raparigas poderia ser diferente se se tratar de obras de Filósofos ou de Filósofas?
3. Se tivesse de comparar o Programa de Filosofia anterior, com os atuais documentos vigentes, as *Aprendizagens Essenciais de 10<sup>o</sup> e 11<sup>o</sup> Anos*, o que pensa que se perdeu?
4. A igualdade de género deverá ser um tema a abordar no Programa de Filosofia? Se sim, porquê?
5. Pensa que as mulheres Filósofas estão convenientemente representadas no atual Programa de Filosofia? Se não, que nomes considera que deveriam ser incluídos?
6. Considera pertinente incluir no Programa de Filosofia uma rubrica ou tema sobre as mulheres e a Filosofia ao longo da história?

<sup>100</sup> Gama, A., Domingos, F., Veríssimo, L. (2021) *Como pensar tudo isto? – 10<sup>o</sup> ano*. Lisboa –Asa Editora.

<sup>101</sup> Gama, A., Domingos, F., Veríssimo, L. (2022) *Como pensar tudo isto? – 11<sup>o</sup> ano*. Lisboa –Asa Editora.

<sup>102</sup> Amorim, C., Pires, C. (2014) *Clube das Ideias 10*, Porto – Areal editores.

<sup>103</sup> Gaspar, A., D., Manzarra, A. (2022) *Do Outro Lado do Espelho*. Lisboa – Raiz Editora.

<sup>104</sup> Manzarra, A., Gala, E., Rodrigues E., (2022) *DesassossegadaMente 11*, Lisboa - Raiz Editora.

Alguns esclarecimentos prévios importantes relativamente à apresentação das entrevistas:

– As respostas expressas neste documento estão expostas tal como foram declaradas. Em nenhuma resposta foi realizada qualquer alteração de ideias ou de expressões, pois o que se pretende com a exposição das questões e das respetivas respostas é a observação, e posterior análise, da perspetiva de cada um dos docentes acerca da representativa feminina no Programa de Filosofia atual e nos manuais escolares vigentes.

– Todas as entrevistas tiveram a duração de uma hora. Durante este período, todos os docentes responderam a seis questões (apresentadas na página anterior), de modo completo e aprofundado.

Fernanda Henriques, é Professora Emérita da Universidade de Évora e Doutorada em Filosofia, na área da Filosofia Contemporânea. Colaborou na criação do antigo *Programa de Filosofia*, juntamente com Joaquim Neves Vicente e Maria do Rosário Barros. Além disso, lecionou no Ensino Secundário durante 12 anos e colaborou na criação do manual *Clube das Ideias – 10º ano*<sup>105</sup>, como revisora científica do mesmo. Ademais, pertenceu à direção da *Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres* e foi cofundadora da *Associação Portuguesa de Teologias Feministas*. Ao longo da sua vida, tem publicado diversas obras nas áreas da Filosofia Hermenêutica e dos Estudos sobre as Mulheres.

Além de todos estes feitos, Fernanda Henriques pertenceu ao grupo de profissionais educativos que elaborou o *Guião de Educação - Conhecimento, Género e Cidadania no Ensino Secundário*. Este documento visa auxiliar os Professores do Ensino Secundário a incorporar a investigação científica sobre os Estudos sobre as Mulheres e de Género (concretizada nas mais diversas áreas do saber, mas com mais incidência nas Ciências Sociais, na administração dos programas disciplinares e na aprendizagem dos conteúdos). No documento em questão, Fernanda Henriques, manifesta a sua intenção em realizar uma “Análise não discriminadora dos conteúdos programáticos para o 10º ano”<sup>106</sup>, tais como: “a Abordagem Introdutória à Filosofia”, e a “Ação Humana – Análise e Compreensão do Agir”, entre outros temas.

---

<sup>105</sup> O manual *Clube das Ideias*, elaborado em 2016 pela Areal Editores com os autores Carlos Amorim, Catarina Pires e, como revisora científica Fernanda Henriques, fazia parte da listagem dos manuais escolares adotados pelo ministério de Educação no ano letivo 2015-2016.

<sup>106</sup> Vieira, C., (coord.) et al (2017) *Guião de Educação - Conhecimento, Género e Cidadania no Ensino Secundário*, CIG- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género 1.ª ed., p.215.  
Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/documentacao-de-referencia/doc/cidadania-e-igualdade-de-genero/guioes-de-educacao-genero-e-cidadania/>.

A organização dos temas filosóficos corresponde ao anterior documento regulador do ensino de Filosofia no Ensino Secundário, o *Programa de Filosofia*,

Para concretizar esta análise não discriminadora, Fernanda Henriques apresenta uma proposta de atividade de abordagem aos conteúdos programáticos do de Filosofia de 10º ano, referente ao tópico “A Ação Humana – Análise e Compreensão do Agir”. Tal como está redigido pela própria “A consolidação do que está em jogo neste tema pode ser feita através de um texto de Simone de Beauvoir, da sua obra, “Para uma Moral da Ambiguidade”, porque ela permitirá não só uma abordagem clássica da questão Determinismo/ Liberdade – a visão existencialista – mas também analisar a posição própria de Beauvoir que é diferente da de Sartre.”<sup>107</sup>

---

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos\\_Disciplinas\\_novo/filosofia\\_10\\_11.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/filosofia_10_11.pdf), tendo o mesmo sido revogado pelo [despacho 6605-A/2021, de 6 de julho](#).

<sup>107</sup> Ibidem, p.218.

## Entrevistas: Professora Doutora Fernanda Henriques

A entrevista realizada à Professora Fernanda Henriques teve lugar no dia 24 de maio de 2023, entre as 10 horas e as 11 horas. Estas são as suas repostas:

**1. Se fosse possível criar um Plano Nacional de Leitura de Filosofia, idêntico às leituras recomendadas pelo Plano Nacional De Leitura Da Disciplina De Português, que livros constariam nesta lista, de modo a suscitar nos estudantes o interesse pela Filosofia?**

É uma questão complexa, porque a diferença que existe entre os textos da literatura e os textos da disciplina Filosofia, não sei se permite que nós possamos estabelecer uma lista. Porém, existem textos literários que poderemos utilizar ao longo do ensino da Filosofia.

Nas minhas aulas, começava sempre a introdução à Filosofia através da literatura, com o conto *A Viagem* de Sophia de Mello Breyner. É um conto que se lê rapidamente, poderá ser encenado e é uma viagem questionadora. Para a introdução à Filosofia este conto é quase perfeito.

Existe um outro texto literário que tem muito a ver com o mundo contemporâneo que é *O Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley, este livro não aborda o tópico das mulheres, mas relaciona-se com tudo. Por exemplo aborda de uma forma pré ou proto a tecnologia. Uma das coisas que pedia, nas minhas aulas eram representações gráficas do livro e eram magníficas, pois era um texto que tocava, na altura, as pessoas.

Outros textos que também usava sempre nas minhas aulas, durante os anos 70, era *A Toca* de Franz Kafka e o livro *A Náusea* de Jean-Paul Sartre, ambos referentes ao tópico dos valores. Na verdade, utilizava um leque de recursos, mas sempre que possível procurava textos mais curtos, para ser lidos em aulas e que estivessem ligados a algum ponto do programa.

Portanto, não pensei exatamente numa lista, mas se quisermos falar de textos que poderiam acompanhar a sensibilização das diferentes temáticas do programa (refiro-me aos temas do programa anterior), seria necessário realizar uma lista de apoio literário, encontrar textos dentro da literatura que permitam mergulhar no espírito da Filosofia, porque penso que o texto literário, uma narrativa literária, permite criar um conteúdo problemático complexo e completo. Portanto o que se pode fazer dentro da sala de aula é uma exploração desse núcleo, que toda a gente da turma tem.

Uma das minhas preocupações sempre foi a democratização dentro da sala de aula, alcançável através do uso de um debate. O espaço do debate em que a turma tinha elementos, compostos pela leitura dos textos literários, em termos de conteúdo, quando estamos dentro da sala de aula a fazer perguntas. O horizonte teórico a partir do qual nós fazemos as perguntas não tem nada a ver com o dos alunos, porém se tivermos um núcleo temático ao qual possamos referir, eles também têm, podem fazer a sua interpretação pessoal daquilo que estamos a questionar e depois podemos debater se ela é mais ou menos objetiva. Os alunos devem sair da aula com um maior horizonte do que com o qual tinham entrado, e por isso a introdução de textos literários como um horizonte de referência é fundamental.

## **2. Na sua opinião, considerada que o despertado interesse dos rapazes e das raparigas poderia ser diferente se se tratar de obras de Filósofos ou de Filósofas?**

Neste momento sim, os textos de Filósofas criam essa diferença no interesse dos alunos, porque elas normalmente não aparecem, logo quando surgem textos de mulheres Filósofas são novos e os estudantes não estão habituados à presença das mulheres Filósofas nos manuais. Por exemplo, o caso das obras de Mary Wollstonecraft poderão introduzir um fator novo, pois permite analisar as questões da discriminação, porém sobre uma nova perspectiva e isso mexe com os alunos, porque surpreende-os, é uma lufada de ar fresco. Aliás, sobretudo nos textos da Idade Moderna há uma frescura nos textos das mulheres, porque elas próprias estavam a ensaiar o seu caminho, a defender uma posição e por isso o texto poderá ser mais apelativo.

A utilização de excertos de textos de mulheres Filósofas, parece-me uma questão de justiça, para as mulheres e para os homens. É uma forma de ir demonstrando as suas obras, sem estar sempre a dizer que elas as fizeram. Por exemplo, Poulain de la Barre defendeu a igualdade entre os sexos e explicou como a diferença entre os sexos, no sentido hierárquico, de um ser superior ao outro, é apenas um preconceito. Desse modo, seria interessante procurar e apresentar textos deste autor, e não só, pois permite destruir a ideia de que apenas as mulheres escreveram a igualdade entre os sexos, o que é falso. O problema é que os homens que escreveram textos sobre a igualdade entre os sexos também foram discriminados, logo não entram no pensamento canónico filosófico.

Este é o cânone a derrubar, pois há muitos textos esquecidos, sobretudo no início da Idade Moderna, que defendem a igualdade entre os sexos e que deveriam ser explorados. Por



exemplo, La Barre possui uma carta a atacar o Jean- Jacques Rosseau, porque Rosseau foi um Filósofo profundamente misógino. Nesta carta, Poulain de La Barre considera que é absolutamente inacreditável o preconceito que Rosseau nutre e partilha acerca das mulheres. A apresentação destes textos e exemplos é extremamente importante, para que numa turma de Filosofia se compreenda que as ideias também têm história, não nasceram todas hoje. É fundamental em primeiro lugar, explicar que nessa história há muitos homens, e em segundo lugar mostrar que essa história escamoteou Filósofos que defendiam a igualdade entre os sexos, como Poulain de Barre e Nicolas de Condorcet, porque mesmo quando se fala deles, não é para partilhar as ideias a favor da igualdade ou a importância da defesa do acesso à educação para as mulheres.

Todo o século XIX, em termos de educação, aplica as ideias que Rosseau defendeu no *Emílio ou Da Educação*. Este século foi definido segundo estes ideais misóginos. Na verdade, Rosseau está na base de todo o pensamento pedagógico moderno, porém o problema é que as mulheres estavam fora desse projeto. Com isto quero dizer que os Filósofos, mesmo os misóginos, importa estudá-los, contudo, importa também dizer que embora eles tenham estas obras fundamentais, eles penalizaram as mulheres e contribuíram para a discriminação do que é ser feminino, seja a falarem em termos de natureza feminina ou de identidade feminina. Immanuel Kant é um outro exemplo, pois apesar das suas impressionantes obras, possui uma contradição gigante no seu pensamento ético, pois por um lado defende uma racionalidade universal, contudo quando nos seus textos aborda a diferença entre homens e mulheres parece contradizer-se, como podemos ler no texto *Observações sobre o Sentimento do Belo e do Sublime*. Ele nesta obra limita-se a repetir as ideias de Jean-Jacques Rousseau. Ou seja, é preciso saber a história dos Filósofos e das Filósofas.

**3. Se tivesse de comparar o Programa de Filosofia anterior, com os atuais documentos vigentes, as *Aprendizagens Essenciais* De 10º e 11º anos, o que pensa que se perdeu?**

De uma forma, radical e provocadora, o que se perdeu de um para outro foi a Filosofia. Os analíticos dizem que se perdeu a especulação caótica e sem sentido, eu digo: transformou-se pensar em raciocinar. Porém não é a mesma coisa, o que se retirou foi a possibilidade de que Professores e alunos façam exatamente a experiência do pensar. Vejamos, como é que se pode pensar sem raciocinar? Pois... Não se pode. Porém pode se raciocinar sem pensar, pois, pode

se transformar o pensamento numa técnica, num conjunto de argumentos que retiram a dimensão aporética e abissal à experiência de pensar. Isto é um crime. Para existir esta Filosofia era melhor não existir, porque a Filosofia consiste nas experiências da linguagem natural. Quando transformamos a Filosofia num conjunto de fórmulas, é transformação da Filosofia num pensamento único.

Além disso, este conjunto de portarias retirou sucessivamente o anterior programa, que os Professores conheciam, ou seja, para além da questão filosófica, surge uma questão legal, uma vez que havia um programa que foi sucessivamente destruído até retirar toda a programa de onde partiu, então o que surge é um programa insuficientemente analisado, isto, do ponto de vista democrático, é inqualificável.

Neste momento não conheço os manuais, contudo o que vejo é que os mesmos assumem o programa atual. Na perspetiva anterior do Programa de Filosofia, a Filosofia analítica cabia, podiam fazer o seu percurso, contudo, neste atual programa, a Filosofia tradicional já não cabe, e por isso é que este programa é excludente. A linguagem técnica, presente na Filosofia analítica, é destruidora. A Filosofia fechou-se e eliminou a dimensão aporética.

#### **4. A igualdade de género deverá ser um tema a abordar no Programa de Filosofia? Se sim, porquê?**

Sim, a Filosofia debruça-se sobre diversas questões: quem somos e como podemos viver com os outros (entre outras). Remontando a Grécia antiga, a Filosofia era essa busca da compreensão do que era um ser humano e em que é que consistia uma vida humana, então visto que esta disciplina é a busca pela compreensão do que é o ser humano, é uma disciplina possuidora de uma atitude crítica, e o ser humano tem duas formas fisiológicas, ela necessita de abordar a diferença sexual. Poulain de La Barre, já no século XVII disse exatamente isto, é que o ponto fulcral da aprendizagem das pessoas deveria ser compreender a diferença ou a igualdade entre os sexos.

Portanto, o tema é o filosofema básico, não se pode abordar o que é o ser humano sem se saber que o ser humano detém manifestações fisiológicas que distinguem os homens das mulheres, ou seja, uma aula de Filosofia tem de se ocupar da constituição humana da humanidade.

Por outro lado, sendo a Filosofia uma atitude crítica, face ao dogma e ao imediato, deve questionar o porquê de homens e mulheres terem sido (e serem tratados) de maneiras distintas na nossa cultura.

Ou seja, quer seja por via da temática antropológica quer por via do aspeto crítico da disciplina, a questão do género deve ser debatida e essencial, devendo ser tratada como um tema e não como um apêndice.

**5. Pensa que as mulheres Filósofas estão convenientemente representadas no atual Programa de Filosofia? Se não, que nomes considera que deveriam ser incluídos?**

Não, elas estão excluídas enquanto problemática e como representação textual, ou seja, estão excluídas da bibliografia e das temáticas, portanto não há nenhuma representatividade. Visto que está naturalizada a ideia de que a Filosofia foi feita apenas por homens, contudo, por exemplo, existem imensas mulheres a explorar a perspetiva analítica da Filosofia, tais como a Filósofa Elizabeth Anscombe.

**6. Considera pertinente incluir no Programa de Filosofia uma rubrica ou tema sobre as mulheres e a Filosofia ao longo da história?**

À falta de melhor um tema, contudo no programa atual, não cabe. Porém, devia ser um tema à parte, primeiro porque não faz parte do conhecimento nem de alunos nem de Professores, sobretudo o que era importante era que esta questão atravessasse o debate de todas questões filosóficas, isto é, deveria ser transversal a todos os temas. Idilicamente, esta questão deveria ser encarada enquanto um fio de leitura e/ou condutor ao longo de toda a disciplina.

## Entrevistas: Professor Doutor Domingos Faria

O segundo entrevistado foi Domingos Faria, Professor Auxiliar de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), membro integrado do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. As suas principais áreas de pesquisa são Epistemologia, Filosofia da Religião e Ensino de Filosofia. Anteriormente, foi Investigador na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde realizou o seu doutoramento em Filosofia na Universidade de Lisboa. Alguns dos seus mais recentes trabalhos são *Como pensar tudo isto? – 10 e 11.º ano*, (2021 e 2022) , *Exame Filosofia 11.º Ano*(2020), e *Como Responder a Perguntas de Filosofia – 10.º Ano* (2019). A entrevista ao Professor Domingos Faria realizou-se no dia 9 de junho de 2023, tendo sido a mesma iniciada às 10:30 horas e finalizada às 11:30 horas. As suas respostas foram as seguintes:

**1. Se fosse possível criar um Plano Nacional de Leitura de Filosofia, idêntico às leituras recomendadas pelo Plano Nacional De Leitura Da Disciplina De Português, que livros constariam nesta lista, de modo a suscitar nos estudantes o interesse pela Filosofia?**

A dificuldade que temos é que muitas obras não estão traduzidas e, portanto, se é para fazer parte de um plano nacional de leitura de Filosofia teriam de ser obras já traduzidas para o português, o que se apresenta como uma dificuldade, pois o leque de escolha diminuiria.

No entanto, aquelas que eu recomendo são sobretudo aquelas que já estão presentes na editora Gradiva que são obras de fácil acesso e sobre os vários temas, a sua conceção já está muito bem pensada pelo Professor Aires Almeida, que está por trás destas edições da Gradiva que se chama *Filosofia aberta* e nesta coleção pode se encontrar livros que podem ser realmente úteis para dar o os estudantes. Dentro da coleção têm livros muito bons. Para começar a disciplina *O que é que dizer tudo isto?* do Thomas Nagel é boa, mas tens outras, por exemplo outros livros sobre a existência de Deus dentro da Filosofia da religião com Richard Swinburne, também tem um livro da Filósofa Lisa Bortolotti acerca da Filosofia da ciência.

**2. Na sua opinião, considerada que o despertado interesse dos rapazes e das raparigas poderia ser diferente se se tratar de obras de Filósofos ou de Filósofas?**

Eu creio que quanto mais diversidade houver melhor, não tenho nenhum estudo empírico com que consiga responder efetivamente a essa questão porque parece-me uma questão mais relacionada com dados. Porém, de acordo com os meus preconceitos eu acho que diversidade

pode ajudar a ter perspetivas diferentes e complexas, porque tal como o programa está atualmente é um pouco assustador, porque as *Aprendizagens Essenciais* têm cerca de 11 referências a Filósofos e não tem qualquer mulher Filósofa. Ou seja, quem tiver um lado mais crítico, pode criar a perspetiva de que na Filosofia há não há mulheres Filósofas. Além disso, uma aluna pode ter esta esta questão de achar isto muito estranho e injusto, pelo menos se seguirmos as *Aprendizagens Essenciais*, onde não há qualquer referência feminina. Pode haver aqui inclusive uma injustiça de carácter epistémico, parece que as mulheres estão a ser silenciadas. Implicitamente cria essa ideia.

Apresentar mais mulheres no Programa de Filosofia iria tratar-se de uma justiça epistémica, este conceito foi apresentado pela Filósofa Miranda Ficker, em 2017. Porém dentro do programa atual cada Professor deve investigar. O Professor não é um técnico de educação, o Professor é um Professor no verdadeiro sentido da palavra, e, portanto, deve ter autonomia para também para escolher autores. Ainda que existam alguns autores obrigatórios nada o impede de fazer um programa equilibrado. É verdade que o programa sem nada está enviesado, mas o docente não se deve constranger pelo próprio programa.

**3. Se tivesse de comparar o Programa de Filosofia anterior, com os atuais documentos vigentes, as *Aprendizagens Essenciais* de 10º e 11º anos, o que pensa que se perdeu?**

O antigo Programa de Filosofia, embora parecesse libertador e talvez permitisse maior autonomia, o exagero desta liberdade também tinha reveses e coisas perigosas, por exemplo havia Professores que se aproveitavam dessa liberdade ao máximo. Isso tem dois extremos, o programa antigo tem uma virtude, mas essa virtude pode-se converter em vício. Ou seja, não possui uma linha tão estrita como o atual e isso trazia uma maior abertura, pois não definia bem as coisas, mas também pode causar maior aproveitamento para fazer coisas que não são filosóficas, como estudar outras disciplinas – sociologia, psicologia, entre outros. Por exemplo, com o programa antigo era impossível fazer o exame nacional, pois era difícil existir equidade entre todos os alunos todas as escolas portuguesas.

A principal perda é aquela liberdade e a maior autonomia, porém a vantagem das *Aprendizagens Essenciais* é a criação dos mínimos comuns a todos os Professores e todas as escolas o que permite haver avaliação justa e equitativa. No entanto, serão estas *Aprendizagens Essenciais* as melhores? É essa a questão fulcral. Este programa continua a ser muito extenso, o exemplo disso é que muitos Professores do 11º ano iniciam este ano letivo com a última

matéria do décimo ano, normalmente com o Filósofo John Rawls, porque a matéria de 10º ano é muito extensa. O que estas procuram é encontrar um meio termo entre a autonomia e uma avaliação justa e equitativa.

**4. A igualdade de género deverá ser um tema a abordar no Programa de Filosofia?  
Se sim, porquê?**

Sim. Aliás, pode-se ensinar o conceito de igualdade de género de diferentes formas, por exemplo um Professor que faz uma abordagem equilibrada entre autores masculinos e femininos, implicitamente está a ensiná-lo, ou seja há várias formas, não tem necessariamente de ser forma explícito. Se tivermos umas aprendizagens mais justas ou, pelo menos, se o Professor tiver uma interpretação mais justa das próprias *Aprendizagens Essenciais*, ele pode implicitamente ao longo dos dois anos ensinar esse conceito, pode ser algo transversal, mas por outro lado pode também caber num dos tópicos dos Temas e Problemas do Mundo Contemporâneo.

Este conceito também pode entrar pontualmente nalguns tópicos, por exemplo quando eu estou a falar do conceito de justiça (que tipos de justiça ou injustiça existem), é uma maneira, pode entrar-se aí, isto é não tem de haver necessariamente um bloco, não necessita de ser algo forçado.

**5. Pensa que as mulheres Filósofas estão convenientemente representadas no atual Programa de Filosofia? Se não, que nomes considera que deveriam ser incluídos?**

Não, aliás, nos documentos oficiais não estão sequer presentes, é 0 a 11. Mesmo com o programa atual nada impede o Professor de procurar representar mais Filósofas, se não o fizer e apenas se guiar pelo programa atual e pelos manuais, poderá ser preocupante, inclusive poderemos perguntar se será um Professor ou um robô.

Eu acho que cada tópico, pelo menos, podia ser representado por uma mulher Filósofa, por exemplo na Ética podemos analisar as perspetivas da Iris Murdoch e da Linda Zagzebski e na Filosofia Política também existe a Filósofa Tamar Glender.

**6. Considera pertinente incluir no Programa de Filosofia uma rubrica ou tema sobre as mulheres e a Filosofia ao longo da história?**

Neste momento o programa está desequilibrado, por isso deveria haver pelo menos esse equilíbrio e criar uma opção equitativa. Portanto, uma abordagem equilibrada é o melhor, quer seja pelo nível ou pelo mesmo número de nomes, e como vimos é possível incluir as Filósofas em todos os temas do programa, é o que eu sou mais a favor, isso permitiria criar um fio condutor ao longo dos dois anos de Ensino Secundário.

Criar uma única rubrica ou tema para falar acerca das mulheres Filósofas seria um pouco estranho, pois poderia querer dizer algo do género “até agora estudamos Filósofos masculinos, agora vamos ver o que é que as mulheres Filósofas escreveram”, e isso poderia dar a entender uma ideia errada, a ideia de que as mulheres não abordaram os outros temas lecionados. Além disso, se a definição de uma possível rubrica for demasiado vago incorre no mesmo risco que o programa anterior e também poderá haver Professores misóginos que não concordem com esta inclusão, e que se recusem a lecionar algo desse género.

## Entrevistas: Professor Doutor António Manzarra

Por fim, o último convidado foi António Manzarra, Professor de Filosofia no Ensino Secundário, que colaborou na criação de diversos manuais de Filosofia tais como: *Desassossegadamente 11* e *Do outro lado do espelho 10*, publicados em 2022 e 2021, e analisados no presente relatório. O seu primeiro livro em colaboração com a Raiz Editora remonta a 2012 com o manual escolar *Em diálogo : Filosofia 11º ano*, e desde esse ano tem vindo a desenvolver diversos livros escolares. A entrevista a este Professor ocorreu por escrito, no entanto, as respostas do Professor foram rececionadas e analisadas no dia 09 de junho de 2023, e podem ser aqui encontradas:

**1. Se fosse possível criar um Plano Nacional de Leitura de Filosofia, idêntico às leituras recomendadas pelo Plano Nacional De Leitura Da Disciplina De Português, que livros constariam nesta lista, de modo a suscitar nos estudantes o interesse pela Filosofia?**

Não é fácil estar aqui agora a elaborar uma lista, mas parece-me que para além dos clássicos e alguns atuais que estão ter o seu impacto e reconhecimento, como James Rachels, ou Peter Singer, por exemplo, colocaria algumas obras de mulheres Filósofas como Hannah Arendt, Simone Weil ou Simone Beauvoir, entre outras e algumas obras de ficção e romances que não sendo propriamente ensaios de Filosofia, muito têm de filosófico como *O Processo* de Kafka, *O Estrangeiro* de Camus, *Siddhartha* de Herman Hesse, *Crime e Castigo* de Dostoiévsky, ou mesmo Fernando Pessoa, assim que me recordo de momento.

**2. Na sua opinião, considerada que o despertado interesse dos rapazes e das raparigas poderia ser diferente se se tratar de obras de Filósofos ou de Filósofas?**

Não me parece que no contexto atual essa premissa faça a diferença. O problema da igualdade de género, direitos das mulheres, homofobia, são temas cada vez mais sensíveis no seio dos adolescentes que têm de ser abordados, mas o interesse deles, reside sobretudo nos temas/problemas e não tanto nos autores.

No entanto, considero importante incluir-se cada vez mais Filósofas ou autoras/reflexões femininas, não só pela pertinência de conteúdo do pensamento que trouxeram, mas também para desconstruir a ideia em alguns de que a Filosofia é um universo de homens ou que na história não existiram mulheres pensadoras.



**3. Se tivesse de comparar o Programa de Filosofia anterior, com os atuais documentos vigentes, as *Aprendizagens Essenciais* de 10º e 11º anos, o que pensa que se perdeu?**

Perdeu-se muita coisa. Considero as *Aprendizagens Essenciais* uma “manta de retalhos” do programa anterior de Filosofia, composta por conteúdos avulsos e que, no contexto atual, correm o risco de desentusiasmar os estudantes para a Filosofia e não promover aquilo que é a essência da atividade filosófica que é o espírito reflexivo e crítico.

Por exemplo, não me parece apropriado uma abordagem sistemática da lógica logo no início do “ensino” da disciplina no 10º ano. É certo que o conhecimento e domínio dos instrumentos metodológicos são deveras importantes para o desenvolvimento da prática filosófica e fazer ver aos estudantes que a Filosofia se distingue das ditas “conversas de café” - muito embora tenha sido aí (na *Ágora*) que ela tenha começado. Contudo, sabendo a aversão que os adolescentes têm nesta fase à matemática e ao dito “pensar” [citando ironicamente o grande Descartes “Penso, logo (d)existio”], abordar a lógica como cartão de apresentação e que ocupa em termos práticos quase todo o 1º período, não me parece a estratégia mais apelativa.

Não entendo também a razão de, nas *Aprendizagens Essenciais*, se reduzir a abordagem da Filosofia da Religião aos argumentos da prova da existência de Deus, sem se definir o que é a religião, qual o seu significado e importância para a existência humana, a distinção entre fé e razão, ou mesmo a contraposição com argumentos ateístas. A Filosofia da religião é só isto?

A abordagem à Filosofia da arte que se resume em analisar e “decorar” as teorias essencialistas e não essencialistas e seus argumentos, sem se discutir “livremente” o sentido da arte, promover o debate, confrontá-los com criações que desafiam o conceito clássico de arte, serem eles a descobrir...

O problema do livre-arbítrio que se resume à discussão das teorias compatibilistas e não compatibilistas, sem se definir o que é uma ação, ou mesmo a distinção entre condicionalismo, determinismo e fatalismo, conceitos fulcrais para abordar este tema e distinguir pequenas nuances para uma melhor compreensão o tema, ou mesmo a angústia da decisão que Sartre e o existencialismo abordam de modo tão fascinante.

Enfim, os estudantes concentram o seu trabalho na análise de teorias previamente definidas e uniformizadas, mas que no fundo se resume em as decorar e replicá-las sem um verdadeiro trabalho de reflexão ou contextualização. Parece-me que, no geral, falta a adequação à dimensão

prática e contextual dos alunos e o percurso de abordagem cada vez mais fechado, não permitindo uma exploração diversificada e livre por parte do Professor. Até porque há o tal “Adamastor” chamado “exame nacional” que transforma as aulas não para se praticar Filosofia, mas para preparar para o exame, ou seja, uma maior preocupação em cumprir programa, “dar” matéria, preparar os alunos para o exame, etc.

Sempre me opus a isso e procurei, em conjunto com os meus colegas que elaboraram os manuais da Raiz, que pudéssemos fugir a esse estigma. Que a Filosofia não fosse algo formatado e previamente definida, desprovida de qualquer relação com a dimensão prática da história e do quotidiano. A resposta à pergunta “Para que serve a Filosofia?” é algo que um manual, um programa, um estudante no final de ano, devem responder positivamente, percebendo que a Filosofia não é apenas um “jogo” de argumentos ou meros “jogos de linguagem”, mas que esses temas e argumentos fazem parte da vida humana e nos permite tomar decisões sobre as nossas ações e sobre o mundo.

Daí que tivéssemos a preocupação nos manuais em colocar exemplos práticos do quotidiano, experiências do senso comum que servissem e base para que, a partir daí, se pudesse iniciar o trabalho filosófico, passando do concreto para o abstrato, mas percebendo que apesar de abstrata, a Filosofia trata de problemas do concreto.

**4. A igualdade de género deverá ser um tema a abordar no Programa de Filosofia?  
Se sim, porquê?**

Não vejo a necessidade de criar um ponto específico para a abordagem do tema em si mesmo. No entanto, o programa promove que possa ser explorado, por exemplo, na unidade final Temas/problemas do mundo contemporâneo ou na abordagem da Ética ou Filosofia Política, se os Professores e manuais enveredarem por uma dimensão mais prática e atual da Filosofia. Aí sim, esses temas deveriam ser sugeridos. É isso que procuro fazer nas “minhas” aulas, daí que nelas o tema seja abordado. Agora acredito que em muitos casos não o seja, mas impô-lo também não me parece adequado.

**5. Pensa que as mulheres Filósofas estão convenientemente representadas no atual Programa de Filosofia? Se não, que nomes considera que deveriam ser incluídos?**

Não, não estão. E se olharmos para os vários manuais de Filosofia, tanto no 10º como 11º anos, vemos pouca expressão das mulheres Filósofas ou pensamentos do feminino. Os próprios

temas de exploração previstos nas *Aprendizagens Essenciais* evocam autores masculinos, como Kant, Mill, Rawls, Nozick, Sandel, Descartes, Hume, Popper, Kuhn....

Não haveria aqui espaço para uma Simone Beauvoir, Hannah Arendt, Simone Weil ou uma atualíssima Patricia Churchland?

**6. Considera pertinente incluir no Programa de Filosofia uma rubrica ou tema sobre as mulheres e a Filosofia ao longo da história?**

Penso que seria importante fazer essa referência, pelas razões já citadas. Incluí-las na história de Filosofia e fazer uso das suas ideias para os vários temas que compõem o programa de modo a terem maior expressão, cuja atenção lhes deve ser dada por direito próprio e não apenas por serem mulheres.

No entanto, considero também que para isso seria necessário o programa sofrer uma alteração significativa, algo que parece, que infelizmente, não irá acontecer brevemente.

### **Conclusões gerais após a análise das entrevistas**

No que toca à primeira pergunta embora todos os docentes tenham considerado a ideia interessante, nenhum Professor criou uma lista rígida de sugestões, na verdade, todos os entrevistados sugeriram diversas obras com o objetivo de suscitar nos estudantes (de todos os géneros) o interesse pela disciplina de Filosofia. Todos os Professores mencionaram obras diferentes, porém todas com o mesmo princípio. Ademais, a maioria dos Professores afirmou utilizar os textos referidos nas suas aulas iniciais como elementos de leitura e análise.

Relativamente à segunda questão, as respostas divergiram, no entanto todos assumem e concordam com a importância de estudar e inserir obras de Filósofas nos manuais, nas aulas e no programa de modo a colmatar ideias erróneas e repletas de preconceitos. Para isso, os docentes apresentaram soluções distintas. Entre elas surgem dois eixos, o da clareza e o desconhecimento. Este último caminho surge por não existirem evidências suficientes que comprovem o grau de interesse por parte dos alunos em ler obras redigidas por mulheres.

A terceira questão, referente ao programa atual de Filosofia e às *Aprendizagens Essenciais de 10º e 11º anos*, em contraste com a anterior, apresentou opiniões unânimes. Todos os docentes concordam com a ideia de que algo se perdeu na transição entre o programa e o manual, sendo que dois dos Professores consideram as *Aprendizagens Essenciais* redutoras (de conteúdos e da liberdade do Professor em inserir outras atividades, informações ou questões que não estão circunscritas nestes documentos). Os Professores, Fernanda Henriques e António Manzarra, indicam outras críticas a estes dois documentos, tais como a redução do programa para temas e problemas maioritariamente analíticos, algo que, segundo estes, elimina a essência da atividade filosófica que é o espírito reflexivo e crítico.

A quarta questão era o ponto chave das entrevistas, por questionar as perspetivas dos Professores acerca do papel das mulheres e todos os filosofemas associados às mesmas. Partiu-se do pressuposto que estes temas são colocados, por norma, apenas sobre um único tópico designado “Igualdade e Discriminação”, inserido dentro dos “Temas e Problemas do Mundo Contemporâneo”, onde o aluno tem a liberdade de escolha acerca do tema que pretende trabalhar num ensaio filosófico, entre os dez apresentados pelas *Aprendizagens Essenciais de 10.º ano*

Todos os Professores concordaram com a necessidade de abordar a igualdade de género no seio do Programa de Filosofia, no entanto os entrevistados divergiram nas suas réplicas face ao modo como este problema deverá ser abordado. De entre todas as respostas a esta questão, destaca-se a da Doutora Fernanda Henriques, que foi capaz de justificar o porquê desta relação, entre igualdade de género e Filosofia, ser tão importante, “(...) sendo a Filosofia uma atitude crítica, face ao dogma e ao imediato, deve questionar o porquê de homens e mulheres terem sido (e são tratados) de maneiras distintas na nossa cultura.”

Face à representatividade das mulheres Filósofas no atual Programa de Filosofia, tema debatido na quinta questão, todos os Professores consideraram que a mesma é pouquíssima, ou inexistente, como explicou o Professor Domingos Faria, ao mencionar que nos dois documentos organizadores da disciplina, as *Aprendizagens Essenciais de 10.º e 11.º ano*, são referidos 11 homens e nenhuma mulher. De forma geral, os entrevistados sugeriram diversas Filósofas, propondo nomes como Elizabeth Anscombe, Miranda Fricker, Simone Weil, Susan Haack, entre outras. Importante também denotar o interesse em alterar este quadro de baixa representatividade por parte dos docentes. Ademais, todos revelaram preocupar-se com o tema,

e admitiram realizar atividades nas suas aulas de modo a colmatar esta insuficiência sentida perante a falta de mulheres Filósofas no programa.

Por fim, a sexta questão apresentou resultados distintos. A Professora Henriques considera que no mínimo deveria existir um tema à parte, distinto da atual ligação em que se encontra (no núcleo dos temas propostos no tema final de 10.º ano). Ao passo que os Professores Domingos Faria e António Manzarra ponderam a ideia de um fio condutor ao longo dos dois anos da disciplina de Filosofia, isto é, sugerem a constante menção de diferentes Filósofas em diversos temas, por ser possível encontrar, para todos os temas incluídos no atual programa, mulheres Filósofas que representem essas áreas filosóficas. Apesar de esta ideia ter sido igualmente defendida pela Doutora Fernanda Henriques, a mesma acredita que o ideal seria a criação de um tema díspar, onde seria dada a devida atenção a várias Filósofas.

Em suma, os docentes entrevistados demonstram estar cientes da insuficiente representatividade feminina, em concreto de Filósofas, nos manuais escolares e no Programa de Filosofia, e apresentam igualmente uma vontade evidente em alterar o *status quo* da questão.

## Notas finais

De modo a colmatarmos a ignorância que a história da Filosofia impôs sobre a produção das mulheres e de esta história transmitir visões depreciativas sobre o feminino, deveremos, enquanto Professores, evidenciar a relação entre concepções filosóficas e representações sociais; questionar a pertinência de algumas concepções filosóficas sobre o feminino herdadas da tradição e desocultar a ideologia de género subjacente ao tratamento tradicional dos temas e explorar textos da história da Filosofia sobre o tema.<sup>108</sup> (Henriques, 2018, p. 209).

Como é possível constatar, as mulheres estão ausentes não só da Filosofia, como da Ciência e da Política, sendo que, durante séculos, não possuíam sequer um estatuto social. As culturas arcaicas consideravam que a condição feminina se circunscrevia ao mero espaço privado, e, por isso, não lhes era permitido o acesso ao conhecimento em geral e à Filosofia em particular. Esta ausência da mulher prolongou-se durante bastante tempo, por vezes intercalada com algumas exceções, contudo a “voz da Filosofia” é claramente masculina.

É fulcral resgatar Filósofas que não tiveram voz na tradição filosófica e assumir a vocação lógica de ensinar os alunos a possuir um comportamento reflexivo e crítico face aos conteúdos programáticos e não uma aceitação acrítica e passiva.

Este relatório de estágio possuía como principal objetivo a apresentação do problema da escassa representatividade filosófica feminina no Ensino Secundário da disciplina Filosofia, suportada por evidências, tendo sido estas adquiridas através das Aprendizagens Essenciais, de dez manuais escolares adotados nas escolas portuguesas, de entrevistas realizadas a três docentes e, acima de tudo, por meio da experiência obtida no estágio curricular, tendo-se torando evidentes algumas conclusões:

Existe evidentemente uma insuficiência de mulheres Filósofas no Programa de Filosofia (onde não existem) e nos manuais escolares (onde são escassas).

Esta escassez é sentida quer pelos alunos quer pelos Professores. Contudo alguns docentes procuram suprimir esse problema, através de atividades elaboradas pelos próprios que visam

---

<sup>108</sup> Cristina C. Vieira (coord.), Conceição Nogueira, Fernanda Henriques, Fernando M. Marques et al (2017) *Guião de Educação - Conhecimento, Género e Cidadania no Ensino Secundário*, CIG- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género 1.ª ed., p.218. Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/documentacao-de-referencia/doc/cidadania-e-igualdade-de-genero/guioes-de-educacao-genero-e-cidadania/>.

apresentar aos estudantes uma outra perspetiva, uma perspetiva autêntica da história da Filosofia, onde as mulheres Filósofas e as suas teorias são analisadas e estudadas.

A experiência adquirida através do estágio revelou que os alunos da Escola Secundária de Camões (em especial as alunas) se encontram despertadas para esta questão (por meio de iniciativas como o Núcleo Feminista instituído nesta instituição) e que aplaudem com entusiasmo atividades, aderindo às mesmas com bastante frequência e entusiasmo.

Após a análise realizada aos diversos manuais escolares de 10.º e 11.º anos, parece claro que caberá às editoras um papel fundamental na conceção de materiais que procurem equilibrar a presença de mulheres (Filósofas, Cientistas, Artistas, entre outras) nos seus produtos didáticas. Porém, mais importante, caberá ao Ministério da Educação articular os objetivos enunciados no PASEO com as Aprendizagens Essenciais e criar um programa em que as mulheres, se não as que a história ocultou, pelo menos as muitas que produziram conhecimento e saber ao longo do século XX, estejam presentes.

Por isso, para além deste relatório onde apenas (entre outras razões, por falta de tempo para a aprofundar devidamente) afloro a questão da reflexão filosófica sobre as mulheres, tentarei, na minha prática letiva futura, fomentar nos meus alunos o desejo de conhecer a versão feminina da filosofia e incentivar os mesmos a investigar e estudar acerca deste tema.

## Bibliografia

- Almeida, M. M. B (coord) et al (2001) de *Programa de Filosofia* (10º e 11º Ano – Formação Geral) (ed. Ministério da Educação) [in] Direção Geral da educação: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documents/Documents\\_Disciplinas\\_novo/Filosofia\\_10\\_11.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documents/Documents_Disciplinas_novo/Filosofia_10_11.pdf)
- *Decreto-Lei n.º 43/2007, de 22 de fevereiro* (2007) [Diário da República n.º 38/2007, Série I de 2007-02-22](https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/43-2007-517819), páginas 1320 – 1328. Disponível em: <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/43-2007-517819>.
- *Decreto-Lei N.º 107/2008, de 25 de Junho* (2008) Diário da República n.º 121/2008, Série I de 2008-06-25, páginas 3835 – 3853. Disponível em: [https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/107-2008-456200?\\_ts=1672790400034](https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/107-2008-456200?_ts=1672790400034).
- *Lei n.º 46/86. Lei de Bases do Sistema Educativo*, (1986) Diário da República n.º 237/1986, Série I de 1986-10-14. Disponível em: <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/lei/1986-34444975>.
- Martins, G.O., et al (2007) *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. (ed. Ministério da Educação) [in] Direção Geral da educação: [https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto\\_Autonomia\\_e\\_Flexibilidade/perfil\\_dos\\_alunos.pdf](https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf)
- Ministério da educação (2018) *Aprendizagens Essenciais do 10.º Ano - Filosofia* [in] Direção Geral da educação: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/10\\_Filosofia.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/10_Filosofia.pdf)
- Ministério da educação (2018) *Aprendizagens Essenciais do 11.º Ano– Filosofia* [in] Direção Geral da educação: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/11\\_Filosofia.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/11_Filosofia.pdf).
- Página da Escola Secundária de Camões. Disponível em: <https://liceucamoes.wixsite.com/camoes>
- Plano Anual Geral De Formação. Disponível em <https://www.uc.pt/fluc/docspdf/planoanual/>.
- Projeto Educativo da Escola Secundária de Camões. Disponível em: [https://13720613-0610-4066-9e8d-43dbc50175f2.filesusr.com/ugd/408bba\\_792050114acb40f5ac5a179fd55e04e1.pdf](https://13720613-0610-4066-9e8d-43dbc50175f2.filesusr.com/ugd/408bba_792050114acb40f5ac5a179fd55e04e1.pdf)



- Regulamento Da Formação Inicial De Professores. Disponível em: [https://www.uc.pt/fluc/regulamentos\\_normas/docspdf/regulamento\\_formacao\\_inicial\\_Professores.pdf](https://www.uc.pt/fluc/regulamentos_normas/docspdf/regulamento_formacao_inicial_Professores.pdf).
- Regulamento Interno da Escola Secundária de Camões. Disponível em [https://13720613-0610-4066-9e8d-43dbc50175f2.filesusr.com/ugd/408bba\\_6d2dea67c48b40f1981432daf0851af4.pdf](https://13720613-0610-4066-9e8d-43dbc50175f2.filesusr.com/ugd/408bba_6d2dea67c48b40f1981432daf0851af4.pdf)

**Bibliografia Secundária:**

- Arendt, Hannah (1978) *As origens do Totalitarismo*. Lisboa - Dom Quixote.
- Arendt, Hannah (2001) *A Condição Humana*. Lisboa - Relógio D'Água.
- Aristóteles (2021) *Geração de animais*. 1º ed., Lisboa. Imprensa nacional - Casa da moeda. Trad. de Maria de Fátima Sousa e Silva.
- Bate, M. (2018) *The Periodic Table of Feminism*. London - Pop Press
- Beauvoir, Simone de (2009) *O segundo sexo*. 2ºed., Rio de Janeiro - Nova Fronteira. Trad. de Sérgio Milliet.
- Butler, J. (2017) *Problemas de género*. 2º ed., Lisboa - Orfeu Negro. Trad. de Nuno Quintas.
- Ferreira, M. L. R (2001) *Também há mulheres Filósofas*. Lisboa - Editorial Caminho.
- Ferreira, M. L. R. (2009) *As mulheres na Filosofia*. Lisboa - Edições Colibri.
- Guterres, A. (2020) *A (des)igualdade de género e o (des)equilíbrio de poder*, Lisboa, Expresso.
- Hooks, Bell (2018) *O Feminismo É Para Todo Mundo: Políticas Arrebatadoras*. 1ºed., Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos. Trad. de Ana Luiza Libânio.
- Hooks, Bell (2022) *Teoria Feminista*. 2ºed, Lisboa – Orfeu Negro. Trad. de Helena Silveira.
- Pacheco, Juliana (2016) *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*, Porto Alegre, Editora Fi.
- Rousseau, Jean-Jacques (1995) *Emílio ou da Educação*. 3.ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. Trad. de Sérgio Milliet.
- Vieira, C., (coord.) et al (2017) *Guião de Educação - Conhecimento, Género e Cidadania no Ensino Secundário*, CIG- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género 1.ª ed., p.218. Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/documentacao-de-referencia/doc/cidadania-e-igualdade-de-genero/guioes-de-educacao-genero-e-cidadania/>.
- Woolstonecraft, Mary (2017) *Uma Vindicação Dos Direitos Da Mulher*. 1º ed., Lisboa - Antígona. Trad. de Elisabete M. de Sousa.

## **Anexos**

**Anexo 1:** Documento criado pela Professora estagiária de modo a registar as possíveis ausências dos alunos.



**Registo de aula**  
Turma 11ºB  
Prof. Margarida Nunes  
14/10/2022

Nomes	Aula 1	Aula 2	Aula 3	Aula 4	Aula 5	Aula 6	Aula 7	Aula 8	Aula 9	Aula 10
Ana Pita										
André Pagaimo										
Ásia Galante										
Carolina Guimarães										
Clara Antunes										
Duarte Pereira										
Francisco Sousa										
Guilherme Duque										
Guilherme Neves										
Jacira Costa										
Leticia Silva										
Lúcia Mendes										
Madalena Bernardes										
Madalena Monteiro										
Manuel Ferreira										
Maria Santos										
Maria Margarida Nunes										
Raquel Antunes										
Rita Henriques										
Rita Sousa										

### Anexo 2: Esquemas (versão do aluno e versão do Professor) alusivo ao tópico Filosofia da Religião: Os Argumentos a Favor da Existência de Deus.



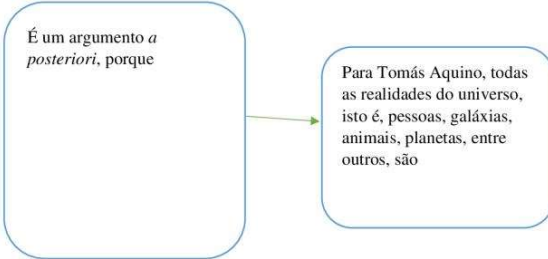
Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB

Esquema elaborado pela professora estagiária Margarida Ochoa Nunes

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].

Esquema – Os Argumentos Filosóficos a Favor da Existência de Deus.

#### Argumento Cosmológico



Como é que este argumento responde ao problema da existência de Deus?

Forma do argumento cosmológico:

Principal crítica ao argumento cosmológico:



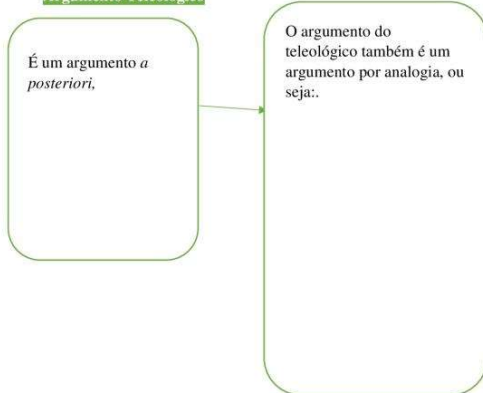
Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB

Esquema elaborado pela professora estagiária Margarida Ochoa Nunes

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].

Esquema – Os Argumentos Filosóficos a Favor da Existência de Deus.

#### Argumento Teleológico



Como é que este argumento responde ao problema da existência de Deus?

Forma do argumento teleológico:

Principal crítica ao argumento teleológico:



Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB

Esquema elaborado pela professora estagiária Margarida Ochoa Nunes  
IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].

Esquema – Os Argumentos Filosóficos a Favor da Existência de Deus.

**Argumento Ontológico**

É um argumento a priori porque,

O argumento ontológico parte da crença

Forma do argumento Ontológico:

Como é que este argumento responde ao problema da existência de Deus?

Este argumento sustenta a necessidade da existência de Deus, pois

Principal crítica ao argumento Ontológico:

Versão do Professor



Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB

Esquema elaborado pela professora estagiária Margarida Ochoa Nunes

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].

Esquema – Os Argumentos Filosóficos a Favor da Existência de Deus.

Argumento Cosmológico

É um argumento *a posteriori*, porque parte da existência do mundo e dos seres que habitam no mesmo para fundamentar a existência de Deus. Ou seja, é um argumento formulado a partir do conhecimento empírico.

Para Tomás Aquino, todas as realidades do universo, isto é, pessoas, galáxias, animais, planetas, entre outros, são contingentes.

Como é que este argumento responde ao problema da existência de Deus?

Sabemos também que o ser humano, limitado pela sua mortalidade, não é capaz de ser o causador do mundo. No entanto, algo terá que ser o causador do mundo (primeira causa). Por isso, assumimos que só um ser imortal teria esse poder, e a esse ser chamamos de Deus.

Forma do argumento cosmológico:

- 1) Todos os eventos são causados.
- 2) Se todos os eventos são causados, então, ou cada evento se causa a si mesmo, ou há uma cadeia causal que regride infinitamente, ou há uma primeira causa.
- 3) Nenhum evento se causa a si mesmo.
- 4) A existência de sequências causais que regridem infinitamente é impossível.
- 5) Logo, tem de haver uma causa primeira.

Principal crítica ao argumento cosmológico:

A ideia de que o Universo não tem qualquer causa não é mais implausível do que a ideia de ter sido criado por Deus.

1



Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB

Esquema elaborado pela professora estagiária Margarida Ochoa Nunes

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].

Esquema – Os Argumentos Filosóficos a Favor da Existência de Deus.

Argumento Teleológico

É um argumento *a posteriori*, pois parte da ordem e finalidade que existe no universo e dos elementos que o compõe para fundamentar a existência de Deus.

O argumento do teleológico também é um argumento por analogia, ou seja: O argumento parte da crença que existem vários artefactos teleológicos (que possuem uma finalidade). A partir desta crença podemos construir a analogia de que, se artefactos teleológicos como um relógio possuem um criador inteligente, então o universo e os elementos naturais também devem possuir um criador inteligente, que é Deus.

Como é que este argumento responde ao problema da existência de Deus?

Deste modo, o argumento teleológico responde ao problema da existência de Deus ao afirmar que Deus necessita de existir, pois é Ele que garante a ordem e a finalidade do universo e dos seres e sistemas que nele habitam.

Forma do argumento teleológico:

- 1) O universo assemelha-se com os artefactos produzidos por seres humanos, que possuem finalidade e ordem.
  - 2) A finalidade e ordem, presente em todos os artefactos humanos, é o efeito desse artefacto ter sido criado por um ser inteligente.
  - 3) Os mesmos efeitos têm as mesmas causas.
  - 4) Logo, a finalidade e ordem no universo é um efeito de este ter sido produzido por um criador inteligente.
- Entimema: Esse criador inteligente é Deus.

Principal crítica ao argumento teleológico:

Uma possível crítica ao argumento teleológico é assumirmos que não é necessário Deus ser o criador e garante da ordem e finalidade que observamos no nosso universo. Esta crítica normalmente advém da Teoria da Evolução das Espécies de Darwin.

2



## Esquema – Os Argumentos Filosóficos a Favor da Existência de Deus.

## Argumento Ontológico

É um argumento *a priori*, pois depende apenas de premissas que podem ser conhecidas simplesmente por se pensar nelas, independentemente da experiência do mundo.

O argumento ontológico também parte da crença de que um ser que existe na realidade é mais perfeito do que um ser que existe meramente no pensamento. Este argumento de Santo Anselmo parte da afirmação de que Deus é “o ser maior do que o qual nada pode ser pensado.” – com isto queremos dizer que Deus é o ser mais perfeito que existe.

## Forma do argumento Ontológico:

- 1) Deus existe no pensamento.
- 2) Se Deus existe no pensamento e não na realidade, então é concebível existir um ser mais perfeito do que Deus.
- 3) Mas, não é concebível um ser mais perfeito do que Deus existir.
- 4) Logo, Deus existe na realidade.

## Como é que este argumento responde ao problema da existência de Deus?

Este argumento sustenta a necessidade da existência de Deus, pois a existência de Deus é necessária na medida em que, se Deus não existisse ou se apenas existisse no nosso pensamento, mas não na realidade, não seria aquele ser maior do que o qual nada pode ser pensado – a perfeição necessita de englobar a existência, caso contrário, não é perfeição. Por isso, tendo em conta que Deus é o ser maior do que o qual nada pode ser pensado, este precisa de existir necessariamente.

## Principal crítica ao argumento Ontológico:

A principal crítica apresentada ao argumento ontológico é a objeção de Gaunilo. A objeção de Gaunilo demonstra que, com a mesma estrutura lógica, conseguimos provar coisas que não existem.



## Anexo 3

### 3.1 – Versão Inicial da Primeira Ficha de Avaliação



1º Teste de Filosofia | 11º Ano | Novembro de 2022

**Leia atentamente o enunciado e, não deixando nunca de justificar as suas respostas, resolva o seguinte teste:**

#### Grupo I

Esclareça sucintamente:

- a) O carácter metódico da dúvida cartesiana. (10 pontos)  
A dúvida cartesiana apresenta detém um carácter metódico na medida em que serve de meio para alcançar um determinado fim, em particular, é um meio de encontrar uma verdade que resista à dúvida.
- b) Recorrendo a exemplos, a diferença entre “dedução” e “indução” (20 pontos)  
A dedução é um tipo de raciocínio em que a partir de uma determinada proposição, podemos inferir outra. Por exemplo, Caso chova, haverá nuvens no céu / não há nuvens no céu / logo, não está a chover.  
A indução é um tipo de raciocínio onde partindo de casos particulares de infere uma conclusão geral. Por exemplo, Todas as esmeraldas encontradas até agora eram verdes, logo todas as esmeraldas são verdes.
- c) Segundo David Hume, o que é estabelecido pelo princípio da bifurcação. (10 pontos)  
O princípio da bifurcação estabelece que todo o conhecimento proposicional se divide em duas espécies, mutuamente exclusivas, que consistem nas relações de ideias e questões de facto.
- d) A diferença entre “relações de ideias” e “questões de fato” exemplificando. (20 pontos).  
As relações de ideias tratam um conhecimento conceptual. Estas caracterizam-se por serem *a priori*, utilizando um raciocínio demonstrativo e tratarem verdades necessárias. Por exemplo, os triângulos têm três lados.  
As questões de fato são o conhecimento da natureza e das entidades concretas. Estas caracterizam-se por serem *a posteriori*, utilizando um raciocínio indutivo e tratarem verdades contingentes. Por exemplo, há água em estado sólido.

#### Grupo II

«Os fundacionalistas usam uma metáfora arquitetural para descrever a estrutura dos nossos conjuntos de crenças ou “sistemas de crenças”. A superestrutura de um sistema de crenças recebe a sua justificação de um dado subconjunto de crenças onde repousam as demais, tal como um edifício é suportado pelas suas fundações. Essas crenças fundacionais são designadas “crenças básicas”. Tradicionalmente, estas foram vistas como infalíveis (não podem estar erradas); incorrigíveis (não podem ser refutadas); e indubitáveis (não podem ser postas em dúvidas).».

*Dan O’Brien (2013), Introdução à Teoria do Conhecimento, Lisboa, Gradiva, pp. 126-127.*

- a) Explique o que é o fundacionalismo e distinga, de uma forma breve, o fundacionalismo empirista do fundacionalismo racionalista. (20 pontos)  
O fundacionalismo é a teoria sobre a justificação do conhecimento segundo a qual o existem determinadas crenças, ou conjunto de crenças que servem de fundamento, de estrutura, ao conhecimento.
- b) Explícite em que consiste a crítica apresentada por David Hume ao ceticismo cartesiano. (30 pontos)



### 1º Teste de Filosofia | 11º Ano | Novembro de 2022

David Hume considera que se nós alcançarmos a dúvida cartesiana teremos de aplicar a todas as nossas crenças e, com isso, teríamos de duvidar do funcionamento das nossas faculdades mentais. Porém, se tal ocorrer, nós não conseguiríamos sair do estado de dúvida, pois para poder deduzir alguma coisa a partir do princípio original, o *Cogito*, recorrer às mesmas faculdades que estão sujeitas à dúvida, isto é, incorreríamos numa petição de princípio.

#### Grupo III

«Para Hume, a ideia de causa [segundo a resposta tradicional] é a ideia de “conexão necessária”. O seu argumento aponta em duas direções: primeiro, para a demolição da ideia de que existem conexões necessárias na realidade; segundo, para uma explicação do facto de nós termos, não obstante, a ideia de conexão necessária. [...] A ideia de conexão necessária não se pode derivar de uma impressão de conexão necessária, pois tal impressão não existe. [...] Não podemos observar nada da relação entre os acontecimentos particulares A e B, a não ser a sua contiguidade no espaço ou no tempo e o facto de A preceder B. Dizemos que A causa B apenas quando a conjunção de acontecimentos do tipo A e do tipo B é constante – ou seja, quando há uma conexão regular de acontecimentos do tipo A e do tipo B, levando-nos a esperar B sempre que observamos um caso de A. Tirando esta conjunção constante, nada mais há que observemos, e nada mais que pudéssemos observar, na relação entre A e B que pudesse constituir um vínculo de “conexão necessária”».

Roger Scruton, Breve História da Filosofia Moderna, Lisboa, Guerra e Paz (2010), pp. 165-166

Hume mostra que «a ideia de conexão necessária não se pode derivar de uma impressão de conexão necessária, pois tal impressão não existe». Qual é, então, para Hume, a origem da ideia de conexão necessária? (30 pontos)

Para Hume, a origem da conexão necessária não pode ser as impressões externas, dado que não percebemos qualquer conexão necessária entre dois acontecimentos; pelo contrário, só percebemos conjunções constantes. Por um lado, temos uma conexão necessária quando dois eventos não podem ocorrer um sem o outro; por outro lado, temos uma conjunção constante quando sempre que um sujeito tem a experiência de um evento A também tem a experiência de um evento B. Ora, a ideia de conexão necessária nada mais é do que a expectativa, ou seja, impressão interna, de que irá ocorrer o evento B dada a ocorrência do evento A, devido ao hábito de observar esses dois acontecimentos ocorrerem sempre um a seguir ao outro, ou seja, devido ao facto de estes aparecerem constantemente conjugados.

#### Grupo IV

Distinga, no que respeita à fundamentação do conhecimento, a perspetiva racionalista de Descartes da perspetiva empirista de Hume. Explique, fundamentadamente, qual destas perspetivas lhe parece mais plausível. Essa fundamentação deve incluir um argumento, uma objeção, e uma resposta à objeção. (60 pontos).

O fundacionalismo racionalista é a doutrina que afirma que o fundamento do conhecimento são crenças básicas de origem racional, isto é, o conhecimento é justificado através da razão.

O fundacionalismo empirista é a doutrina que afirma que o fundamento do conhecimento é realizado através de crenças básicas com origem nas sensações, isto é, o conhecimento é justificado através da experiência sensorial.

- Indicou a perspetiva que lhe parece mais plausível.
- Apresentou um argumento a favor da sua escolha.
- Apresentou uma objeção à perspetiva que defende.
- Apresentou uma resposta à objeção que havia formulado.

### 3.2 – Versão final da primeira Ficha de Avaliação



1º Teste de Filosofia | 11º Ano | 16 de Dezembro de 2022

**Leia atentamente o enunciado e, não deixando nunca de justificar as suas respostas, resolva o seguinte teste:**

#### Grupo I

Esclareça:

- a) A justificação é uma condição necessária para que o conhecimento seja possível. Porquê?  
 Porque é a justificação que nos permite relacionar a crença com a verdade, de modo que a crença não seja verdadeira por coincidência ou acaso.
- b) A distinção entre o Ceticismo Radical e o Ceticismo Metódico.  
 O ceticismo radical defende que não podemos conhecer nada na medida em que não conseguimos encontrar uma justificação apropriada.  
 Por sua vez, o ceticismo metódico, proposto por Descartes, serve como um meio para alcançar um determinado fim. No caso, Descartes utiliza a dúvida como um meio de analisar as nossas crenças até ser capaz de encontrar uma crença que seja clara e evidente de tal modo que não possa estar errada, isto é, uma crença indubitável.

#### Grupo II

Esclareça:

- a) O argumento de Descartes para duvidar dos seus raciocínios matemáticos mais evidentes.  
 Descartes apresenta o argumento do génio maligno onde levanta a hipótese de existir uma entidade externa que controla a nossa mente fazendo-nos acreditar, por exemplo, que  $2+2=4$ .
- b) De que modo o *Cogito* cartesiano, enquanto crença autojustificada, constitui uma refutação ao ceticismo radical.  
 O *Cogito* cartesiano é uma crença autojustificada, isto é, é uma crença básica que não precisa de justificação exterior. Através do *Cogito*, Descartes consegue comprovar que existem crenças que têm uma justificação apropriada, logo a conclusão cética, de que não temos uma justificação apropriada para as nossas crenças, é falsa.
- c) A crítica apresentada por David Hume ao ceticismo cartesiano.  
 David Hume considera que se nós alcançarmos a dúvida cartesiana teremos de aplicar a todas as nossas crenças e, com isso, teríamos de duvidar do funcionamento das nossas faculdades mentais. Porém, se tal ocorrer, nós não conseguiríamos sair do estado de dúvida, pois para poder deduzir alguma coisa a partir do princípio original, o *Cogito*, recorrer às mesmas faculdades que estão sujeitas à dúvida, isto é, incorreríamos numa petição de princípio.
- d) Através do que é estabelecido pelo princípio da bifurcação, existem segundo Hume, dois tipos de conhecimento. Explique recorrendo a exemplos.  
 O princípio da bifurcação estabelece que todo o conhecimento proposicional se divide em duas espécies, mutuamente exclusivas, que consistem nas relações de ideias e questões de facto.  
 As relações de ideias tratam um conhecimento conceptual. Estas caracterizam-se por serem *a priori*, utilizando um raciocínio demonstrativo e tratarem verdades necessárias. Por exemplo, os triângulos têm três lados.  
 As questões de facto são o conhecimento da natureza e das entidades concretas. Estas caracterizam-se por serem *a posteriori*, utilizando um raciocínio indutivo e tratarem verdades contingentes. Por exemplo, há água em estado sólido.



1º Teste de Filosofia | 11º Ano | 16 de Dezembro de 2022

**Grupo III**

«Para Hume, não podemos observar nada da relação entre os acontecimentos particulares A e B, a não ser a sua contiguidade no espaço ou no tempo e o facto de A preceder B. Dizemos que A causa B apenas quando a conjunção de acontecimentos do tipo A e do tipo B é constante – ou seja, quando há uma conexão regular de acontecimentos do tipo A e do tipo B, levando-nos a esperar B sempre que observamos um caso de A. Tirando esta conjunção constante, nada mais há que observemos, e nada mais que pudéssemos observar, na relação entre A e B que pudesse constituir um vínculo de “conexão necessária”».

Roger Scruton, *Breve História da Filosofia Moderna*, Lisboa, Guerra e Paz (2010), pp. 165-166

Hume mostra que «a ideia de conexão necessária não se pode derivar de uma impressão de conexão necessária, pois tal impressão não existe». Qual é, então, para Hume, a origem da ideia de conexão necessária?

Para Hume, a origem da conexão necessária não pode ser as impressões externas, dado que não percebemos qualquer conexão necessária entre dois acontecimentos; pelo contrário, só percebemos conjunções constantes. Por um lado, temos uma conexão necessária quando dois eventos não podem ocorrer um sem o outro; por outro lado, temos uma conjunção constante quando sempre que um sujeito tem a experiência de um evento A também tem a experiência de um evento B. Ora, a ideia de conexão necessária nada mais é do que a expectativa, ou seja, impressão interna, de que irá ocorrer o evento B dada a ocorrência do evento A, devido ao hábito de observar esses dois acontecimentos ocorrerem sempre um a seguir ao outro, ou seja, devido ao facto de estes aparecerem constantemente conjugados.

**Grupo IV**

Distinga, no que respeita à fundamentação do conhecimento, a perspetiva racionalista de Descartes da perspetiva empirista de Hume. Explique, fundamentadamente, qual destas perspetivas lhe parece mais plausível. Essa fundamentação deve incluir um **argumento**, uma **objeção**, e uma **resposta à objeção**.

O fundacionalismo racionalista é a doutrina que afirma que o fundamento do conhecimento são crenças básicas de origem racional, isto é, o conhecimento é justificado através da razão.

O fundacionalismo empirista é a doutrina que afirma que o fundamento do conhecimento é realizado através de crenças básicas com origem nas sensações, isto é, o conhecimento é justificado através da experiência sensorial.

- Indicou a perspetiva que lhe parece mais plausível.
- Apresentou um argumento a favor da sua escolha.
- Apresentou uma objeção à perspetiva que defende.
- Apresentou uma resposta à objeção que havia formulado.

*Bom Trabalho!*

		Cotações							
		Grupo I		Grupo II				Grupo III	Grupo IV
Pontos	a)	b)	a)	b)	c)	d)			
		15	20	15	20	20	20	30	60

## Anexo 4: Guia de auxílio ao desenvolvimento do Ensaio Filósofo por parte dos estudantes.



### COMO ESCREVER UM ENSAIO FILOSÓFICO

#### PREPARAÇÃO PRÉVIA:

1. Ponderar sobre um tema que incida sobre uma pergunta, de carácter filosófico. Por norma, uma pergunta cuja resposta possa ser “sim” ou “não” facilita na redação e conclusão do ensaio.
2. Procurar informação base e exemplos concretos que possam ser ilustrativos do tema sobre o qual se propõem investigar. Esta informação pode ser encontrada sobre diversos formatos como, por exemplo, notícias, documentários, vídeos, artigos, entre outros.
3. Procurar bibliografia e webgrafia. É necessário que procurem por leituras que sirvam de referência durante a redação do vosso ensaio. Estas podem ser artigos, notícias, livros, mas também *websites* desde que estes sejam fontes fiáveis (na área da filosofia dois *websites* considerados fiáveis são: a [Crítica na Rede](#) e a [Stanford Encyclopedia of Philosophy](#))
4. Redigir e reunir apontamentos sobre as informações que recolhiste nas fontes que encontraste de modo a reunir as ideias principais, os conceitos-chave a ser definidos e os argumentos explícitos e implícitos das várias posições.

#### DESENVOLVIMENTO DO TEMA:

##### INTRODUÇÃO:

1. Enunciar, brevemente, em que consiste o problema/tema que decidiste abordar – Exemplo: *Este trabalho tem por objetivo discutir a problemática  $\alpha$ , apresentando as posições  $\beta$  e  $\gamma$  sobre a mesma.*
2. Deves demonstrar de que modo este se trata de um problema filosófico e qual a sua relevância – Por exemplo: *Esta problemática apresenta especial relevância, pois...*
3. É comum descrever-se o percurso do ensaio na introdução, isto é, descrever-se a metodologia utilizada ao longo do ensaio – Por exemplo: *Com o objetivo de analisar a problemática  $\alpha$ , darei início ao meu trabalho esclarecendo os conceitos  $\beta$  e  $\gamma$ , essenciais para que possamos compreender a teoria  $\delta$ .*

##### CORPO DO ENSAIO:

Existem três fases essenciais que compõem um ensaio filosófico, a saber:

- **Problematizar:** Enunciar e clarificar o problema escolhido.
  - a) Referir os vários aspetos do problema.
  - b) Explicitar a sua pertinência.
- **Conceptualizar:** Definir, rigorosamente, os conceitos centrais envolvidos na elaboração do ensaio.
  - a) Por vezes, utilizamos conceitos ambíguos, com mais do que um significado, pelo que é necessário fazer a distinção entre os diferentes sentidos desses conceitos e determinar com quais estamos a trabalhar.



FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA



- b) Os termos científicos devem ser sempre esclarecidos. Isto é, se eu elaborar uma investigação sobre o Problema do Livre-Arbitrio revela-se necessário eu esclarecer conceitos como Determinismo.
- o **Argumentar:** Apresentar os argumentos das diferentes posições em relação ao problema apresentado e argumentar de forma consistente em relação a uma determinada posição.
    - a) Apresentar as diferentes posições em relação ao problema inicial enunciando os principais argumentos a favor das mesmas.
    - b) Enunciar as fraquezas apresentadas por essas posições – As fraquezas apresentadas podem ser ao nível argumentativo, por se demonstrarem incoerentes quer na sua formulação quer com a própria realidade, mas também por conduzirem a implicações inaceitáveis.
    - c) Explicitar a posição que pretendemos defender, atendendo à argumentação já elaborada – neste ponto é importante que as posições apresentadas sejam ponderadas e que se opte por uma.
      - A nossa opção pode ser defender uma das posições que já apresentámos, recusar todas as opções já apresentadas ou apresentar uma nova posição que resulte das posições já apresentadas.
      - Desde que o façamos apresentando argumentos sólidos e coerentes entre si podemos defender a posição que considerarmos ser a mais correta.
      - Devemos, também, explicitar porque é que recusamos as outras posições. Estes motivos podem passar por considerarmos a sua argumentação incoerente, os seus resultados implausíveis, as suas consequências inaceitáveis, entre outros.

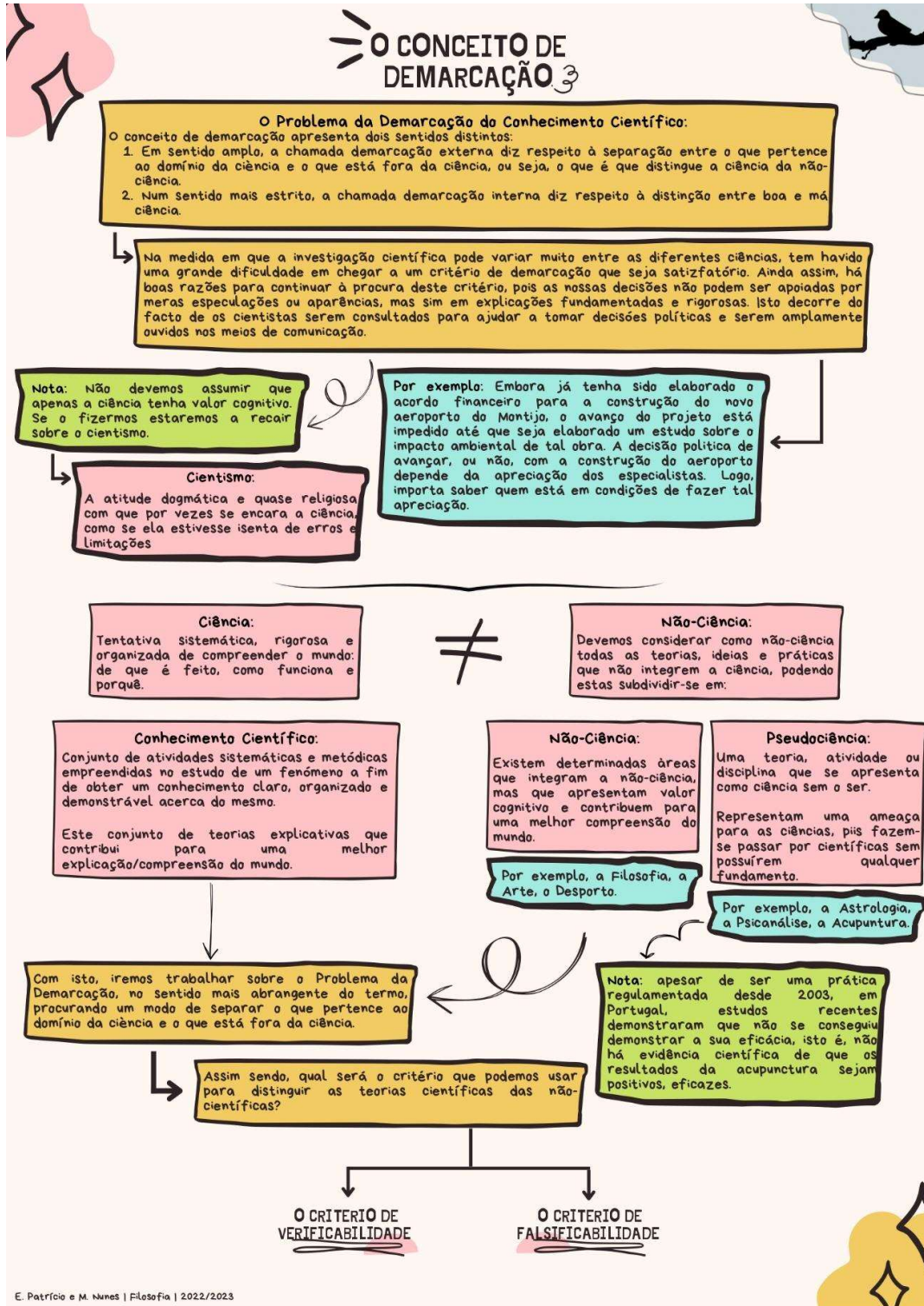
#### CONCLUSÃO:

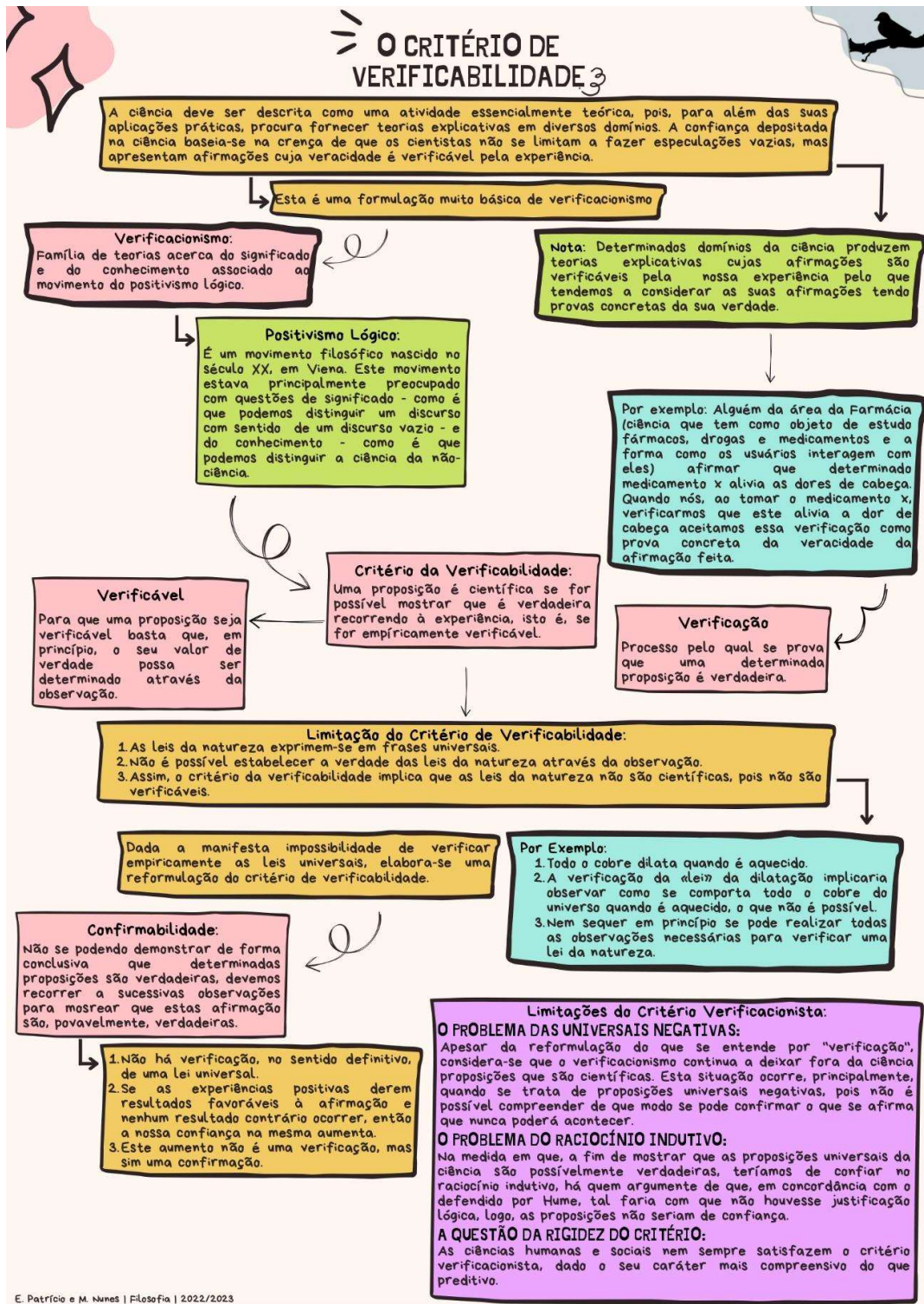
1. Retomar o problema inicial fazendo um balanço geral sobre o que foi investigado.
2. Expor uma reflexão final acerca das posições apresentadas, colocando dúvidas que ainda possam existir em torno das mesmas.
3. Reforçar a posição defendida explicitando, sucintamente, a decisão inerente à escolha dessa mesma posição em relação às restantes.

#### FINALIZAÇÃO DO ENSAIO:

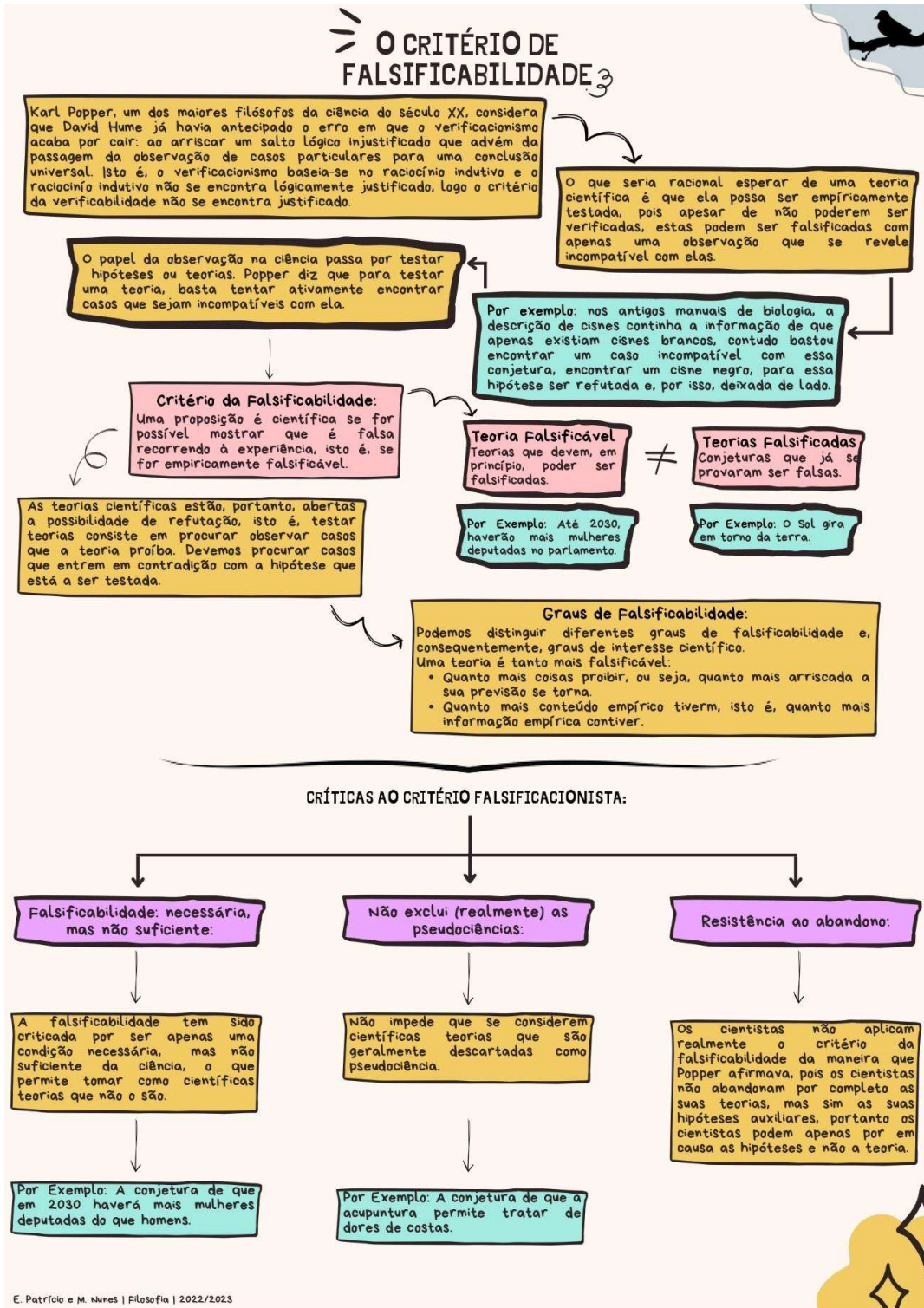
1. Antes de submeter o teu trabalho deves procurar rever o que fizeste para garantir que não existem erros nem de carácter científico, nem ortográficos.
2. Se não existirem indicações quanto aos aspetos formais do ensaio, as formatações comumente utilizadas são: Times New Roman como fonte; tamanho 12; espaçamento entre linhas de 1,5 com espaço depois do parágrafo.
3. Certifica-te que colocas em bibliografia todas as fontes que utilizaste durante a redação do teu trabalho.
4. Certifica-te que cumpres a entrega dentro dos prazos estabelecidos para tal efeito.

**Anexo 5: Guias de estudo acerca da temática “O problema da Demarcação: Critério da Verificabilidade e o Critério da Falsificabilidade”.**









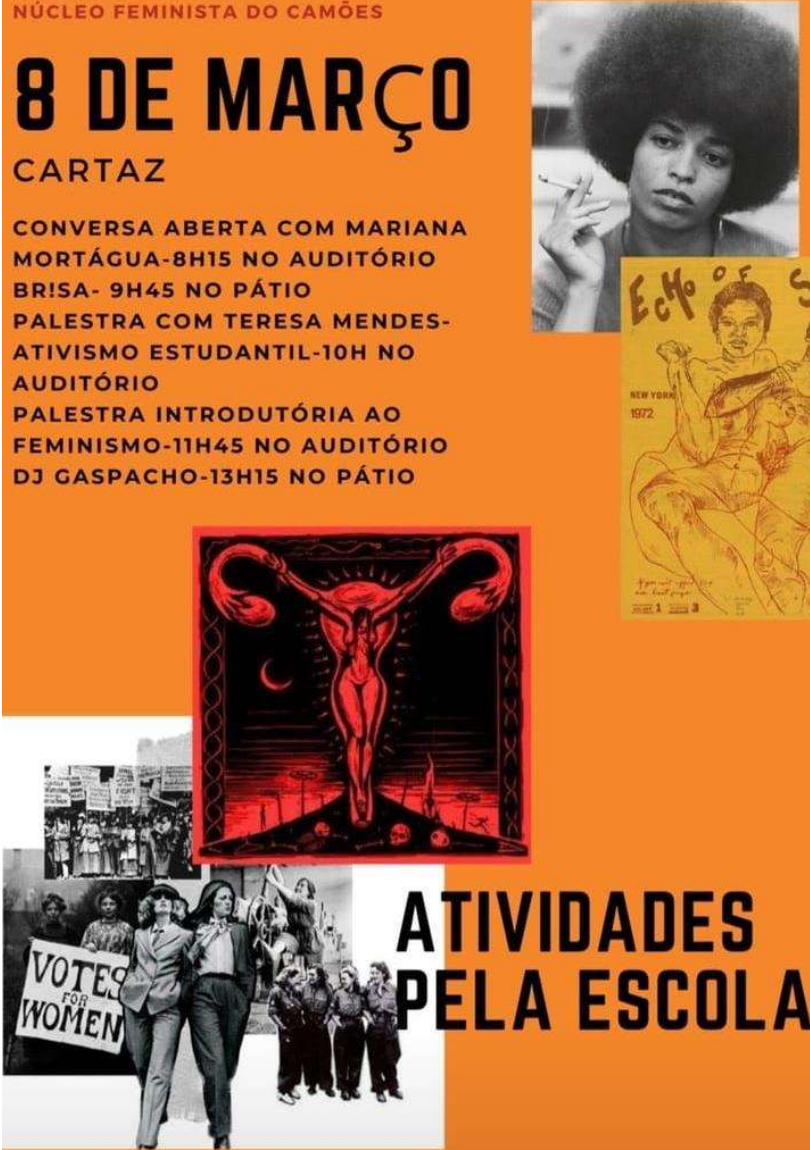
**Anexo 6: Cartaz referente aos eventos ocorridos no dia 8 de março.**

**NÚCLEO FEMINISTA DO CAMÕES**

# 8 DE MARÇO

**CARTAZ**

**CONVERSA ABERTA COM MARIANA MORTÁGUA-8H15 NO AUDITÓRIO BRISA- 9H45 NO PÁTIO**  
**PALESTRA COM TERESA MENDES-ATIVISMO ESTUDANTIL-10H NO AUDITÓRIO**  
**PALESTRA INTRODUTÓRIA AO FEMINISMO-11H45 NO AUDITÓRIO**  
**DJ GASPACHO-13H15 NO PÁTIO**



**ATIVIDADES PELA ESCOLA**

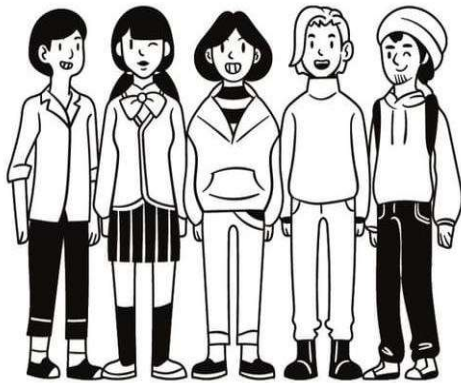
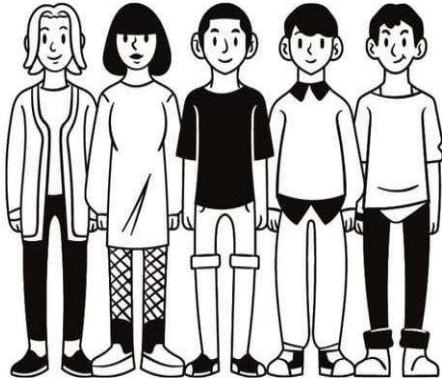
**Fotografias capturadas no dia 08 de Março.**



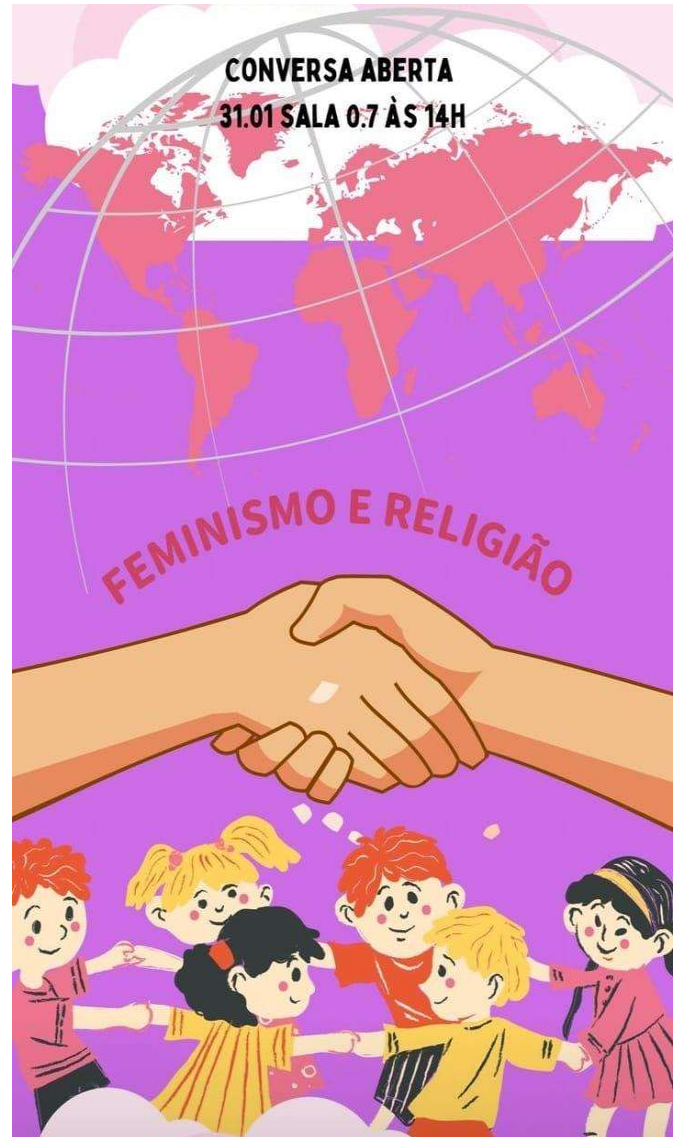
**Anexo 7: Cartazes referentes aos debates ocorridos no núcleo feminista da Escola Secundária de Camões.**

# HOMENS E FEMINISMO

CONVERSA ABERTA NA SALA 0.7  
10.01 ÀS 14H



NÚCLEO FEMINISTA DO CAMÕES



## Anexo 8: Planificações referentes aos tópicos “Argumento Cosmológico de Tomás de Aquino”, “Argumento Teleológico de Tomás de Aquino” e “Argumento Ontológico de Santo Anselmo”.



Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB | 21/03/2023

Planificação de aula realizada pela professora estagiária Margarida Ochôa Nunes.

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].

22/04 | Aula Nº9

Sumário	O Argumento Cosmológico de Tomás de Aquino a Favor da Existência de Deus.		
Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo
<p>Recapitular os conteúdos abordados na aula anterior.</p> <p>Caraterizar o argumento cosmológico.</p>	<p>Correção do trabalho de casa – ficha de trabalho elaborada pela professora estagiária.</p> <p>Leitura e análise do excerto1: “Hoje sabemos — ou pelo menos julgamos saber — que o universo começou com um «Big Bang», há cerca de catorze mil milhões de anos, e que a Terra se formou cerca de nove mil milhões de anos depois disso. Mas, podemos perguntar, o que causou o Big Bang? O que explica o facto de haver um universo em vez de nada? Esta questão exige algum tipo de resposta, e [...] pode-se sugerir que a hipótese da criação divina proporciona aquilo de que precisamos. Podemos conjecturar que Deus foi a «causa primeira» do universo.” James Rachels, “Problemas da Filosofia”.</p> <p>O argumento cosmológico é um <b>argumento a posteriori</b>, pois parte da existência do mundo e dos seres que habitam no mesmo para fundamentar a existência de Deus. Ou seja, é um argumento formulado a partir do conhecimento empírico.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O argumento cosmológico remonta aos escritos de <b>Platão e Aristóteles</b>, embora o fundamental no progresso deste argumento se tenha dado nos séculos XIII e XVIII.</li> <li>- Na obra <b>Suma Teológica, Tomás de Aquino apresentou 5 argumentos</b> sustentando a existência de Deus. Iremos focar-nos no argumento cosmológico, o da causa primeira, afirma a existência de Deus partindo do princípio da causalidade, segundo o qual tudo quanto existe tem uma causa, e as mesmas causas produziram os mesmos efeitos em circunstâncias idênticas.</li> </ul>	<p>Apresentação de imagens no PowerPoint.</p> <p>Interação com os alunos através de perguntas e respostas oralmente.</p> <p>Leitura do excerto do texto “Problemas da Filosofia” de James Rachel.</p>	20 minutos

1

	<p>- Para Tomás Aquino, <b>todas as realidades do universo</b>, isto é, pessoas, galáxias, animais, planetas, entre outros, <b>são contingentes</b>. Dependem de outros seres ou coisas para existirem. Ora, a contingência implica a existência de algo necessário, neste caso, Deus. Deus surge assim como o princípio de todas as causas, criando o universo, pois, de outro modo, a série de causas prolongar-se-ia infinitamente.</p>		
<p>Identificar o argumento cosmológico</p> <p>Formular o argumento cosmológico de São Tomás de Aquino</p>	<p>Leitura e análise do excerto 2: “Se o mundo e o movimento têm um início primeiro, alguma causa tem claramente de ser postulada para dar conta desta origem do mundo e do movimento. O que surge de novo tem de ter origem em alguma causa inovadora, dado que nada se faz a si próprio vir da potência ao ato, ou do não-ser ao ser.” Tomás de Aquino, “Suma Contra os Gentios”, I.13</p> <p>O argumento cosmológico na versão de São Tomás de Aquino pode ser formulado da seguinte forma:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li><b>1.Todos os eventos são causados.</b> (A primeira premissa revela o carácter a posteriori do argumento. Tomas de Aquino parte da observação de que todos os fenómenos estão interligados por cadeias causais).</li> <li><b>2.Se todos os eventos são causados, então, ou cada evento se causa a si mesmo, ou há uma cadeia causal que regride infinitamente: ou há uma primeira causa.</b> (Se 1. É verdade, então existem três possibilidades de explicar esse facto: a autoacausação, a regressão causal infinita ou a existência de uma causa primordial.)</li> <li><b>3.Nenhum evento se causa a si mesmo.</b> (Uma causa é por definição anterior ao seu efeito. Assim, a autoacausação é impossível pois nenhum fenómeno pode ser anterior a si mesmo, logo não pode causar a sua própria existência.)</li> <li><b>4.A existência de sequências causais que regridem infinitamente é impossível.</b> (Se eliminarmos a causa de um efeito qualquer, este não pode existir; numa regressão infinita nunca encontramos a causa dessa sequência; assim, se não existe a causa dessa sequência, esta não deveria existir. Mas como constatamos a existência de sequências causais, não podemos aceitar a regressão infinita de causas.)</li> <li><b>5.Logo, tem de haver uma causa primeira.</b> (Por exclusão das duas outras alternativas, Tomás de Aquino conclui que existe uma causa primeira que iniciou todas as sequências causais. Essa causa é Deus.)</li> </ol>	<p>Apresentação de breves informações e imagens no PowerPoint.</p> <p>Interação com os alunos através de perguntas e respostas oralmente.</p> <p>Leitura do excerto do texto “Suma contra os Gentios” de Tomás de Aquino exposto no manual – página 209.</p>	20 minutos

2

Reconhecer como é que o argumento cosmológico responde ao problema da existência de Deus.	Através da nossa experiência, constatamos que tudo o que existe foi causado por algo. Mas, não sabemos o que causou o nosso mundo, nem o que causou alguns elementos naturais (por exemplo, pedras, árvores, rios). Sabemos também que o ser humano, limitado pela sua mortalidade, não é capaz de ser o causador do mundo. No entanto, algo terá que ser o causador do mundo (primeira causa). Por isso, assumimos que só um ser imortal teria esse poder, e a esse ser chamamos de Deus.	Apresentação de imagens no PowerPoint. Interação com os alunos através de perguntas e respostas oralmente.	10 minutos
Identificar e formular a principal crítica ao argumento cosmológico.	Problematizar e analisar o texto do seguinte artigo: “Um cientista e um padre entram num bar.” <a href="https://observador.pt/especiais/ciencia-vs-deus-um-cientista-e-um-padre-entram-num-bar/#title-0">https://observador.pt/especiais/ciencia-vs-deus-um-cientista-e-um-padre-entram-num-bar/#title-0</a> , através da análise deste texto, somos capazes de alcançar algumas ideias fundamentais de modo a criticar o argumento cosmológico, tais como: “Será que do nada realmente nada surge? Terá o Big Bang surgido por uma obra divina, como postula o argumento cosmológico?  - A dificuldade deste argumento consiste no facto da razão que temos para rejeitar que o universo veio do nada faz-nos rejeitar também que deus o tenha criado. Visto que, essa razão é que nunca observamos coisas a surgir do nada (por exemplo, <b>conseguimos ver as pétalas de uma flor a crescer ou o nascimento de um pinto</b> ), tal como nunca observamos a criação teísta. Ou seja, a crítica define-se na seguinte frase: A ideia de que o Universo não tem qualquer causa não é mais implausível do que a ideia de ter sido criado por Deus.	Apresentação de breves informações e imagens no PowerPoint. Interação com os alunos através de perguntas e respostas oralmente. Problematizar e analisar o texto do seguinte artigo: “Um cientista e um padre entram num bar.” <a href="https://observador.pt/especiais/ciencia-vs-deus-um-cientista-e-um-padre-entram-num-bar/#title-0">https://observador.pt/especiais/ciencia-vs-deus-um-cientista-e-um-padre-entram-num-bar/#title-0</a>	20 minutos
Rever os conteúdos abordados ao longo da aula	Visualização de um vídeo do Youtube (4 minutos) sintetizador dos conteúdos da aula. Realização da ficha 28 do Caderno de atividades do manual. Realização dos exercícios presentes na página 211 do manual, como trabalho de casa.	Visualização de um vídeo no Youtube.	30 minutos

<p><b>Recursos utilizados:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>o Manual: “Espanto” (11º ano) dos autores Aires Almeida e Desidério Murcho.</li> <li>o Ficha do Caderno de Atividades – Número 28: “O Argumento Cosmológico de Tomás de Aquino”.</li> <li>o Powerpoint elaborado pela Professora Estagiária, sendo que o mesmo contém diapositivos com os seguintes textos:</li> </ul> <p>Excerto 1) O que causou o Big Bang: “Hoje sabemos — ou pelo menos julgamos saber — que o universo começou com um «Big Bang», há cerca de catorze mil milhões de anos, e que a Terra se formou cerca de nove mil milhões de anos depois disso. Mas, podemos perguntar, o que causou o Big Bang? O que explica o facto de haver um universo em vez de nada? Esta questão exige algum tipo de resposta, e [...] pode-se sugerir que a hipótese da criação divina proporciona aquilo de que precisamos. Podemos conjecturar que Deus foi a «causa primeira» do universo.” James Rachels, “Problemas da Filosofia”.</p> <p>Excerto 2) “Se o mundo e o movimento têm um início primeiro, alguma causa tem claramente de ser postulada para dar conta desta origem do mundo e do movimento. O que surge de novo tem de ter origem em alguma causa inovadora, dado que nada se faz a si próprio vir da potência ao ato, ou do não-ser ao ser.” Tomás de Aquino, “Suma Contra os Gentios”, I.13</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>o Artigo do Jornal “Observador” escrito por João Francisco Gomes publicado em 2017, “Um cientista e um padre entram num bar.”, <a href="https://observador.pt/especiais/ciencia-vs-deus-um-cientista-e-um-padre-entram-num-bar/#title-0">https://observador.pt/especiais/ciencia-vs-deus-um-cientista-e-um-padre-entram-num-bar/#title-0</a>.</li> <li>o Youtube:</li> </ul> <p>Vídeo explicativo acerca do argumento cosmológico Kalam   William Lane Craig: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=KrGjeRBWIZQ">https://www.youtube.com/watch?v=KrGjeRBWIZQ</a></p>
---



Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].

Planificação de aulas realizada pela professora estagiária Margarida Ochôa Nunes

24/03/2023 | Aula Nº10

Sumário	O Argumento Teleológico de Tomás de Aquino a Favor da Existência de Deus.		
Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo
Recapitular os conteúdos abordados na aula anterior.  Distinguir o argumento cosmológico do argumento teleológico	<ul style="list-style-type: none"> <li>o Correção do trabalho de casa – ficha de trabalho criada pela professora estagiária, disponível em anexo 2.</li> <li>o Apesar de ambos os argumentos terem sido formulados por São Tomás de Aquino e ambos os argumentos serem argumentos <i>a posteriori</i>, o argumento cosmológico estabelece Deus como sendo a primeira causa, ou seja, como o criador de tudo o que existe. Por outro lado, o argumento teleológico, além de estabelecer Deus como sendo o criador do universo, também estabelece Deus como sendo o garante da ordem e finalidade do universo e de tudo o que o compõe. Apesar dos argumentos serem diferentes, é necessário compreender que estes não são antagónicos um em relação ao outro, mas sim complementares.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação de imagens no PowerPoint.</li> <li>- Interação com os alunos através de perguntas e respostas oralmente.</li> </ul>	20 minutos
Caraterizar o argumento teleológico	<p>1) O argumento teleológico é um argumento <i>a posteriori</i>, pois parte da ordem e finalidade que existem no universo e dos elementos que o compõe para fundamentar a existência de Deus. Sabemos que há ordem no Universo, pois é algo que nos é dado observar. Temos atualmente um conhecimento pormenorizado e profundo de toda essa ordem. Por exemplo, <b>sabemos que em certas condições, os átomos combinam-se para formar moléculas de água, que é uma condição necessária para haver o tipo de vida que conhecemos. Os biólogos conseguem explicar como ocorreu a imensa variação biológica que se observa na Terra. Os astrónomos descobriram as leis que regem o movimento dos planetas</b>, permitindo prever com rigor onde se encontram num determinado momento.</p> <p><b>Verificamos que o verão surge sempre depois da primavera</b>, o outono depois do verão e o verão depois do inverno, e que os dias são sempre mais curtos do que as noites no inverno e sempre mais longos do que as noites no verão. <b>A natureza parece que funciona como um relógio, obedecendo a leis precisas e rigorosas.</b></p> <p><b>Leitura e análise do excerto 1:</b> : “[Os argumentos do desígnio] partem de observações, em especial de regularidades no funcionamento da natureza e da adaptação de meios a fins; inferem que esta</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Visionamento de um vídeo.</li> <li>- Preenchimento, por parte dos alunos, da ficha elaborada pela professora estagiária.</li> <li>- Apresentação de imagens no PowerPoint.</li> <li>- Interação com os alunos através de</li> </ul>	20 Minutos

1



Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].

Planificação de aulas realizada pela professora estagiária Margarida Ochôa Nunes

24/03/2023 | Aula Nº10

	<p>ordem tem de ser produto de desígnio; e consideram que isto estabelece a existência de um ser inteligente sobrenatural, normalmente identificado com Deus. Argumentos deste tipo foram usados pelos estoicos da antiguidade, como Crisipo, e ocorrem, por exemplo, no <i>De Natura Deorum</i> (Da Natureza dos Deuses 2004) de Cícero. A Quinta Via de Tomás de Aquino (<i>Summa Theologiae</i>, Ia, q2, art. 3) oferece uma versão do argumento. Desde o fim da Idade Média, os autores que procuraram estabelecer a existência de Deus pela argumentação racional fizeram um uso frequente, eloquente e persuasivo do argumento.”</p> <p style="text-align: right;">Thomas Mautner, “Dicionário de Filosofia”.</p>	<p>perguntas e respostas oralmente.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura e análise do excerto da obra “Dicionário de Filosofia” de Thomas Mautner, disponível no manual digital “O Espanto”.</li> </ul>	
Identificar o argumento teleológico de São Tomás de Aquino - Formular o argumento teleológico de São Tomás de Aquino	<p><b>Leitura e análise do excerto 2:</b> “Vemos que as coisas sem inteligência, como os corpos naturais, atuam tendo em vista uma finalidade, e isto é evidente a partir do facto de atuarem sempre, ou quase sempre, da mesma maneira, de modo a obter o melhor resultado. Assim, é óbvio que não é fortuitamente, mas antes com desígnio, que atingem as suas finalidades. Ora, o que não tem inteligência não pode direccionar-se a uma finalidade, a menos que seja direccionada por um ser dotado de conhecimento e inteligência, como a flecha é disparada para o alvo pelo arqueiro. Logo, existe um ser inteligente por meio do qual todas as coisas naturais são direccionadas para as suas finalidades; e é a este ser que chamamos Deus.”</p> <p style="text-align: right;">Tomás de Aquino, “Suma Teológica”, Ia. Q2. A3.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>o O argumento teleológico ou do desígnio pode ser formulado da seguinte forma:             <ol style="list-style-type: none"> <li>1) O universo assemelha-se aos artefactos produzidos por seres humanos, que possuem finalidade e ordem;</li> <li>2) A finalidade e ordem presentes em todos os artefactos humanos são os efeitos desse artefacto ter sido criado por um ser inteligente;</li> <li>3) Os mesmos efeitos têm as mesmas causas;</li> </ol> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação de imagens no PowerPoint.</li> <li>- Interação com os alunos através de perguntas e respostas oralmente.</li> <li>- Leitura e análise de um excerto da obra “Suma Teológica” de Tomás de Aquino.</li> <li>- Manual pág. 213</li> </ul>	10 minutos

2



Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].

Planificação de aulas realizada pela professora estagiária Margarida Ochôa Nunes

24/03/2023 | Aula Nº10

	4) Logo, a finalidade e ordem no universo são efeitos deste artefacto ter sido produzido por um criador inteligente; 5) E esse criador inteligente é Deus.		
Reconhecer como é que o argumento teleológico responde ao problema da existência de Deus	<p><b>Leitura e análise do excerto 3:</b> “ Suponhamos que, ao atravessar uma charneca, tropeçava numa pedra e alguém me perguntava como teria vindo ela aqui parar. Poderia responder talvez que, tanto quanto me é dado saber, a pedra sempre ali teria estado; não seria muito fácil, talvez, mostrar que esta resposta era absurda. Mas suponhamos que tinha encontrado um relógio no chão e me perguntavam como apareceu naquele lugar; neste caso, dificilmente pensaria na resposta que dera anteriormente, que, tanto quanto me era dado saber, o relógio sempre ali estivera. Então porque é que esta resposta não serve para o relógio como serviu para a pedra? Porque não é admissível no segundo caso como no primeiro? Por esta razão e por nenhuma outra: a saber, quando inspecionamos o relógio, percebemos (o que não podíamos descobrir na pedra) que as suas diversas partes estão organizadas e associadas com um propósito; por exemplo, vemos que as suas diversas partes estão configuradas e ajustadas de forma a produzir movimento e que esse movimento está de tal forma regulado que assinala a hora do dia; e vemos que se as suas diversas partes estivessem configuradas de uma outra forma, tivessem outro tamanho ou estivessem dispostas de uma maneira diferente ou segundo uma outra ordem qualquer, a máquina não teria nenhum movimento (...). Pensamos que a inferência é inevitável – o relógio deve ter tido um criador que deve ter existido algures num tempo e em algum lugar, um artífice ou artífices que o construíram com o propósito que vemos agora estar-lhe destinado, que empreenderam a sua construção e conceberam o seu uso.</p> <p style="text-align: center;">William Paley, “Natural Theology”, American Tract Society, 1848, p. 9.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>O universo, incluindo os vários elementos que o compõem, partilham a semelhança com os artefactos humanos de possuírem ordem e finalidade. Por exemplo, <b>uma cadeira é</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura e análise de um excerto da obra “Natural Theology” de William Paley.</li> <li>- Apresentação de imagens no PowerPoint.</li> <li>- Interação com os alunos através de perguntas e respostas oralmente.</li> </ul>	15 minutos

3



Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].

Planificação de aulas realizada pela professora estagiária Margarida Ochôa Nunes

24/03/2023 | Aula Nº10

	<p><b>construída de modo a permitir que alguém se sente nela.</b> Se o construtor da cadeira a tivesse construído de outro modo, esta perderia a sua funcionalidade como cadeira.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>O mesmo se passa com o nosso universo: se a ordem fosse ligeiramente diferente, não seria possível existir vida. Ou seja, parece que o nosso universo possui uma ordem e uma finalidade que nos permite existir, o que nos leva a concluir que essa finalidade foi criada por Deus. Deste modo, o argumento teleológico responde ao problema da existência de Deus ao afirmar que Deus necessita de existir, pois é Ele que garante a ordem e a finalidade do universo e dos seres e sistemas que nele habitam.</li> <li>O argumento teleológico também é um argumento por <b>analogia</b>.</li> <li>O argumento parte da crença de que existem vários artefactos teleológicos no nosso universo – ou seja, artefactos que possuem uma finalidade, como, por exemplo, uma cadeira possui a finalidade de nos sentarmos nela para descansar. A partir desta crença, é construída a analogia de que, se artefactos teleológicos (<b>como um relógio</b>) possuem um criador inteligente, então o universo e os elementos naturais também devem possuir um criador inteligente, que é Deus.</li> </ul>		
<p>Identificar a principal crítica ao argumento teleológico</p> <p>Formular a principal crítica ao argumento teleológico</p>	<p><b>A noção de finalidade é usada em sentidos diferentes (é ambígua)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Na primeira premissa usa-se o conceito de finalidade no sentido abrangente de haver uma mera relação causal entre uma coisa e outra. Por exemplo, <b>se as raízes de uma árvore encontram água, elas deixam de se estender.</b></li> </ul> <p>Nas restantes premissas usa-se o conceito de finalidade num sentido mais preciso e robusto em que a finalidade envolve uma intenção mais ou menos consciente. Por exemplo, <b>se uma pessoa não estuda para o exame quando lê o livro, ela pode ainda assim querer lê-lo por outra razão qualquer.</b></p> <p>Ora, não é este último sentido que está em causa quando se diz que Deus direciona as coisas naturais para finalidades.</p> <p>Este argumento cai num raciocínio inválido, neste caso, na <b>falácia da ambiguidade</b>, seria como argumentar do seguinte modo:</p> <p>P1: Todas as leis são criadas pelo governo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação de imagens no PowerPoint.</li> <li>- Interação com os alunos através de perguntas e respostas oralmente.</li> </ul>	15 minutos

4





Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].

Planificação de aulas realizada pela professora estagiária Margarida Ochôa Nunes

24/03/2023 | Aula Nº10

	P2: A lei da gravidade é uma lei. Logo, a lei da gravidade foi criada pelo governo. Assim, talvez a ordem que observamos seja fruto de um longo processo de evolução natural, não sendo fruto de um simples acaso nem havendo uma direção dada por um ser inteligente. Portanto, a dificuldade deste argumento é saber se os objetos/ coisas atuam com vista a finalidades / propósitos, no sentido requerido pelo argumento de Tomás de Aquino.		
Realizar exercícios de recapitulação referentes aos conteúdos da aula	Leitura das ideias a reter presentes na página 215 do manual. (disponível em anexo 3) Realização dos exercícios presentes na página 215 do manual. (disponível em anexo 41901)	- Visionamento de um vídeo. - Preenchimento dos exercícios selecionados pela professora estagiária.	20 minutos
<b>Recursos Utilizados:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Manual: “Espanto” (11º ano) dos autores Aires Almeida e Desidério Murcho.</li> <li>Ficha de trabalho elaborada pela professora estagiária Margarida Ochôa Nunes. (Disponível em anexo 1)</li> <li>Youtube: Vídeo explicativo retirado do manual de Filosofia “Dessassogadamente – 11ºano” acerca do argumento Teleológico, onde é possível visualizar o surgimento e desenvolvimento do argumento Teleológico, formulado por Tomás de Aquino.</li> <li>Powerpoint elaborado pela Professora Estagiária, sendo que o mesmo contém diapositivos com os seguintes textos:</li> </ul> <p>Excerto 1: “[Os argumentos do desígnio] partem de observações, em especial de regularidades no funcionamento da natureza e da adaptação de meios a fins; inferem que esta ordem tem de ser produto de desígnio; e consideram que isto estabelece a existência de um ser inteligente sobrenatural, normalmente identificado com Deus. Argumentos deste tipo foram usados pelos estoicos da antiguidade, como Crisipo, e ocorrem, por exemplo, no De Natura Deorum (Da Natureza dos Deuses 2004) de Cícero. A Quinta Via de Tomás de Aquino (Summa Theologiae, Ia, q2, art. 3) oferece uma versão do argumento. Desde o fim da Idade Média, os autores que procuraram estabelecer a existência de Deus pela argumentação racional fizeram um uso frequente, eloquente e persuasivo do argumento.” Thomas Mautner, <i>Dicionário de Filosofia</i>.</p>			

5



Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB

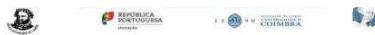
IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].

Planificação de aulas realizada pela professora estagiária Margarida Ochôa Nunes

24/03/2023 | Aula Nº10

<p>Excerto 2: “Vemos que as coisas sem inteligência, como os corpos naturais, atuam tendo em vista uma finalidade, e isto é evidente a partir do facto de atuarem sempre, ou quase sempre, da mesma maneira, de modo a obter o melhor resultado. Assim, é óbvio que não é fortuitamente, mas antes com desígnio, que atingem as suas finalidades. Ora, o que não tem inteligência não pode direccionar-se a uma finalidade, a menos que seja direccionada por um ser dotado de conhecimento e inteligência, como a flecha é disparada para o alvo pelo arqueiro. Logo, existe um ser inteligente por meio do qual todas as coisas naturais são direccionadas para as suas finalidades; e é a este ser que chamamos Deus.</p> <p style="text-align: right;">Tomás de Aquino, <i>Suma Teológica</i>, Ia, Q2, A3</p> <p>Excerto 3: “ Suponhamos que, ao atravessar uma charneca, tropeçava numa pedra e alguém me perguntava como teria vindo ela aqui parar. Poderia responder talvez que, tanto quanto me é dado saber, a pedra sempre ali teria estado; não seria muito fácil, talvez, mostrar que esta resposta era absurda. Mas suponhamos que tinha encontrado um relógio no chão e me perguntavam como apareceu naquele lugar; neste caso, dificilmente pensaria na resposta que dera anteriormente, que, tanto quanto me era dado saber, o relógio sempre ali estivera. Então porque é que esta resposta não serve para o relógio como serviu para a pedra? Porque não é admissível no segundo caso como no primeiro? Por esta razão e por nenhuma outra: a saber, quando inspecionamos o relógio, percebemos (o que não podíamos descobrir na pedra) que as suas diversas partes estão organizadas e associadas com um propósito; por exemplo, vemos que as suas diversas partes estão configuradas e ajustadas de forma a produzir movimento e que esse movimento está de tal forma regulado que assinala a hora do dia; e vemos que se as suas diversas partes estivessem configuradas de uma outra forma, tivessem outro tamanho ou estivessem dispostas de uma maneira diferente ou segundo uma outra ordem qualquer, a máquina não teria nenhum movimento (...). Pensamos que a inferência é inevitável – o relógio deve ter tido um criador que deve ter existido algures num tempo e em algum lugar, um artífice ou artífices que o construíram com o propósito que vemos agora estar-lhe destinado, que empreenderam a sua construção e conceberam o seu uso.</p> <p style="text-align: right;">William Paley, <i>Natural Theology</i>, American Tract Society, 1848, p. 9.</p>
---

6

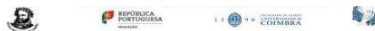


Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB|

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].  
Planificação de aula realizada pela professora estagiária Margarida Ochôa Nunes.  
Aula Nº11

Sumário	Formulação do argumento ontológico de Santo Anselmo. Formulação de uma possível crítica ao argumento.		
Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo
Distinguir argumento ontológico do argumento cosmológico e do argumento teleológico	o Correção do trabalho de casa – página 215 do manual.  O argumento ontológico distingue-se dos argumentos cosmológico e teleológico, principalmente porque o argumento ontológico é <i>a priori</i> , enquanto os outros dois argumentos são <i>a posteriori</i> . O argumento ontológico é um argumento <i>a priori</i> , pois depende apenas de premissas que podem ser conhecidas simplesmente por se pensar nelas, independentemente da experiência do mundo. Este argumento parte do conceito de Deus e de premissas que podem ser conhecidas independentemente da experiência do mundo para concluir que Deus existe na realidade.  O nome “ontológico” advém de ontologia que é o ramo da filosofia que estuda o ser. Deste modo, o argumento de Santo Anselmo prende-se com a essência e existência do ser de Deus.	Apresentação de imagens no PowerPoint.  Interação com os alunos através de perguntas e respostas aos alunos oralmente.  Visionamento de um vídeo retirado do manual “Dessosseadamente” com a duração de 06 minutos.	20 minutos
Caraterizar argumento ontológico	o <b>Leitura e análise do excerto 1:</b> “Anselmo sugeriu que devemos entender Deus como «aquele maior do que o qual nada se pode conceber». Por outras palavras, Deus tem todas as perfeições possíveis: é perfeito no conhecimento, no poder, na bondade e em todos os outros aspetos imagináveis. Torná-lo melhor de alguma forma é inconcebível. Além disso, Anselmo sustentou que isto é verdadeiro por definição — tentar imaginar Deus com uma imperfeição é como tentar imaginar um solteiro casado ou um triângulo com cinco lados. Podemos seguramente imaginar um ser semelhante a Deus que não possui alguma perfeição, mas nesse caso não estaremos a pensar em Deus. O conceito de Deus é o conceito de um ser perfeito, tal como o conceito de solteiro é o conceito de um homem não casado ou o conceito de triângulo é o conceito de uma figura com três lados. Mas Anselmo reparou que algo notável parece seguir-se disto: se um ser é perfeito por definição, então esse ser tem de existir. Afinal, se não existisse, não seria perfeito. (Os seres que não existem são, pelo menos neste aspeto, inferiores aos seres que existem.) Por esta razão, é impossível que Deus não exista”. James Rachels, “Problemas da Filosofia”  – O argumento ontológico parte da crença de que um ser que existe na realidade é mais perfeito do que um ser que existe meramente no pensamento.	Apresentação de imagens no PowerPoint.  Interação com os alunos através de perguntas e respostas aos alunos oralmente.  Leitura e análise de um excerto da obra “Problemas de Filosofia” de James Rachels.	15 minutos

1

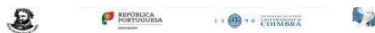


Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB|

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].  
Planificação de aula realizada pela professora estagiária Margarida Ochôa Nunes.  
Aula Nº11

	– O argumento ontológico de Santo Anselmo parte da afirmação de que Deus é “o ser maior do que o qual nada pode ser pensado.” – Com isto queremos dizer que Deus é o ser mais perfeito que existe.		
Formular argumento ontológico de Santo Anselmo de Cantuária	o <b>Leitura e análise do excerto 2:</b> “Se aquilo mais grandioso que o qual nada pode ser pensado existisse apenas no entendimento, este mesmo ser mais grandioso que o qual nada pode ser pensado seria algo mais grandioso que o qual algo pode ser pensado. Mas isto é obviamente impossível. Logo, não há dúvida que aquilo mais grandioso que o qual nada pode ser pensado existe tanto no entendimento como na realidade. Anselmo, “Proslogion II: 82”. O argumento ontológico de Santo Anselmo pode ser formulado da seguinte forma: 1) Deus existe no pensamento; 2) Se Deus existe no pensamento e não na realidade, então é concebível existir um ser mais perfeito do que Deus; 3) Mas não é concebível um ser mais perfeito do que Deus existir; 4) Logo, Deus existe na realidade.  Justificação de (1): A premissa (1) afirma que um ser maximamente perfeito existe, nalgum sentido, na mente daqueles que entendem o conceito de Deus; pois: para se afirmar ou negar a existência de um ser maximamente perfeito, deve-se compreender o que está a ser afirmado ou negado. Assim, um ser maximamente perfeito existe pelo menos como entidade mental, ou conceito, se é afirmado ou negado. Justificação de (2): Se afirmamos que Deus existe na mente, mas não na realidade, então estamos a alegar que podemos conceber algo mais perfeito do que Deus. Justificação de (3): Não podemos conceber um ser mais perfeito do que Deus porque Deus é o ser maximamente perfeito, o ser com todas as qualidades (como a onipotência, a onisciência e a suma bondade, entre outras).	Leitura e análise de um excerto da obra “Proslogion II: 82” de Anselmo de Cantuária.  Exposição oral dialogada com os alunos.	10 minutos
Reconhecer como é que o argumento ontológico responde ao problema da existência de Deus	O argumento ontológico responde ao problema da existência de Deus, na medida em que sustenta que a existência de Deus é necessária. A existência de Deus é necessária, na medida em que, se Deus não existisse ou se apenas existisse no nosso pensamento, mas não na realidade, não seria aquele ser maior do que o qual nada pode ser pensado, pois a perfeição necessita de englobar a existência. Caso contrário, não é perfeição. Por isso, tendo em conta que Deus é o ser maior do que o qual nada pode ser pensado, este necessita de existir necessariamente.	Exposição oral dialogada com os alunos.  Leitura e análise do último parágrafo da página 217 do manual.	5 minutos

2

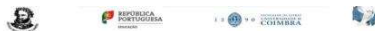


Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB|

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].  
Planificação de aula realizada pela professora estagiária Margarida Ochôa Nunes.  
Aula Nº11

<p>Identificar a principal crítica ao argumento ontológico</p> <p>-Formular a principal crítica ao argumento ontológico</p>	<p>A principal crítica apresentada ao argumento ontológico é a objeção de Gaunilo. A objeção de Gaunilo demonstra que, com a mesma estrutura lógica, conseguimos provar coisas que não existem. Para provar este ponto Gaunilo criou uma paródia.</p> <p>Estrutura lógica da objeção de Gaunilo:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. A Ilha Perfeita existe no pensamento;</li> <li>2. Se a Ilha Perfeita existe no pensamento e não na realidade, então uma ilha mais perfeita do que a Ilha Perfeita é concebível;</li> <li>3. Mas não é concebível uma ilha mais perfeita do que a Ilha Perfeita;</li> <li>4. Logo, a Ilha Perfeita existe na realidade.</li> </ol> <p><b>Leitura e análise do excerto 3:</b> “O que correu mal? Apesar de ser muito séria, a objeção de Gaunilo tem um defeito: não explica onde está o suposto erro no raciocínio de Anselmo. Limita-se a mostrar, se for bem-sucedida, que algo está errado, sem nos dizer o quê, exatamente. Vejamos então o que está errado na maneira de pensar de Anselmo. O âmago do seu argumento é a ideia de que a entidade maximamente excelente existe, porque é contraditório considerar que é possível que exista e ao mesmo tempo insistir que afinal não existe. Ora, a dificuldade é que o conceito de possibilidade aqui em questão é ambíguo: será possibilidade meramente lógica ou possibilidade real? Uma possibilidade meramente lógica diz respeito apenas ao que não se sabe por meios exclusivamente lógicos. Quando se diz que é logicamente possível um alfinete transformar-se num elefante cor-de-rosa, isto significa apenas que por meios exclusivamente lógicos não se sabe que isso não acontece. Mas, na realidade, isso não acontece; e não há boas provas de que é realmente possível. Quando se aceita a possibilidade da entidade maximamente excelente, aceita-se apenas que não se sabe por meios exclusivamente lógicos que ela não existe. Ora, pretender concluir seja o que for de substancial da mera ignorância é cometer a falácia do apelo à ignorância: «Não sei que não há extraterrestres azuis; logo, há extraterrestres azuis.» É falacioso concluir que existe uma entidade maximamente excelente só porque não se sabe que não existe, ou seja, só porque a sua existência é logicamente possível. Por isso, ao defender que essa entidade existe com base apenas na possibilidade meramente lógica de existir é cair na falácia do apelo à ignorância.”</p>	<p>Exposição oral dialogada com os alunos.</p> <p>Leitura e análise do texto complementar: “O que correu mal?” disponível no manual digital “O Espanto”.</p>	<p>15 minutos</p>
---	--	--	-------------------

3



Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB|

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].  
Planificação de aula realizada pela professora estagiária Margarida Ochôa Nunes.  
Aula Nº11

<p>Analisar a crítica apresentada por Immanuel Kant ao Argumento Ontológico</p>	<p>Quer Anselmo de Cantuária quer René Descartes, apresentam a “existência” como uma característica que se atribui a Deus. Contudo, há algo de incorreto em pensar na “existência” como uma coisa que se atribui a outra coisa. Quando se faz uma lista de características de uma cadeira, por exemplo, não colocamos lá o conceito de existência. A existência não é uma propriedade das coisas. Seria uma coisa existente que atribuímos a outras coisas existentes.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Mas isso significaria dizer que a existência é uma coisa que existe o que não faz sentido. Para Kant, afirmar a existência de uma coisa não acrescenta nada ao conceito dessa coisa: como se ver uma cadeira que realmente existe e que possui uma certa forma, cor, tamanho e peso não é diferente conceber uma cadeira com essas propriedades, mas que não existe. Se afirmarmos que Deus é onipotente, estamos a atribuir característica “onipotência” ao sujeito “deus”. Mas afirmámos “Deus existe” (ou “Deus é existente”) não estamos a acrescentar nenhuma característica a Deus.</li> </ul> <p>A existência não é uma propriedade das coisas como o peso, a forma ou a cor. Porém, o argumento ontológico trata este conceito como se o fosse.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Se a existência é uma perfeição, então “existe” é um predicado descritivo.</li> <li>2. Mas “existe” não é um predicado descritivo (pois, não caracteriza como são as coisas). Logo, a existência não é uma perfeição. (de 1 e 2, Modus Tollens)</li> </ol> <p>Isto é, para Immanuel Kant, pensamento e realidade são dois planos que não se podem confundir. Como este afirmou, a existência não é um predicado ou qualidade, mas a condição de possibilidade de atribuir predicados ou qualidades. Se imaginar que tenho cem euros no bolso, descrevo os mesmos cem euros tais como eles seriam se fossem reais e estivessem realmente no meu bolso. A diferença entre eles não é quanto aos predicados; é a diferença entre existirem de facto ou não; de estarem no meu bolso ou apenas nos meus sonhos e imaginação.</p> <p>Na mesma linha de pensamento, posso descrever Deus dizendo que Ele é onipotente, onisciente e sumamente bom, mas, se acrescentarmos «existência», nada acrescentamos ao conceito de Deus. Assim, o único modo pelo qual posso saber que Deus existe é através de uma experiência, não pelo exercício puro da razão. Por todas as perfeições pertencerem ao conceito de Deus, será que daí resulta que Deus existe na realidade? Se aceitarmos que a existência não é um predicado, teremos de reconhecer que não. Dizer que o conceito de Deus envolve todas as perfeições implica só um juízo hipotético: o de que, se Deus existir, terá, em virtude do seu conceito, todas as perfeições. A crítica de Kant pode suscitar a seguinte questão: o que poderemos dizer acerca</p>	<p>Exposição oral dialogada com os alunos.</p> <p>Apresentação de diversas imagens no Powerpoint.</p>	
---	---	---	--

4



Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB|

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].

Planificação de aula realizada pela professora estagiária Margarida Ochôa Nunes.

Aula Nº11

	dos seres ficcionais, ou seja, do mesmo modo que, se uma sereia existisse, teria todos os atributos próprios de uma sereia, porém daí nada se segue quanto à sua existência, ou quanto à existência de Deus.		
Realizar exercícios de recapitulação referentes aos conteúdos da aula	Recapitulação de conceitos e ideias fundamentais para a consolidação da aprendizagem do argumento ontológico.	Realização dos exercícios presentes na página do manual 219.	25 minutos

**Recursos Utilizados:**

- Manual: “Espanto” (11º ano) dos autores Aires Almeida e Desidério Murcho.
- Powerpoint elaborado pela Professora Estagiária, sendo que o mesmo contém diapositivos com os seguintes textos:

**Excerto 1:** “Anselmo sugeriu que devemos entender Deus como «aquele maior do que o qual nada se pode conceber». Por outras palavras, Deus tem todas as perfeições possíveis: é perfeito no conhecimento, no poder, na bondade e em todos os outros aspetos imagináveis. Torná-lo melhor de alguma forma é inconcebível. Além disso, Anselmo sustentou que isto é verdadeiro por definição — tentar imaginar Deus com uma imperfeição é como tentar imaginar um solteiro casado ou um triângulo com cinco lados. Podemos seguramente imaginar um ser semelhante a Deus que não possui alguma perfeição, mas nesse caso não estaremos a pensar em Deus. O conceito de Deus é o conceito de um ser perfeito, tal como o conceito de solteiro é o conceito de um homem não casado ou o conceito de triângulo é o conceito de uma figura com três lados. Mas Anselmo reparou que algo notável parece seguir-se disto: se um ser é perfeito por definição, então esse ser tem de existir. Afinal, se não existisse, não seria perfeito. (Os seres que não existem são, pelo menos neste aspeto, inferiores aos seres que existem.) Por esta razão, é impossível que Deus não exista”. James Rachels, Problemas da Filosofia.

**Excerto 2:** “Se aquilo mais grandioso que o qual nada pode ser pensado existisse apenas no entendimento, este mesmo ser mais grandioso que o qual nada pode ser pensado seria algo mais grandioso que o qual algo pode ser pensado. Mas isto é obviamente impossível. Logo, não há dúvida que aquilo mais grandioso que o qual nada pode ser pensado existe tanto no entendimento como na realidade. Anselmo, “Proslogion II: 82”.

**Excerto 3:** “O que correu mal? Apesar de ser muito séria, a objeção de Gaunilo tem um defeito: não explica onde está o suposto erro no raciocínio de Anselmo. Limita-se a mostrar, se for bem-sucedida, que algo está errado, sem nos dizer o quê, exatamente. Vejamos então o que está errado na maneira de pensar de Anselmo. O âmago do seu argumento é a ideia de que a entidade maximamente excelente existe, porque é contraditório considerar que é possível que exista e ao mesmo tempo insistir que afinal não existe. Ora, a dificuldade é que o conceito de possibilidade aqui em questão é ambíguo: será possibilidade meramente lógica ou possibilidade real? Uma possibilidade meramente lógica diz respeito apenas ao que não se sabe por meios exclusivamente lógicos. Quando se diz que é logicamente possível um alfinete transformar-se num elefante cor-de-rosa, isto significa apenas que por meios exclusivamente lógicos não se sabe que isso não acontece. Mas, na realidade, isso não acontece; e não há boas

5



Ano Letivo 2022/2023 | 11ºB|

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].

Planificação de aula realizada pela professora estagiária Margarida Ochôa Nunes.

Aula Nº11

provas de que é realmente possível. Quando se aceita a possibilidade da entidade maximamente excelente, aceita-se apenas que não se sabe por meios exclusivamente lógicos que ela não existe. Ora, pretender concluir seja o que for de substancial da mera ignorância é cometer a falácia do apelo à ignorância: «Não sei que não há extraterrestres azuis; logo, há extraterrestres azuis.» É falacioso concluir que existe uma entidade maximamente excelente só porque não se sabe que não existe, ou seja, só porque a sua existência é logicamente possível. Por isso, ao defender que essa entidade existe com base apenas na possibilidade meramente lógica de existir é cair na falácia do apelo à ignorância.” “O que correu mal?” Disponível no manual digital “O Espanto”.

- Youtube:

Vídeo explicativo e sintetizador do Manual Digital “Em questão” acerca do argumento Ontológico: <https://app.escolavirtual.pt/reader/index.html>

## Anexo 9: Planificação referente à atividade realizada no dia 08 de março.



Ano Letivo 2022/2023 | 15/03/2023 | 11ºB |

IV. A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião].

Sumário	Realização da atividade: “Porque é que conhecemos tão poucas filósofas?”.			
Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo
<p>Problematicar a questão principal da atividade.</p> <p>Compreender a importância deste problema.</p> <p>Investigar as informações necessárias de modo a preencher o documento solicitado.<sup>1</sup></p>	<p>- Algumas das questões que serão colocadas aos estudantes são as seguintes: “Alguém conhece uma filósofa?”, “Acham que existiram muitas filósofas ao longo da história?”, “Porque é que acham que não conhecem mais e porque é que continuamos sem as conhecer?”.</p> <p>- Através deste momento de problematização procura-se incentivar nos estudantes o <b>pensamento crítico e pensamento criativo</b>, bem como o <b>relacionamento interpessoal</b>, por meio da cooperação que os mesmos devem desempenhar entre si, de modo a realizarem esta atividade, ademais este projeto impulsiona e visa incitar o <b>desenvolvimento pessoal e autonomia</b> dos alunos, visto que devem ser capazes de estabelecer relações entre conhecimentos, emoções e comportamentos de modo a responder as questões colocadas.</p> <p>O aluno através desta investigação, sustentada por meios informáticos, como o computador e materiais físicos, como livros, irá conhecer a filósofa que lhe foi atribuída.</p>	<p>Exposição dialogada com os alunos, através de diversas questões as quais os mesmos deverão procurar responder.</p> <p>Preenchimento dos espaços, como sugere a atividade (encontra-se em anexo o protótipo da atividade), com informações acerca de uma determinada filósofa.</p>	<p>- Folhas de papel. (pretende-se que sejam preenchidas pelos estudantes).</p> <p>- Cartolina.</p> <p>- Computadores.</p> <p>- Powerpoint.</p>	20 minutos
<p>Apresentar os documentos criados por todos os alunos.</p>	<p>No final da atividade pretende-se que o documento criado por cada aluno seja apresentado (em aula – cada aluno deve apresentar e ler as informações que retirou, e posteriormente, à comunidade escolar, através da exposição da atividade num espaço público, como a biblioteca).</p>	<p>Apresentação de cada aluno do seu projeto para a turma inteira.</p> <p>Os alunos deverão comentar e dialogar entre si acerca dos documentos criados.</p> <p>Por fim, pretende-se que o projeto seja exposto na biblioteca escolar.</p>	<p>- Powerpoint.<sup>2</sup></p> <p>- Folhas de papel (preenchidas com os documentos criados pelos alunos).</p>	30 minutos

### Anexos:

#### 1. Exemplo do documento completo e do documento incompleto.

#### 2. Diapositivos do Powerpoint referente à aula.



<sup>2</sup> Disponível em anexo.

Planificação de aula realizada pela professora estagiária Margarida Ochóa Nunes.

**Anexo 10: Exemplo do documento completo e do documento incompleto referentes a atividade realizada no dia 08 de março de 2023.**

UK – UNITED KINGDOM		CARTÃO DE CIDADÃO CITIZEN CARD	
APELIDO(S) WOLLSTONECRAFT			
NOME(S) MARY			
	SEXO F	NACIONALIDADE UK	DATA DE NASCIMENTO 17/04/1759
PRINCIPAL OBRA/FEITO <i>Uma Reivindicação Pelos Direitos Da Mulher (1792)</i>		DATA DE FALECIMENTO 10/09/1797	
			

UK – UNITED KINGDOM

DESCRIÇÃO DA HISTÓRIA DA CIDADÃ

Mary Wollstonecraft: Uma das grandes figuras do mundo moderno, escreveu romances, contos, ensaios, tratados, um diário de viagem e um livro de literatura infantil. Na sua obra *Uma reivindicação dos direitos das mulheres* (1792), argumenta que as mulheres não são por natureza inferiores aos homens, mas poderão aparentar ser porque não recebem o mesmo tipo de educação. Nas suas obras, a autora criou uma ordem social baseada na razão e, justamente, com esta obra estabeleceu as bases do feminismo moderno e com a qual se tornou uma das mais importantes filósofas de sempre.



## Anexo 11: Diapositivos do Powerpoint referente à aula / atividade de dia 08 de março.

UK - UNITED KINGDOM			CARTÃO DE CIDADÃO CITIZEN CARD	
APELIDO(S) WOLLSTONECRAFT				
NOME(S) MARY				
	SEXO	NACIONALIDADE	DATA DE NASCIMENTO	
	F	UK	1704/1750	
PRINCIPAL OBRA/FEITO			DATA DE FALECIMENTO	
<i>Uma Reivindicação Pelos Direitos Das Mulheres (1792)</i>			10/09/1797	
				
UK - UNITED KINGDOM				
DESCRIÇÃO DA HISTÓRIA DA CIDADÃ				
<p><b>Mary Wollstonecraft:</b> Uma das grandes figuras do mundo moderno, escreveu romances, contos, ensaios, tratados, um diário de viagem e um livro de literatura infantil. Na sua obra <i>Uma reivindicação dos direitos das mulheres</i> (1792), argumenta que as mulheres não são por natureza inferiores aos homens, mas poderão aparentar ser porque não recebem o mesmo tipo de educação. Nas suas obras, a autora criou uma ordem social baseada na razão e, justamente, com esta obra estabeleceram as bases do feminismo moderno e com a qual se tornou uma das mais importantes filósofas de sempre.</p>				





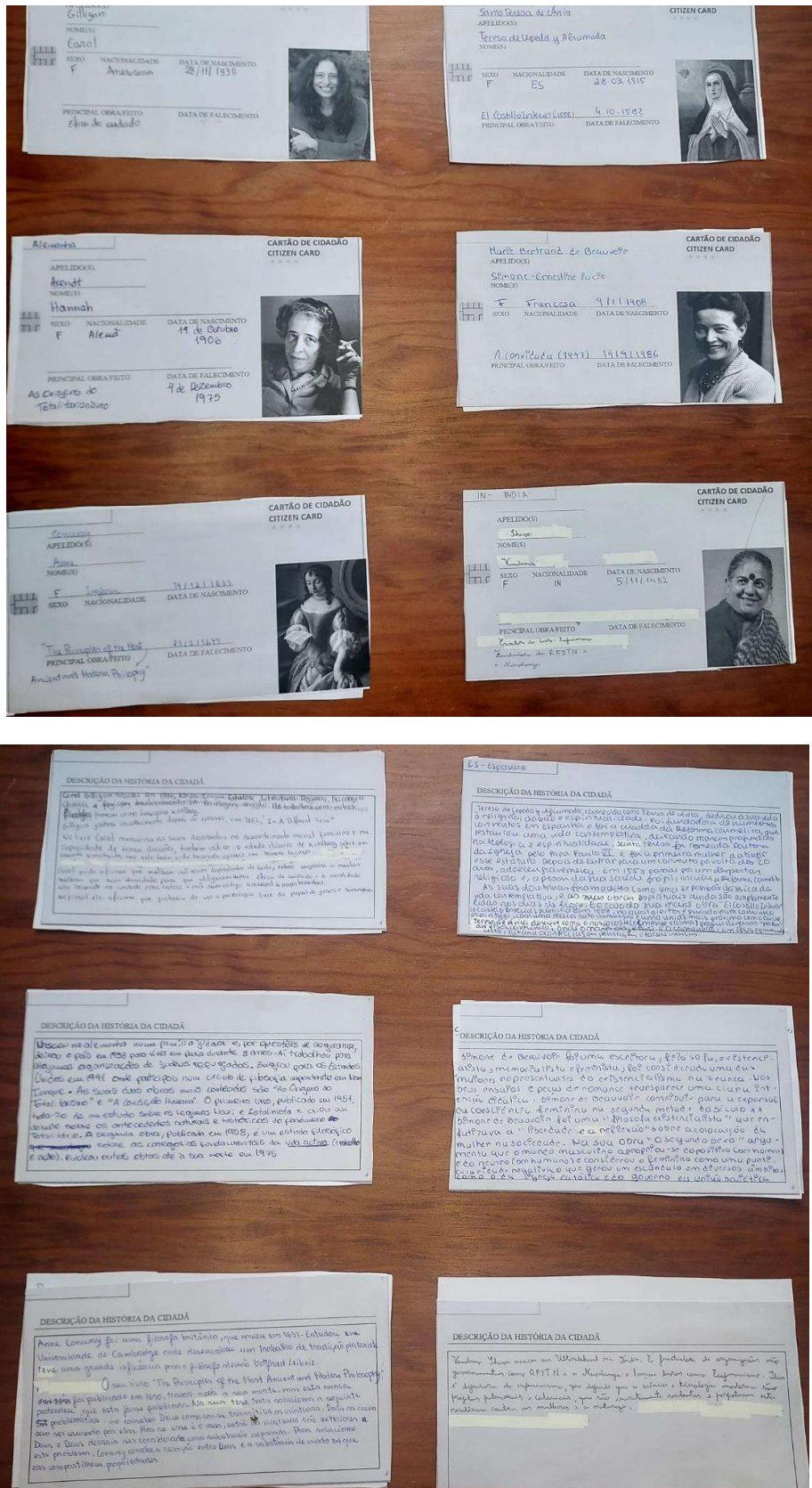
**Anexo 12: Lista dos alunos e as Filósofas atribuída aos mesmos.**

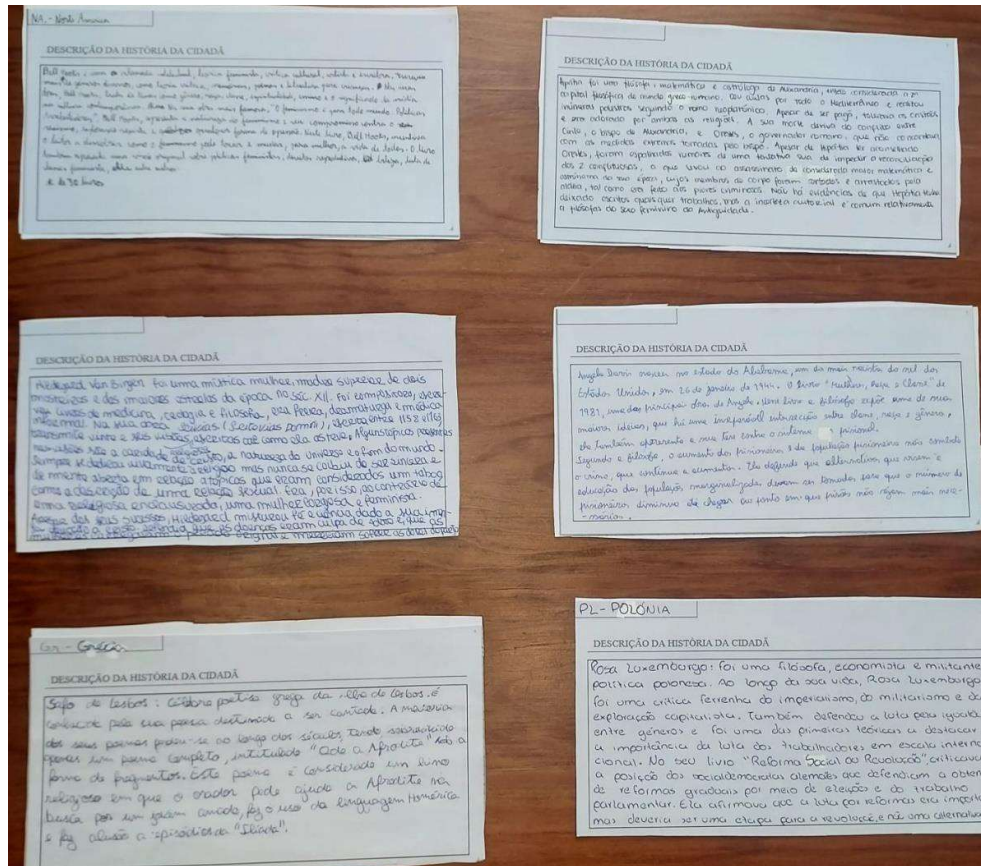
Nomes	Filósofa sorteada	Apresentação final (0-200%)
1. Ana Pita	Elizabeth De Boémia	180 %
2. André Pagaimo	Rosa Luxemburgo	190 %
3. Ásia Galante	Judith Butler	200%
4. Carolina Guimarães	Safo De Lesbos	180%
5. Clara Antunes	Hildegarda Van Bingen	190 %
6. Duarte Pereira	Diotima De Mantineia	200%
7. Francismo Sousa	Vandana Shiva	190%
8. Guilherme Duque	Olympe De Gouges	200%
9. Guilherme Neves	Angela Davis	200%
10. Jacira Costa	Carol Gilligan	190%
11. Leticia Silva	Simone De Beauvoir	190%
12. Lúcia Mendes	Mary Astell	200%
13. Madalena Bernardes	Maria Luísa Ribeiro Ferreira	180%
14. Madalena Monteiro	Hannah Arendt	180 %
15. Manuel Ferreira	Bell Hooks	190%
16. Maria Santos	Hipátia De Alexandria	200%
17. Maria Nunes	Santa Teresa D'avila	200%
18. Raquel Antunes	Anne Conway	190%
19. Rita Henriques	Christine Pizan	180%
20. Rita Sousa	Harriet Taylor	200 %

**Descritores de avaliação (total 200%)**

- Excelente participação, entusiasmo e envolvimento na tarefa proposta: 200 %
- Muito boa participação, entusiasmo e envolvimento na tarefa proposta: 190 %
- Boa participação, entusiasmo e envolvimento na tarefa proposta: 180 %

Anexo 13: Cartões criados pelos alunos ao longo da atividade de dia 08 de março.





*Francisca*  
**CARTÃO DE CIDADÃO**  
 CITIZEN CARD  
 APELIDO(S) Alves de Sousa  
 NOME(S) Francisca  
 SEXO F NACIONALIDADE Francisca DATA DE NASCIMENTO 07/05/1948  
 PRINCIPAL OBRA/FEITO Definição da Legião de Mulheres e da Cidadã DATA DE FALECIMENTO 03/09/1993

**CARTÃO DE CIDADÃO**  
 CITIZEN CARD  
 APELIDO(S) Pagan  
 NOME(S) Christine  
 SEXO F NACIONALIDADE Portugal DATA DE NASCIMENTO 11 Setembro de 1964  
 PRINCIPAL OBRA/FEITO "O Livro da Cidade de Senfosa" DATA DE FALECIMENTO 1930

**CARTÃO DE CIDADÃO**  
 CITIZEN CARD  
 APELIDO(S) Butler  
 NOME(S) Judith  
 SEXO F NACIONALIDADE EUA DATA DE NASCIMENTO 24.02.1956  
 PRINCIPAL OBRA/FEITO Problemas de género (1990)

**PT - Portugal**  
**CARTÃO DE CIDADÃO**  
 CITIZEN CARD  
 APELIDO(S) Luísa Pereira  
 NOME(S) Luísa  
 SEXO F NACIONALIDADE PT DATA DE NASCIMENTO 1944  
 PRINCIPAL OBRA/FEITO As mulheres na filosofia (2009)

**GER - Germany**  
**CARTÃO DE CIDADÃO**  
 CITIZEN CARD  
 APELIDO(S) de Bodmer  
 NOME(S) Elisabeth  
 SEXO F NACIONALIDADE GER DATA DE NASCIMENTO 26.12.1618  
 PRINCIPAL OBRA/FEITO Correspondências com Descartes DATA DE FALECIMENTO 11.02.1680

**CARTÃO DE CIDADÃO**  
 CITIZEN CARD  
 APELIDO(S) Taylor  
 NOME(S) Hariet  
 SEXO F NACIONALIDADE Britânica DATA DE NASCIMENTO 8 de outubro de 1804  
 PRINCIPAL OBRA/FEITO escreveu o livro "A sujeira das mulheres" DATA DE FALECIMENTO 3 de novembro de 1858

**CARTÃO DE CIDADÃO**  
 CITIZEN CARD  
 APELIDO(S) Atell  
 NOME(S) Mary  
 SEXO F NACIONALIDADE inglesa DATA DE NASCIMENTO 12/11/1666 (Newcastle)  
 PRINCIPAL OBRA/FEITO "A Serious Proposal to the Ladies for the Advancement of their Mind and Greatest Interest" (1694, 1697) DATA DE FALECIMENTO 11/05/1731 (64 anos) (London)

**CARTÃO DE CIDADÃO**  
 CITIZEN CARD  
 APELIDO(S) de Montaigne  
 NOME(S) Dolores de Montaigne  
 SEXO F NACIONALIDADE frança DATA DE NASCIMENTO 480 a.c  
 PRINCIPAL OBRA/FEITO Essaia de amor DATA DE FALECIMENTO 428 a.c

France

DESCRIÇÃO DA HISTÓRIA DA CIDADÃ

Olympe de Gouges foi uma escritora e ativista política francesa, nasceu em 1748. Conhecida pela sua obra "Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã", incluiu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã em 1793. Foi considerada a primeira filósofa francesa. A obra foi considerada um manifesto das ideias feministas e defensoras dos Direitos Humanos.

DESCRIÇÃO DA HISTÓRIA DA CIDADÃ

Cristina Rizzo era conhecida por crítica e pioneira na defesa do papel das mulheres na sociedade. A sua obra, "O Livro de Cidades de Mulheres" é composta por melhores argumentos, conta a importância da mulher e trata como um livro de constituição das melhores formas, e cada mulher é vista como um livro de constituição da sua cidade, para as cidades das casas mas para o mesmo efeito de ação em relação às mulheres, defendendo que deve haver a mesma atuação tanto para os homens como para as mulheres, sendo esta a sua melhor obra. Os seus trabalhos mais destacados incluem "O Livro das Cidades" e "O Livro das Mulheres".

DESCRIÇÃO DA HISTÓRIA DA CIDADÃ

Judith Butler ficou especialmente conhecida pela sua obra "Problemas de Género". Este livro foi publicado em 1990 e vendeu mais de 100.000 cópias. Nesta obra, Butler explora e desmonta a ideia entre "género e sexo", defendendo que o género é uma construção social e chega mesmo a comparar este conceito a uma performance teatral. "Problemas de Género" teve um grande impacto nos estudos e nos movimentos feministas e LGBTQIA+, e é considerado o livro que fundou a teoria queer. Em Portugal, este livro foi publicado pela primeira vez em 2017 pela editora Orfeu Negro.

DESCRIÇÃO DA HISTÓRIA DA CIDADÃ

Luiza Ribeiro Ferreira foi professora de filosofia moderna na Universidade de Lisboa. Uma das suas obras mais conhecidas é "As Mulheres na Filosofia" (2009) que resultou de uma investigação que se desenvolveu alguns anos, com ela pretende-se tornar visível a presença das mulheres na filosofia, indagando-se com a problematização de feminismo como filosofia. Luiza Ribeiro Ferreira contribui assim com a sua obra para uma filosofia não sexista, não heteronormativa, anti-patriarcal e pós-antropocêntrica, ou seja, uma filosofia menos perconceitual.

GER - Germany

DESCRIÇÃO DA HISTÓRIA DA CIDADÃ

Elisabethe de Boemia, Princesa de Herford nasceu em Heidelberg no Alemanha no século XIII. Reinou de 1250 a 1252, após a sua morte. Como Princesa, Elisabethe de Boemia teve acesso a uma educação que incluiu filosofia, astronomia, matemática, história e línguas clássicas. Em 1253 foi pedida em casamento pelo rei da Boémia, ao qual recusou devido a questões de religião. O seu papel principal na história da filosofia foi a sua correspondência com Descartes. Elisabethe escreveu-lhe pela primeira vez questionando a sua ideia de como o corpo e o alma interagem. A correspondência continuou pois Elisabethe não se conformou como resposta. Descartes viu assim a oportunidade de responder a um conceito sobre o tema da consciência que ela possuía no século anterior ao período em que escreveu. Elisabethe foi grande crítica ao período da filosofia que se desenvolveu nos seus pensamentos, nestas cartas que abordam a sua correspondência.

DESCRIÇÃO DA HISTÓRIA DA CIDADÃ

Harriet Taylor Mill foi uma filósofa e defensora das mulheres. Não se tornou assim a primeira pessoa a produzir uma petição requerendo votos a favor das mulheres, e defendeu também o direito das mulheres no sentido de serem autorizadas a tomar parte no governo. Foi casada com John Stuart Mill, que foi um dos mais proeminentes pensadores do séc. XIX. Escreveu também a obra "A subjeção das mulheres" que falava sobre o facto das mulheres serem privadas de quaisquer direitos e os homens não se lhes exigiam obediência como afecto.

DESCRIÇÃO DA HISTÓRIA DA CIDADÃ

→ no século XVIII sobre a sua vida (muito se discute) → séc. XVII → a igreja dominava → religião → mesma cultura protestante, por se ter de lado o advento da religião como feminista → uniu-se a religião protestante e religiosa, mesma visão feminista → não aceitava que a intelectualidade era o melhor caminho para servir a sua comunidade em questões políticas, educação, religião e mesmo a vida moral e pedagógica. → Na sua obra "A origem natural do direito do homem" (1789) e "A origem natural do direito do homem" (1789), mostra a natureza de uma instituição para a educação feminina, nas palavras de Leibniz e o ajustamento de valores morais femininas e femininas. → Representando a religião do século XVIII, que se dedica a ensinar como as mulheres devem ser educadas e formar a sua vida → dependem a qualidade intelectual, moral, e humoral.

DESCRIÇÃO DA HISTÓRIA DA CIDADÃ

Diótima de Mantinea foi uma filósofa e sacerdotisa de grande antiguidade que esteve presente na obra de Platão "O Banquete" através das palavras de Sócrates. Sócrates disse que Diótima foi quem lhe ensinou, na sua juventude, a "filosofia do amor". Muitos consideram a sua existência e consideram que o seu saber do Amor é de carácter de género seguramente feminino. Diótima de Mantinea entende que o amor não é nem bonito nem bom. O amor apenas nos leva a procurar a beleza, primeiro a beleza terrena. Então, sobre por degraus na escada do amor, quando um amante cessa em subordinação, a beleza procurada é espiritual.